

REVISTA DA SEMANA

N.º 26

CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

25-6-49



**UM BELO
PRESENTE**

O ALBUM DE "A CENA"

UM RICO BRINDE DE A CENA MUDA AOS SEUS LEITORES; UM PRESENTE ESPECIAL PARA AS FÉRIAS DO MEIO DO ANO COM 100 PÁGINAS.

RETRATOS DOS GRANDES ARTISTAS DA TELA, DO RÁDIO, DO TEATRO, DA MÚSICA EM PÁGINAS INTEIRAS, MUITAS DELAS COLORIDAS, COM BIOGRAFIAS NO VERSO.

A HISTÓRIA DO CINEMA EM DIVERSOS PAÍSES DO MUNDO.

MANDE DESDE JÁ RESERVAR O SEU EXEMPLAR.

O MARAVILHOSO ALBUM SERÁ VENDIDO EM TODOS OS POSTOS DE VENDA DE REVISTAS DO BRASIL AO PREÇO DE CR\$ 20,00. ESTARÁ À VENDA EM TODO O BRASIL NO FIM DESTES MÊS.



PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO À

Companhia Editora Americana
Rua Visconde de Maranguape, 15 - Rio

QUAL SERÁ O TIPO BRASILEIRO?

SÃO tantos os elementos etnogênicos que entraram na formação do tipo característico do "homo brasiliensis" que, em verdade, não se pode asseverar que o povo brasileiro possua um tipo determinado.

Quem viaja pelos nossos Estados, vai observando que a raça se modifica na direção dos tipos alourados do Paraná para o sul, com predominância nos centros litorâneos de Santa Catarina e Rio Grande.

São Paulo se apresenta com um índice de confusão étnica desorientadora; Minas é todinha cabocla; do Rio para o norte é o Brasil composto de elementos variados e complexos, não havendo um tipo verdadeiramente brasileiro.

Os Estados do Nordeste, especialmente o do Ceará, já constituíram núcleos de geogenia nativa; mas em todos eles o sangue advena, a mistura do europeu com o índio e o negro, se manifesta nítido, perturbando qualquer predominância nativista.

Todos sabemos que holandeses, portugueses, espanhóis e franceses deixaram contingentes etnogênicos nas populações do Nordeste, descendentes desses que se foram cada vez mais misturando com outros elementos mestiços, dando em resultado uma raça indefinível cujos caracteres morfogênicos apresentam, por véses, surpreendentes tipos no seio do povo.

Já tivemos ocasião de ver, na pequenina cidade litorânea de Pôrto de Pedra, em Alagoas, um pretinho de dez anos, retinto como asa de anhum, mas com olhos azuis da cor do céu.

O elemento aborígene, que deveria ter representado na formação do nosso povo papel dos mais preponderantes, não pôde fazer nada de notável do ponto de vista da exogamia. Os índios não eram prósperos fáceis ao conquistador que nos vinha colonizar, e seus hábitos sempre constituíram uma parede contra as uniões proliferadoras.

O elemento negro também só participava desse congresso para a formação de nova raça como figura de contribuição ilícita e entrando já nas camadas de sub-raças saídas do amálgama etnogênico dos primeiros séculos de nossa existência.

No extremo norte as populações são deploravelmente rarefeitas e os civilizados desprezam o elemento nativo, buscando outros tipos já sob aspectos de misturas indefiníveis.

Tudo isso é natural. O homem que procura constituir família o faz sempre no sentido da beleza, o que é uma das maneiras mais curiosas que a humanidade tem para, cada vez mais, aperfeiçoar os tipos. E o nosso índio é de feição geralmente feia, com rosto denotando origens mongólicas, de tribos que há milênios vieram dos mares da Ásia através das ilhas aléuticas até ao oeste brasileiro. Há mesmo quem descubra em sua língua monossilábica e certas raízes etimológicas, semelhanças com idiomas orientais da orla dominada pelos japoneses e chineses. Mas isso é outro assunto.

Não possuímos, em verdade, um tipo claramente brasileiro. O moreno, que para muitos seria o nosso, é indefinido, pois uma raça não se caracteriza apenas pela epiderme. Devem entrar nessa classificação diversos fatores: estatura, cabelos, ângulo facial, conformação craniana, linhas da face, do nariz, queixo, enfim tudo o que ensinam a frenologia e a antropologia.

Ora, um tipo moreno, por si só, não pode ser considerado o do brasileiro. De onde resultou? Do branco com o caboclo? Do caboclo com o cafuso? Do cafuso com o branco? Do europeu do sul? Do europeu do norte? Da Alemanha? Da Holanda? É difícil de destringir esse problema genésico.

Por esse motivo não sabemos por que no recente concurso para a eleição de Miss Brasil predominou o critério de ser escolhido de preferência um tipo moreno como o legítimo representante de nossa raça. Para mim de todas as "misses" sob prova, a mais bela foi a do Amazonas. Mas, segundo os juizes, não pôde conquistar, sequer, o terceiro lugar porque era loura...

Nada tenho que ver com esse lindo certame de beleza; mas teria sido mais acertado que uma das cláusulas estabelecesse previamente: "Somente podem concorrer as jovens de tipo moreno".

Devemos a dizer que somos um povo sem preconceitos de raça e de cor. Entretanto elegemos uma "Miss Brasil" muito linda, evidentemente, mas que sobrepujou outras muito graciosas e belas, simplesmente porque era mais **tipo brasileiro**... É curioso acrescentar que a senhorita Jussara é descendente de espanhóis, o que denota o sobrenome **Marquez** (com z final) e revelam aqueles olhos, tão evidentemente de autêntica andaluza!

Não vemos, pois, motivo plausível para que se desprezem as louras, as negras de linhas perfeitas, as índias do Roncador, as cafusas do rio das Velhas, as paroaras do Amazonas...

Qualquer desses cadinhos poderá sair uma "Miss Brasil", se quisermos ser honestos e menos pretensiosos.

RENATO DE ALENCAR ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

S U M Á R I O

SEÇÕES PERMANENTES

Qual será o tipo brasileiro? (Renato de Alencar)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
Correio da REVISTA	47

REPORTAGENS

O último argumento dos reis (Milton Pedrosa)	4/ 6
Carlos Lacerda, o político e o jornalista (Luis Moreno)	32/39
Uma escola de elegância feminina (Harold Green)	55/58

CARICATURA

Cartas (Théo)	7
Bom humor	11
O mundo manca e a mula murcha	54

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária (E. Catete Reis)	14

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

CINEMA

Cine-Revista	16/17
--------------------	-------

RÁDIO

Broadcast (A. Migueis)	18
------------------------------	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Noites frias	20
A versatilidade dos "tailleurs"	21
Para todas as horas	22
Detalhes e novidades	23
O amor é assim	23
Os problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	24
Oito pontos de beleza	24
Chapéus de inverno	25
Week-end na cozinha	25
O "manteau"	26
"Tailleurs" e "habillés"	27
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	28
Interiores	28
Blusas	29
Mães e filhos	29
"Cocktail"	40
"Tailleurs" esportivos	41

CONTOS

A dançarina do taxi-girl (Alduino de Campos)	30/31
Os importantes (Teresa de Almeida)	42

NOVELA

Alucinação (Júlia Lefranc)	44
----------------------------------	----

MÚSICA

A música perante a Justiça (R. Lyra Filho)	45
--	----

TEATRO (José Fomm)

.....	46
-------	----

ARTES PLÁSTICAS

Dois pintores	47
---------------------	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu	50
-----------------------------	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	50
---	----

ILUSTRADORES

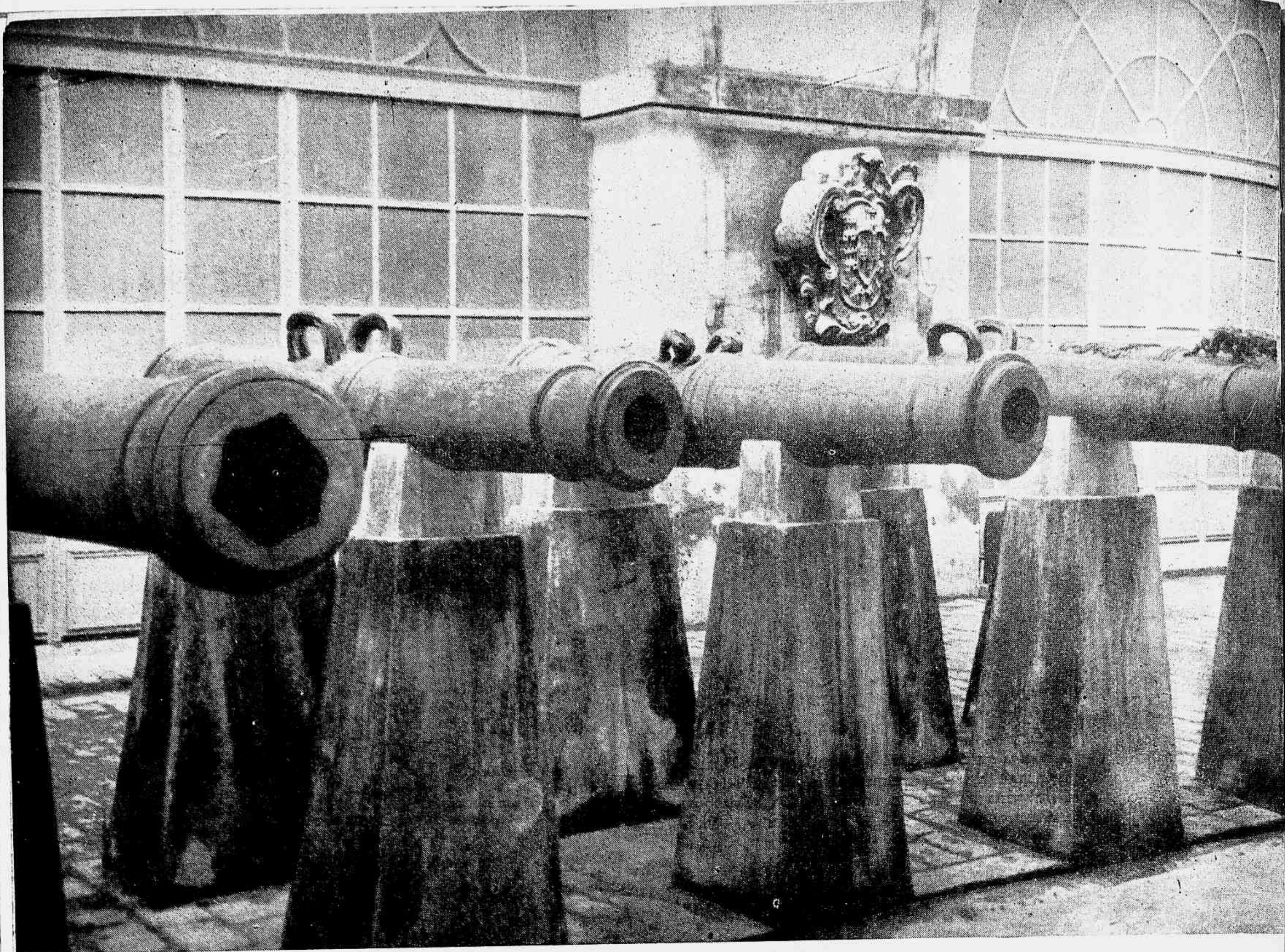
Osvaldo Cunha
Renato Silva
Orlando Matos

REVISTA DA SEMANA



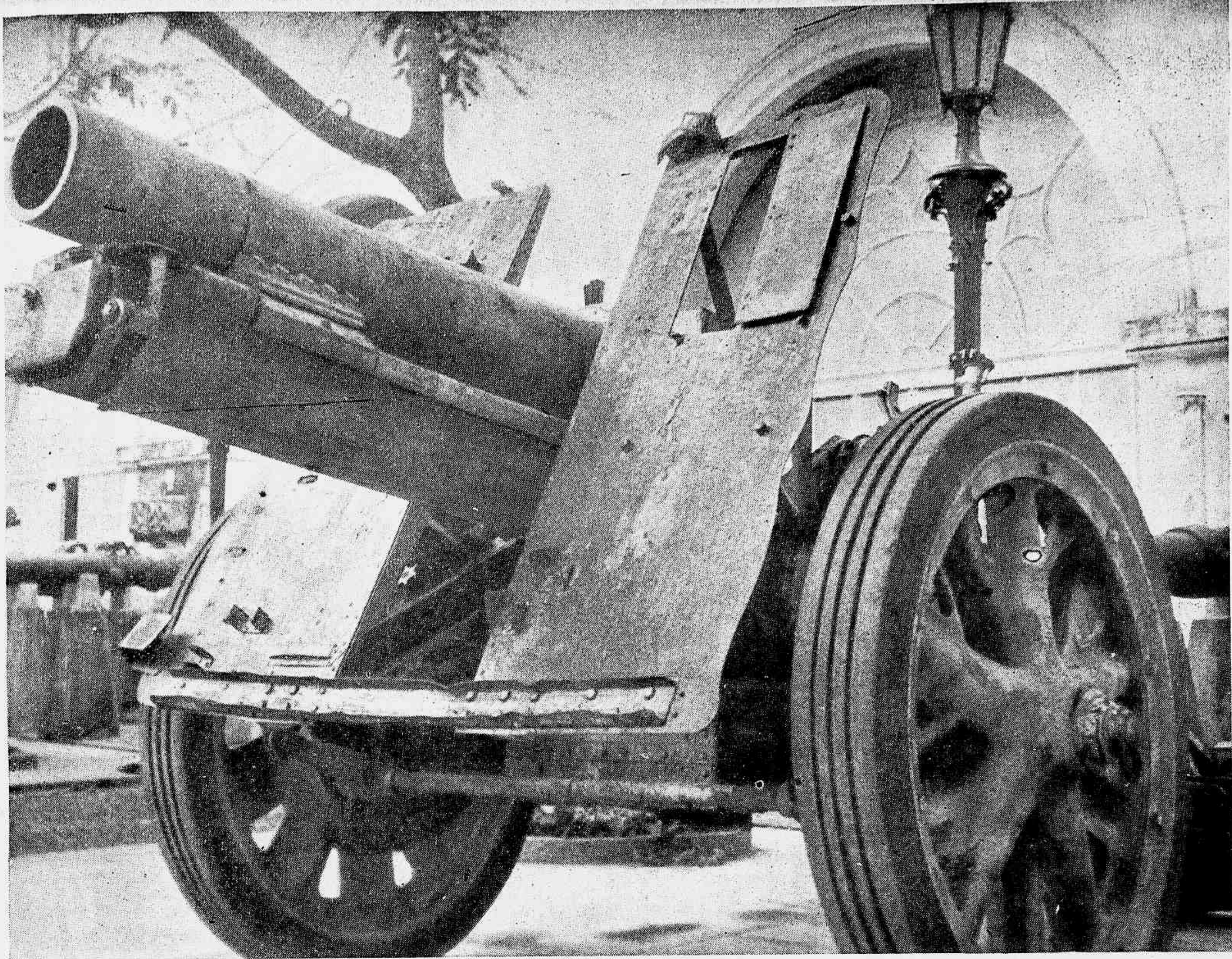
NOSSA CAPA

Jennifer Jones, talentosa intérprete do cinema dramático e que se celebrizou com o seu primeiro papel na película "A Canção de Bernadette", ilustra a capa de nossa presente edição. Jennifer será brevemente vista em "Duelo ao sol", o discutido e famoso filme de David. O. Selznick.



Em cima: No pátio interno, as bocas de fogo jazem solenemente. Em baixo: Sob copadas árvores, os canhões enfrentam o tempo que sôbre eles passa





Este serviu na Itália, durante o último conflito e é um troféu da Fôrça Expedicionária Brasileira

O ÚLTIMO ARGUMENTO DOS REIS

TOCA hoje falar de canhões, antigamente o último argumento dos reis. Antigamente, pois que hoje existem poucos reis e cada vez menos argumentam eles, que essa faculdade, cada dia que passa, mais aumenta nos povos, no homem comum, nada aristocrático, que vive no meio da rua, discute futebol, grita e esperneia quando sobe o preço das utilidades.

Não se trata, pois, de canhões — "canos grossos das asas das aves", nem da "extremidade da manga do vestuário que é ou finge ser sobreposta ou revirada para fora", nem da "peça de metal de certas fechaduras", como informam os dicionários. Mas de canhões de artilharia, de

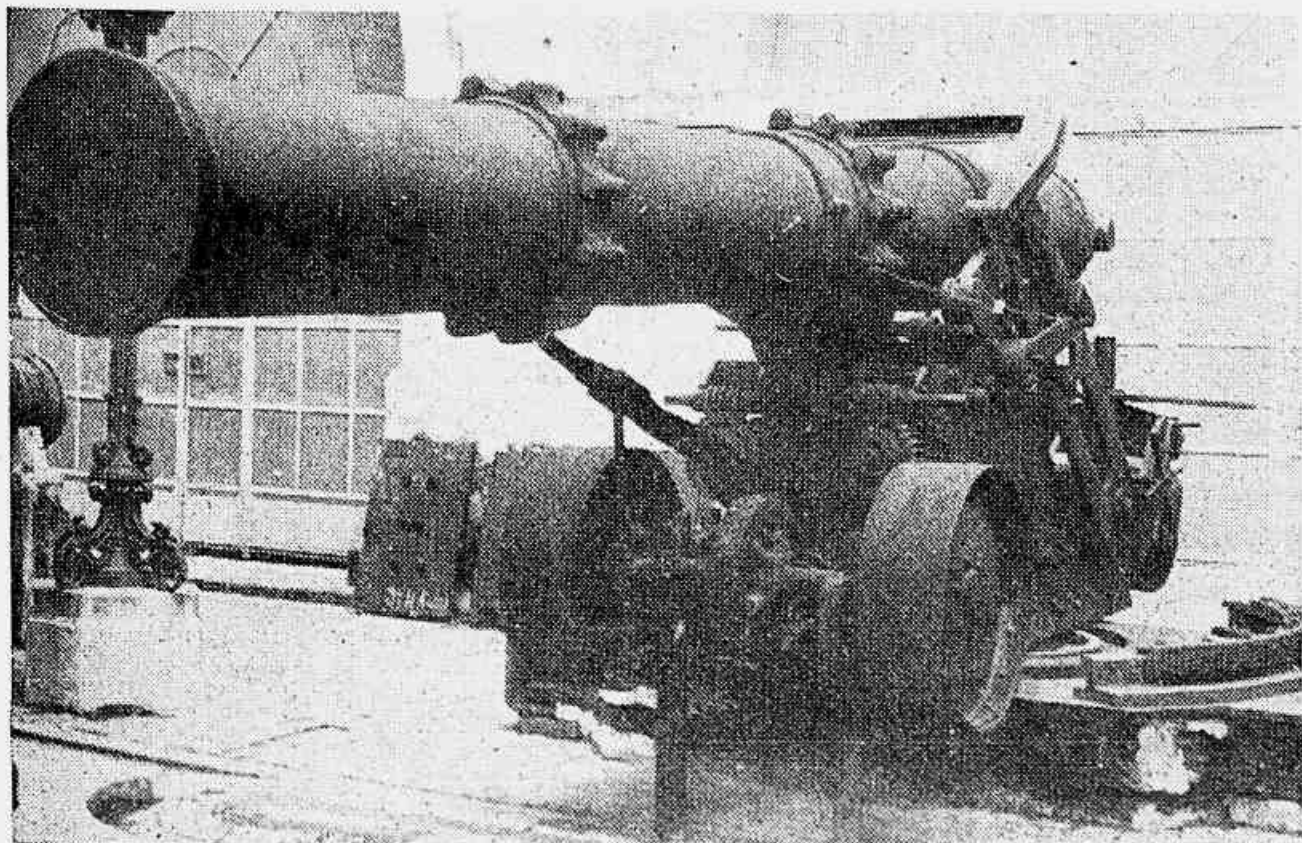
A HISTÓRIA DAS BOCAS DE FOGO É UMA HISTÓRIA DE DESTRUIÇÃO E MORTE ★ SOB ÁRVORES FRONDOSAS, REPOUSAM VELHOS CANHÕES, COMO ANIMAIS CANSADOS ★ CADA VEZ MAIS OS REIS TÊM MENOS ARGUMENTOS ★ PEÇAS FAMOSAS NO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL ★ OH, NÃO INTERROGUEIS ESSAS BOCAS DE FOGO

Reportagem de MILTON PEDROSA
Fotos de ARNALDO VIEIRA

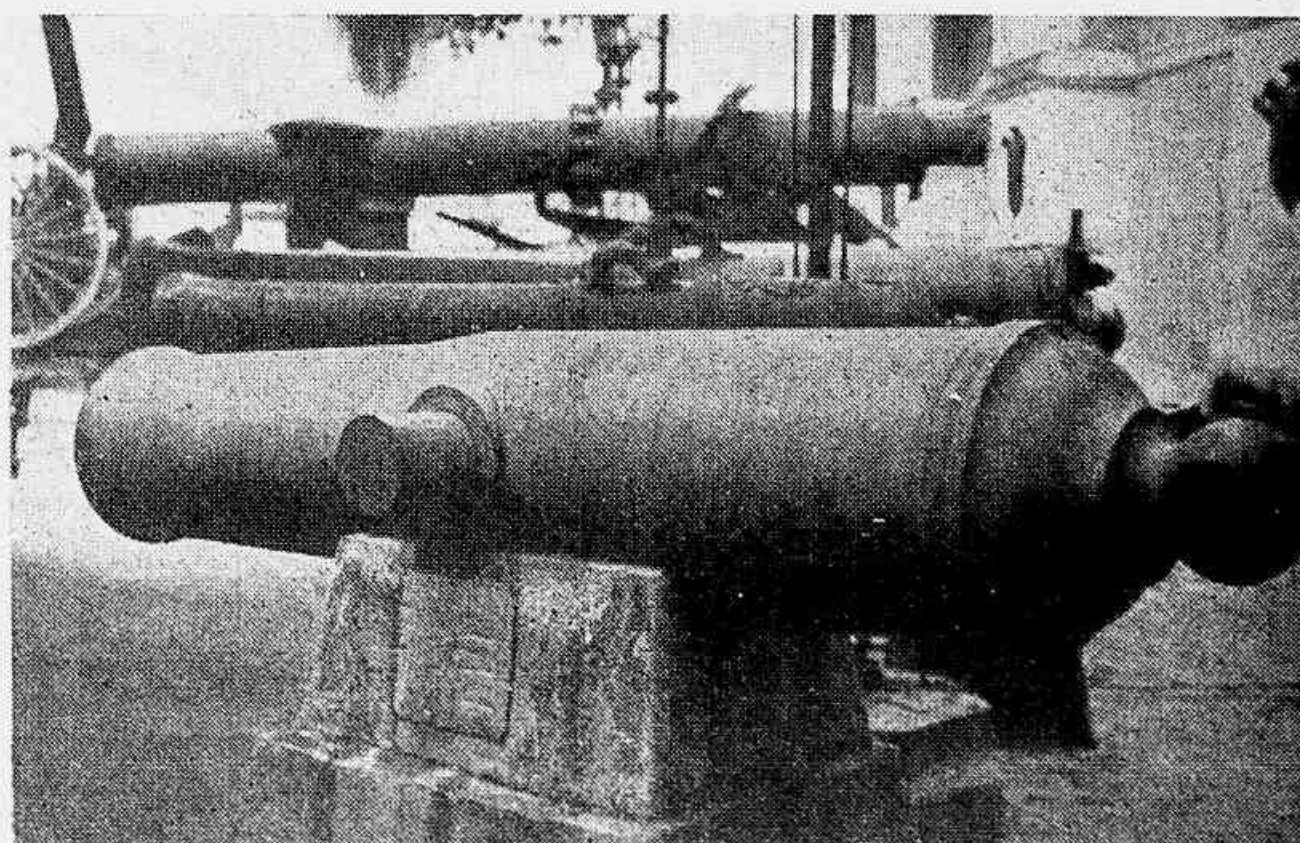
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

bôcas de fogo de tiro horizontal direto, bôcas de fogo de onde a morte tem saído, desde a Idade Média, sempre aperfeiçoada em cada guerra que se sucede. Não importa que se trate de canhão de mão ou das grandes peças de artilharia montada sobre carretas, que de muitos modos e de materiais diversos têm sido eles fabricados, pois os havia de madeira e arcos de ferro, com a particularidade de que todos eles possuíam a "alma interior" de couro.

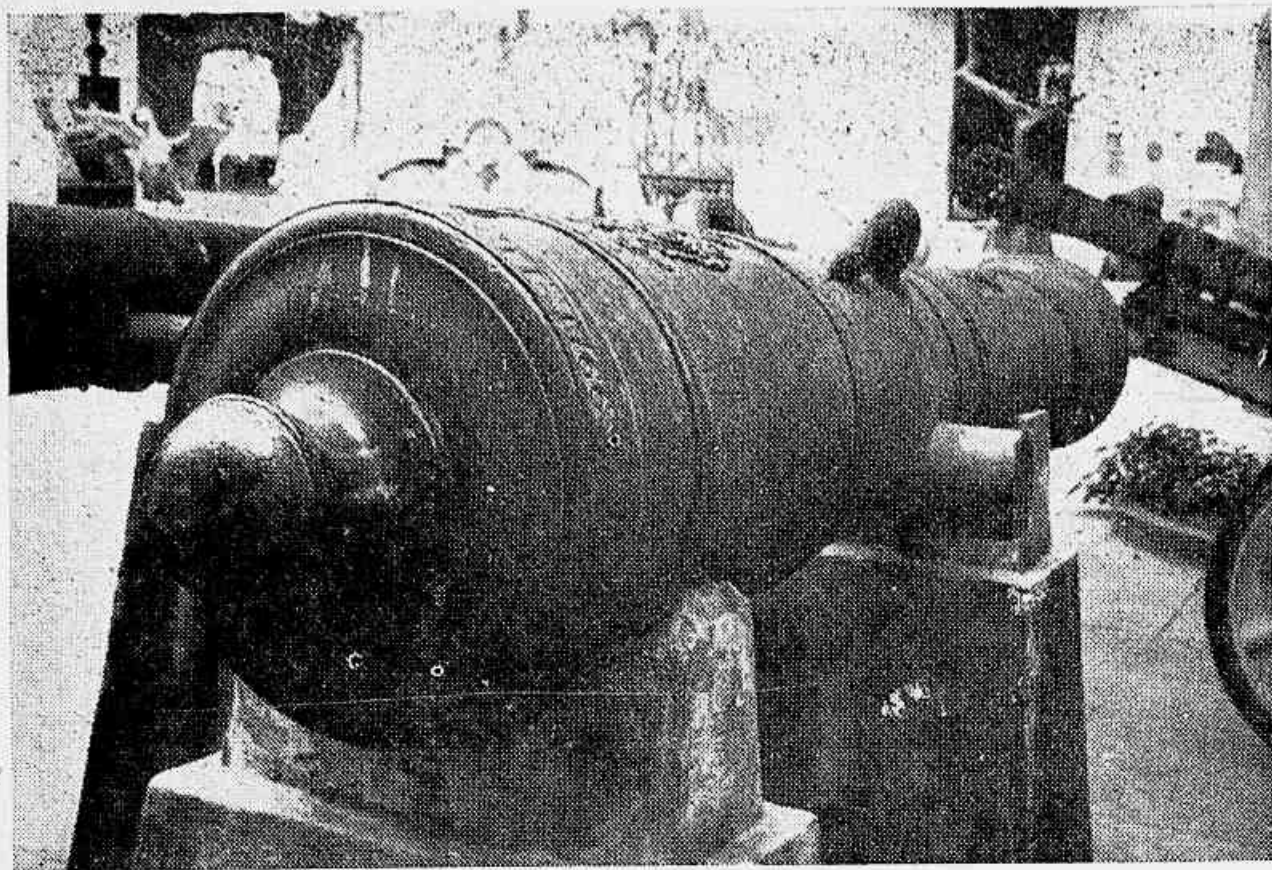
Enfim, trata-se de canhões: de montanha, de sítio, de campanha, de praça, de costa, de canhão revólver, quer disparem



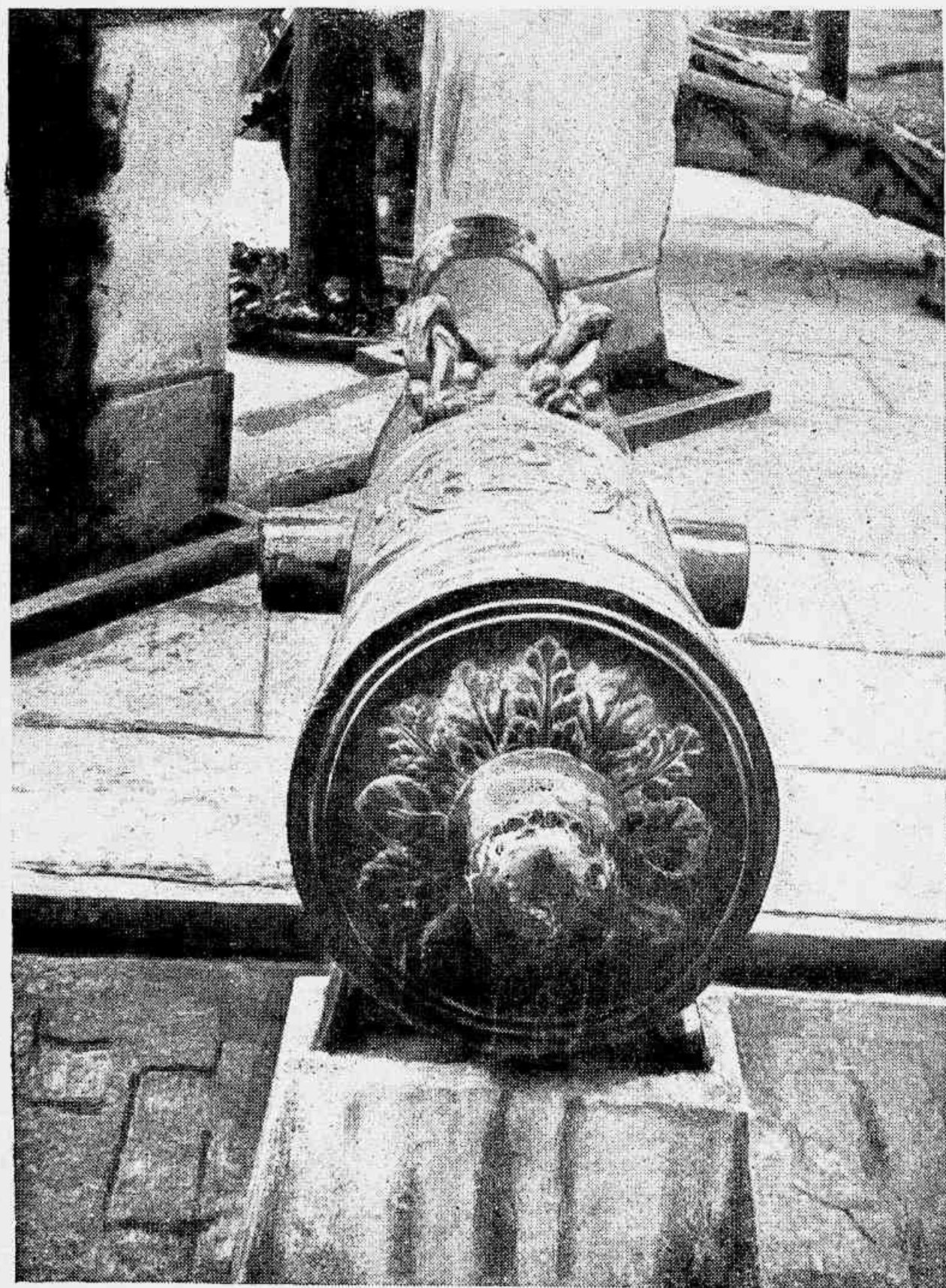
Boca de fogo que serviu na guerra de 1914, na Europa. Está hoje no Museu Histórico Nacional



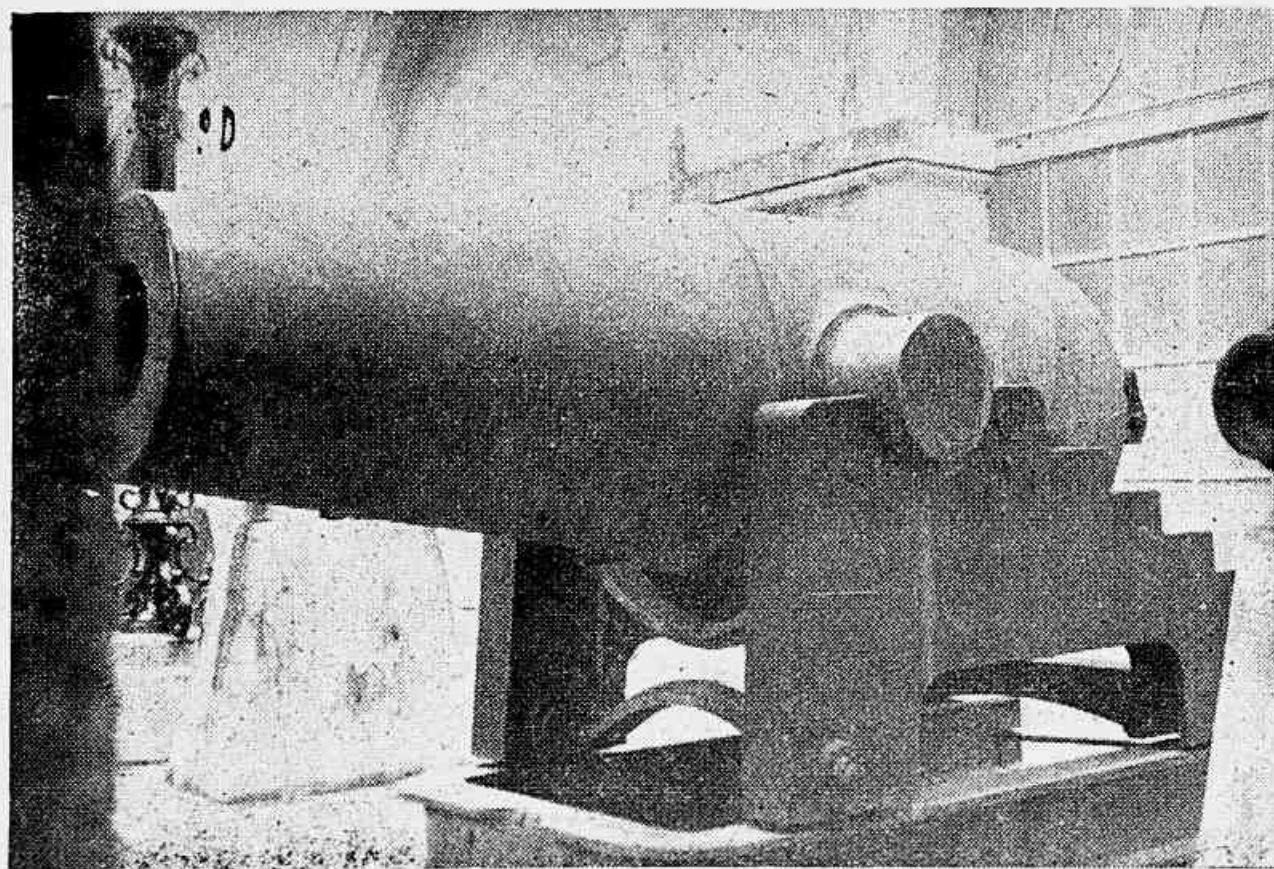
Peça fundida no Brasil, no Arsenal de guerra do Império do Brasil. Traz a data de 1875



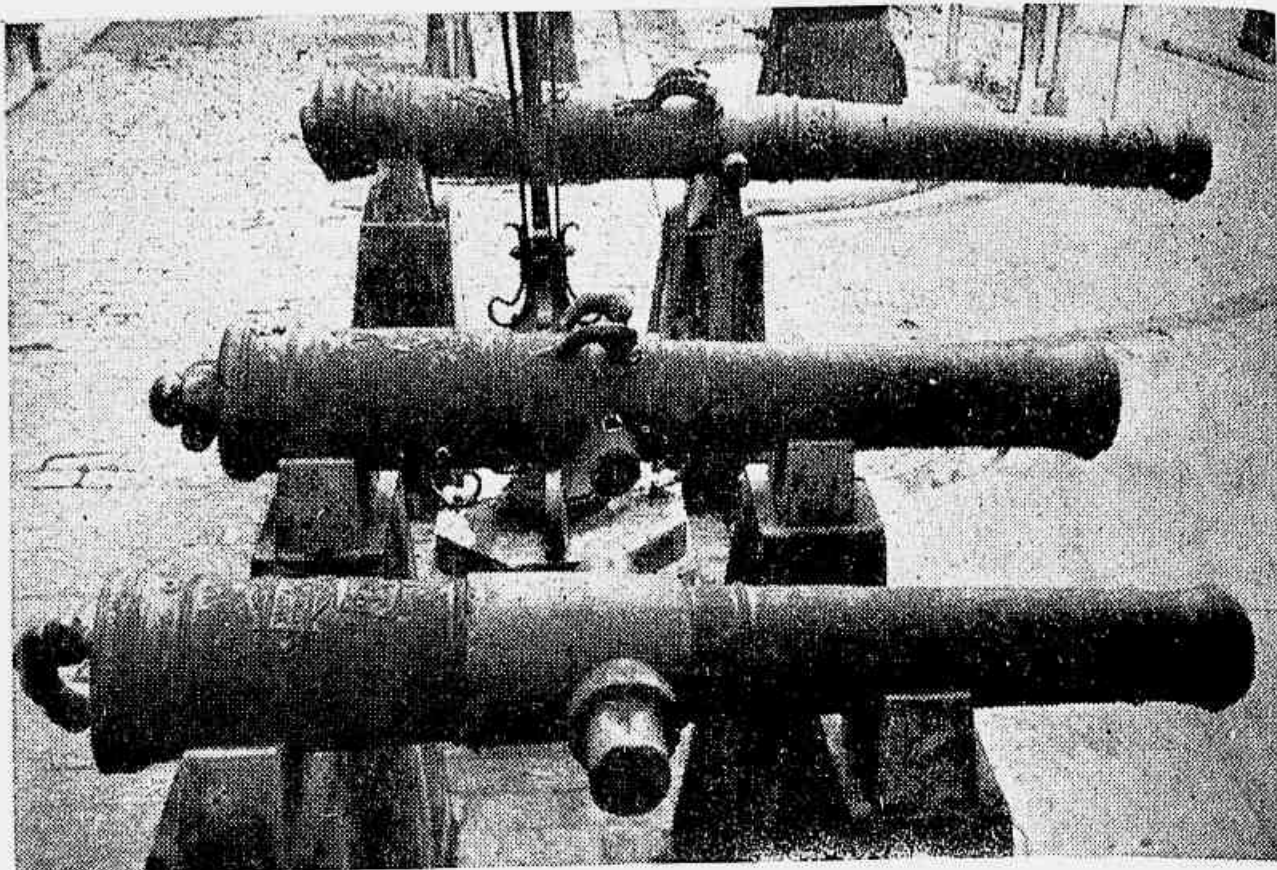
Este é um belíssimo canhão holandês, tomado aos invasores de Pernambuco



Outro troféu de guerra, tomado aos franceses que tentavam conquistar o Brasil



A esquerda: "El Cristiano" é um troféu de guerra. Foi fundido no Paraguai, com os sinos das Igrejas e daí o seu nome. Foi retirado de dentro d'água pelos brasileiros. A direita: "El Cristiano", boca de fogo, que surge logo a entrada no pátio do Museu Histórico, atrai a atenção do visitante



Peças do Museu Histórico Nacional, expostas no pátio interno

balas ou obuses e qualquer que seja o seu calibre. Não importa o seu tipo especial, todos eles têm uma designação comum que é boca de fogo, porque por ela se vomita fogo e essa é a fala de sua boca.

APARECIMENTO DA BÔCA DE FOGO

A sua história começa com a descoberta da pólvora e com ela começa também a da artilharia, aí pelo século XIV. Mas há quem dê notícias — e para isso mesmo aí estão os historiadores e cronistas de todos os tempos — de sua utilização na Espanha em 1108, na Itália em 1216, na França em 1324, na Inglaterra em 1335. Quanto a Portugal, fez-se menção dele na guerra com Castela, no reinado de d. Fernando, em defesa de Lisboa, mas há registro de seu aparecimento, em campo, na batalha de Aljubarrota. De qualquer modo, porém, a França, a Áustria e a Prússia assinalaram épocas de grande desenvolvimento na indústria dos canhões. O impulso foi grande, pois outras guerras se sucederam e em seus preparativos sempre estiveram atentos os ganhadores das guerras, os fabricantes de armamentos, continuamente aperfeiçoando o invento da morte.

Na guerra de 1914, como nas anteriores, ganhou batalhas, descreveu episódios sangrentos e celebrizou nomes como os de Krupp e outros, o que ainda foi nada diante do último conflito, em cuja fase final vinte mil canhões russos despejavam fogo sobre Berlim, enquanto outros milhares de americanos, ingleses, franceses, búlgaros, húngaros, italianos ou poloneses faziam o mesmo em outras frentes.

Este o caminho percorrido. Impossível, porém, uma idéia do número de bocas de fogo e da potência que elas teriam numa guerra que viesse a desabar sobre a humanidade. E nem se diga que o evento da bomba atômica veio liquidar a boca de fogo, pois que está provado, comprovado, por técnicos, cientistas, estrategistas e políticos diversos de diversas partes do mundo que a bomba atômica, por si só, não ganha guerras e que outras armas continuam sendo necessárias, sejam bombas, canhões, metralhadoras, morteiros ou fuzis,

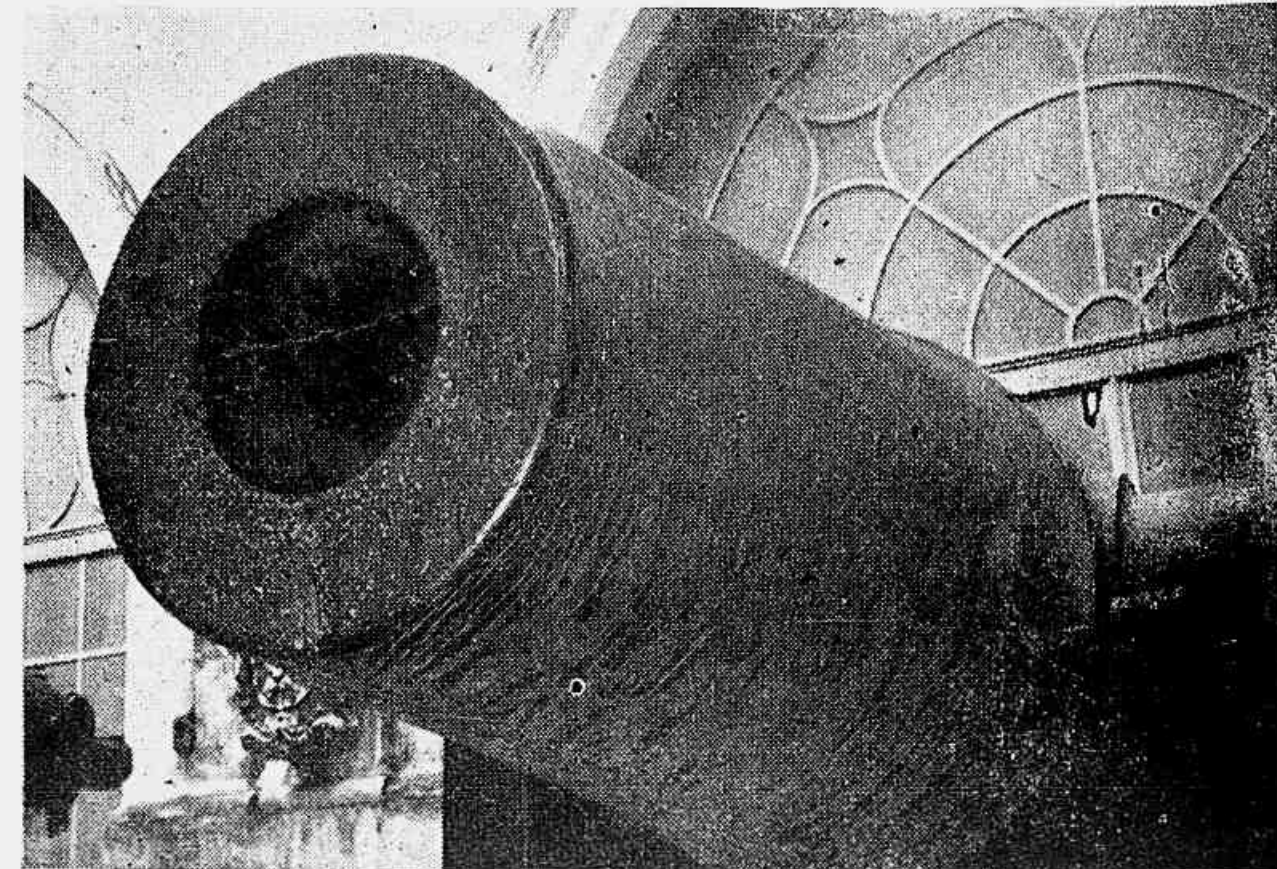
simples revólveres até, uma vez que o terreno conquistado sempre terá de ser ocupado pelo conquistador.

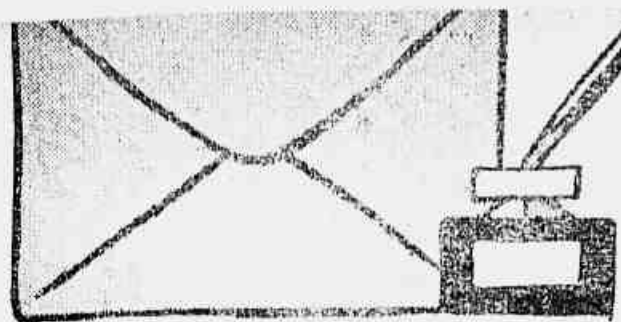
Mas falávamos apenas de canhões e a eles voltemos.

SOB AS ÁRVORES FRONDOSAS

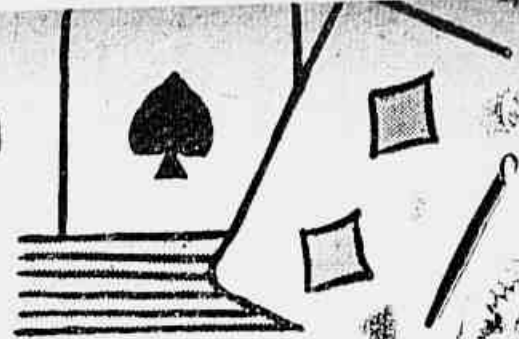
Sob as grandes mas não muito velhas árvores do pátio interno, entre as paredes das construções diversas, dormem, no Museu Histórico Nacional, algumas dezenas de bocas de fogo. Vieram de diferentes batalhas e quedam-se silenciosas e quietas, como grandes animais cansados. Sob a sombra, na quietude dos museus, animam-se em nossa imaginação e cada um parece contar a sua própria história. Aquêle veio da guerra do Paraguai. Outro veio de mais longe: das lutas com os holandeses, das refregas com os conquistadores franceses, de combates históricos no norte e no sul. Alguns vêm da guerra de 14 ou do último conflito mundial. São, agora, troféus, velhos e imprestáveis troféus, ante os quais param visitantes que sobre seu dorso deslizam mãos acariciadoras e interrogativas. Agora, podem fazer isso. Hoje, sobre eles voam pássaros, mãos acariciadoras sobre eles deslizam e nada acontece, mas outrora suas bocas vomitaram fogo, morte, destruição, incêndio. Seus nomes aparecem ligados às lutas históricas em que andamos, desde que o Brasil entrou no rol das coisas disputáveis pelas nações poderosas. Em seus tempos, guardaram entradas de rios ou de cidades, enseadas, portos, costas, morros, acessos a pontos estratégicos, guarneceram fortes, desempenharam mistérios diversos, foram guardas constantes de pedaços de territórios ou comandaram assaltos, tumultos e desordens. Nos museus da praça Marechal Âncora, contam hoje o seu passado e transmitem, àqueles que perguntam sua história, lições de bravura e heroísmo. Por isso servem aos escolares, às crianças e aos adultos, homens ou mulheres, que ali vão, às vezes, por simples curiosidade, porém outras com o propósito de estudar algo de nosso passado.

(Continua na pág. 49)

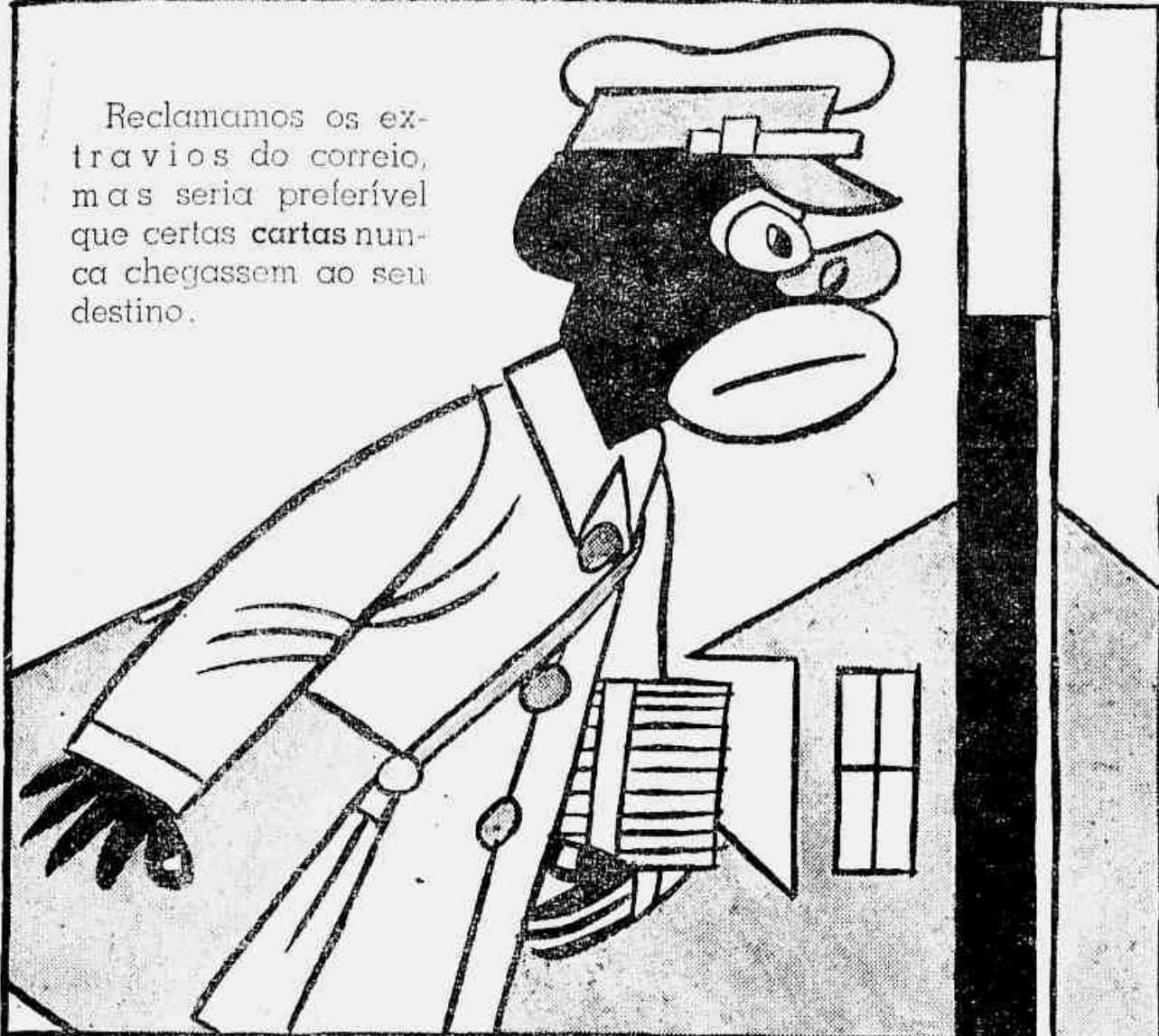




CARTAS



Reclamamos os extravios do correio, mas seria preferível que certas cartas nunca chegassem ao seu destino.



Destino que muita gente acredita estar escrito nas cartas, como insinuem os cartomantes...



O Brasil tem o seu destino ligado a uma carta célebre, a do escritor Caminha...



E as cartas têm torcido o destino do Brasil. Em 1922 provocaram uma revolução!



Em 1930, uma carta, contendo um compromisso de honra, lançava uma cortina de fumaça para o preparo de outra...



E agora, em meio de tremenda celeuma, uma carta pouco limpa se transformou em bilhete azul...





O último concurso de beleza para a eleição de Miss Universo que se realizou no Brasil foi o de 1930, quando saiu vencedora a gaúcha Yolanda Pereira, proclamada a mais linda jovem do mundo.

Antes, tivemos outros concursos de beleza feminina, elegendo-se como Miss Brasil outras senhoritas, dentre estas Zezé Leoni, Olga Bergamini, etc.

Na quinta-feira, 16 deste, procedeu-se no Hotel Quitandinha à eleição para a escolha de "Miss Brasil" no atual concurso de Miss Universo. De vários Estados do Brasil vieram ao Rio representantes da beleza feminina nacional, havendo quem esperasse saísse vencedora uma destas eleitas estaduais: Miss Amazonas, Miss S. Paulo, ou Miss Distrito Federal.

Dentre as concorrentes que ainda não haviam chegado ao Rio se achavam as eleitas de Goiás e a do Território do Acre. O consenso geral, porém, se fixara numa daquelas três candidatas já vitoriosas em suas respectivas regiões.

Com a chegada de Miss Goiás, entretanto, o assunto tomou outro rumo e os palpites do povo e dos responsáveis pela escolha entraram na mais ruidosa ebulição.

Miss Goiás se apresentava como seríssima concorrente entre as mais credenciadas para o título máximo do Brasil.

Vinda de um Estado central e longínquo, ela se revestia de uma espécie de mistério a Cinderelas...



Jussara Marquez, a mais linda de Goiás e que foi proclamada "Miss Brasil" a 16 de junho, no Hotel Quitandinha, no Concurso para "Miss Universo"

E o veredictum dos juizes foi conhecido: Jussara Marquez, Miss Goiás, era agora Miss Brasil como candidata a Miss Universo!

Essa jovem é, em verdade, um tipo de beleza característico das nossas jovens sertanejas. E' morena, de estatura média, corpo muito bem proporcionado, de feições graciosas e de linhas esculpturais. Tem curso normal e é apaixonada pelas artes plásticas e pela dança, tendo-se aperfeiçoado no "ballet".

Nasceu no interior de Goiás, na cidade de Itumbiara, fronteira ao Estado de Minas Gerais, e ocupa um cargo no I.A.P.C., jamais lhe tendo passado pelo espírito a pretensão de ser coroada nossa máxima representante de beleza num concurso municipal.

Jussara reside atualmente na capital do seu Estado, onde seu pai é um dos maiores comerciantes. Toda a sua família ficou encantada com o acontecimento e todo o seu Estado celebrou a vitória da jovem com estrepitosas manifestações.

Seu sobrenome, Marquez, deve ser escrito assim mesmo, com z no final, pois descende de um ramo espanhol; mas a pronúncia é como se estivesse escrito Marques, à portuguesa.

a SEMANA EM REVISTA

O GATO VOADOR

Segundo os telegramas, apareceu por aí um gato com asas. De certa parte do corpo para as pernas tem ele os pêlos comuns aos bichanos; mas, à altura dos braços, há duas possantes asas com as respectivas penas. O bicho voava e tinha a cara de gato mesmo; mas, como até hoje ninguém tinha visto um felino voar como ave ou morcego, a aparição do bicho causou alarido e sérios temores. Há um conto de um dos nossos escritores que fantasia o sonho de um gato que, para poder voar, tudo fez para comer uma andorinha. E comeu. Porém, ao pular de alto muro para experimentar se já voava, esborrachou-se no chão e morreu. Esse gato que voou lá pelo estrangeiro, ao que parece não seguiu a técnica do seu semelhante, comendo andorinhas, e sim tomou alguma droga capaz de fazer-lhe nascer asas de verdade, embora lhe mudasse o aspecto comum a qualquer gato: penas em lugar de pêlos. Mas o ingênuo gatinho não previu uma circunstância perigosa para sua nova situação de animal voador: o homem. O homem é o maior inimigo de todo animal comestível ou que lhe causa suspeitas. Ora, é natural que um gato vulgar não seja capaz de excitar o apetite de qualquer cozinheiro; mas um gato com asas e penas e que voa como qualquer pato selvagem, dá água na boca de quem caça ou não. Por esse motivo o fenomenal gato voador teve sua cabeça sob a mira de um rifle e caiu fulminado pelas balas gaticidas do senhor Homem, o rei da criação de gatos, marrecos e tatus. A notícia não diz se o assassino da mais bela e estranha espécie animal deste planeta o levou à panela com batatas; mas estamos desolados com essa guerra desleal entre a humanidade e um pobre gatinho que também desejou entrar na História como o primeiro icaro de sua raça.



A SENTENÇA DE UM JUIZ

Não é somente no Rio que os caminhões causam mortes e ferimentos graves. Também na Inglaterra essa calamidade é bem conhecida. Há poucos meses um desses veículos atropelou e machucou gravemente a senhorita Margaret Alyson, em Piccadilly. Miss Alyson ficou estirada no solo com fratura da base do crânio, joelhos quebrados e os ossos da bacia arrebatados. Levada para o hospital, verificaram os médicos que ela escaparia, mas não tornaria a ser a jovem bela e elegante de antes do desastre. Como é da lei, o dono do caminhão está incurso nas penas de responsabilidade civil e obrigado a pagar uma indenização à vítima, provada a culpa do motorista e não da transeunte. O caso foi levado a juízo e agora falou a voz da justiça inglesa, uma das mais severas e impolutas do mundo. O caso interessou os meios jurídicos de Londres, pois que o juiz estudou, na espécie, o prejuízo físico da acidentada e não sua possível renda a vencer pelo trabalho durante os prováveis anos de sua existência. E lavrou a sentença: condenação do proprietário do caminhão a pagar à queixosa a importância de 5.461 libras e treze xelins, o que em nossa moeda vai acima de 400 contos de réis. Para o juiz essa jovem precisa de receber essa indenização como recompensa de sua perda física, pois ficou impossibilitada de concorrer com suas patricias ao "mercado matrimonial", ou seja, apresentar-se com toda a antiga beleza plástica. Está sem jeito para jogar tênis, tomar banhos de sol ou vestir um "maillot", diminuindo suas perspectivas de casar-se. E' provável, porém, que, com essas quatro centenas de contos, ela encontre algum cidadão menos exigente e mais amante das libras que ela ganhou em substituição às que perdeu...



SUICÍDIOS CURIOSOS

O suicídio é sempre um ato de loucura. Nada mais forte no espírito humano do que o desejo de viver. Quando um cidadão lança mão de meios violentos para acabar com os dias que ainda lhe restam, está totalmente louco. Mas há na História alguns suicídios curiosos. Um deles foi o daquele famoso mestre-cuca, Vattel, que se suicidou apenas porque um peixe que ele esperava para fazer uma saborosa moqueca não chegou a tempo. Não suportando a tortura de uma reclamação dos seus adeptos, suicidou-se. Outro que morreu assim, apenas porque não soube esperar, foi aquele famoso comandante Reis, lá de Portugal. Republicano fervoroso e cheio de entusiasmos pelo barrete frígido, muito lutou contra a monarquia. Quando viu que os seus conterrâneos estavam a pique de proclamar o novo regime, ficou excitado; mas não teve a virtude de esperar, como Penélope pelo seu Ulisses. Num momento de desespero, o comandante Reis, desenganado e inquieto, suicidou-se pensando que a República não viesse mais... A estes se juntam outros suicídios curiosos pelos motivos que os determinaram. Nem amor, nem insucesso no jôgo, nem uma grande e irreparável vergonha. Ocorreu agora em Austin, Texas, nos Estados Unidos, um outro caso curioso e digno de registro. Robert, jovem muito rico, vivia ilicitamente com uma linda mulher chamada Marta, em belo palacete às margens do Golfo do México. Um domingo, deu-lhe na telha ir ouvir o ofício religioso na igreja do pastor Smith. O sermão versou sobre o pecado dos amores ilegais. Quando Bob chegou a casa, estava resolvido a acabar com a vida e meteu uma bala no ouvido. Marta, em esclarecimentos à polícia, disse que ela também ia morrer; mas que a Providência interviu e a bala falhou... (Sabidinha, hein?)



GRAVIDEZ SIMULADA

Não sabemos se os poderes públicos estão tomando providências para acabar com o triste espetáculo que vemos a cada passo nas ruas do Rio em relação à grande quantidade de gente a pedir esmolas. Nas ruas mais centrais e movimentadas, à porta das igrejas, à margem das filas de ônibus, à frente de cinemas e teatros, nas praças públicas, nos pontos de bondes, por todos os lados vemos mendigos de ambos os sexos e de todas as idades a estender a mão à piedade do transeunte. Se os poderes públicos ainda não deram atenção ao fato, é bom que lancem as vistas para isso. O fenômeno não é somente desta capital. Em S. Paulo, segundo os jornais de lá, a mendicância chegou a elevado grau de intensidade e a inventiva dos que não gostam de trabalhar e confiam mais no "peito amor de Deus" se apresenta com aspectos variados e pitorescos. Assim, com as providências que a polícia paulista acaba de tomar contra a mendicância, em algumas horas foram presos 39 adultos, 61 menores que os acompanhavam para aumentar o sentimento de piedade do povo, além de outros que estavam organizados para viver de colher. O mais interessante, porém, é que se deu este episódio hilariante. Uma senhora de cor pedia esmolas acompanhada de uma criança. Não satisfeita com esse adido de compaixão, ela se apresentava com o ventre crescido, despertando exclamações de piedade a senhoras de bom coração e a senhores que bem sabem o quanto custo vir ao mundo um cidadão. E iam dando boas esmolas para o enxoval do futuro sofredor deste Vale de Lágrimas. Entretanto uma surpresa estava reservada. Presa, verificou-se na delegacia que aquele volume era uma simulação; apenas um travesseiro habilmente colocado sob a saia... E ali mesmo se deu a "delivrance", sem parteira nem nada!



NEGÓCIO DE MÃO ÚNICA

A alta administração do trânsito nesta belíssima cidade, ainda não acertou, em definitivo, com o melhor regime de veículos. A cada instante estamos assistindo às mais surpreendentes modificações que não se pode dizer que sejam "para melhor". Uma das mais recentes inovações é essa de os ônibus que demandam a zona sul, via túnel do Leme ou Coelho Cintra, não mais seguirem pela avenida Prado Junior e dali ganhar a avenida Nossa Senhora de Copacabana. Agora os ônibus saem do túnel e entram pela rua Barata Ribeiro, cujo ponto de parada foi afastado do princípio e colocado a mais de cem metros. Resultado: os passageiros que se destinam à avenida Atlântica com essa novidade de mão única para veículos entre aquelas duas vias públicas, ficaram na mão. Em dias de sol ou noites claras, considerável que terão de caminhar; mas, como se não de avir em tempo de chuva? A avenida Atlântica nesse assunto de transporte de ida e volta está num caiporismo incrível. Não faz muito tempo era servida por várias linhas de ônibus: a 5, a 11, a 106... Depois todos esses ônibus foram recuados, passando uns pela avenida Nossa Senhora de Copacabana e outros embocando em Barata Ribeiro. Quem quisesse ir pela avenida Atlântica para descer à porta de sua casa ou para ver o mar que é um espetáculo sempre novo e sempre belo, teria que descer antes e andar uma quadra. Mas ainda estava perto. Agora, porém, com todos os ônibus entrando na rua Barata Ribeiro, os moradores da avenida Atlântica estão arranjados! E não se esqueça o sr. Estrela de mandar tirar do começo da avenida Prado Junior, esquina de Atlântica, um disco de parada de ônibus. E o entregue ao Museu Histórico.



CASAR NÃO É BRINQUEDO

Até ultimamente havia por toda esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, escritórios que se encarregavam de preparar os papéis para habilitação de casamentos. Aparentemente essas empresas prestavam excelentes serviços aos noivos, uma vez que se encarregariam de conseguir todo o processo indispensável a tão importante ato civil. Infelizmente, porém, a ganância e a falta de escrúpulos continuaram a ser ainda um dos apanágios da pobre e caduca humanidade, resultando daí que os juizes casamenteiros começaram a ver em vários casos as marcas digitais dos fraudadores e ilaqueadores da boa fé alheia. Então se fez indispensável uma providência enérgica no sentido de acabar com os abusos adotando-se medidas capazes de clarear o ambiente, instaurando-se os processos matrimoniais em bases mais honestas e sinceras. Diante disso já não se admite mais que pessoas estranhas, "escritórios especializados" tratem de levar os noivos ao pretório. Somente os próprios noivos deverão fazê-lo. Nada de "tratadores de papéis", intermediários de Cupido que mais amantes eram da cupidéz do que da felicidade dos nubentes. Pode parecer que isso contribui para prejudicar os interessados em formar seu lar, pois que nestes tempos difíceis a perda de tempo é uma tragédia; entretanto, verifica-se que é preferível trabalhar mais um pouco e dar as necessárias caminhadas oficiais com os próprios pés, do que obter tudo com uns duzentos cruzeiros e, mais tarde, ver que a própria validade do ato está comprometida... Casar não é caçoda!

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 26 — 25-6-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano Cr\$ 140,00 Seis meses Cr\$ 70,00
Registrada — Um ano Cr\$ 170,00 Seis meses Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 270,00 Seis meses Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1559. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na América Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Interprensa", Florida 289, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Fazem esforços supremos as potências ocidentais para chegar a acôrdo com a Rússia sobre a questão de Berlim e o tratado de paz com a Áustria. É previsto um recorde mundial na safra de açúcar. Diminuem em Londres os saldos brasileiros. Argentina e Cuba pedem na O.N.U. a paralização das discussões sobre o controle da energia atômica até que os Cinco Grandes e o Canadá tenham resolvido a respeito. Continua sem solução a grande greve dos ferroviários ingleses. Alemães de Duesseldorf se opuseram à demolição de uma fábrica alemã, mas os ingleses enviaram tropas belgas para garantir o trabalho. Está reunido o Cominform da Baixa Silésia esperando-se uma onda de ações contra o regime de Tito. Declara-se baixa na Bolsa de Nova York. Um senador dos Estados Unidos propôs que se diminuíssem as verbas do Plano Marshall. Navios nacionalistas estão tentando bloquear as entradas do rio Yangtsé nas proximidades do porto de Xangai. O ministro do Trabalho é contrário ao aumento do preço do açúcar no Distrito Federal e demais Estados do país. Providenciam para a inauguração em julho do Primeiro Congresso Pan-Americano de Engenharia a reunião no Rio. Complicação-se a desinteligência entre os chanceleres que estudam a situação de Berlim. Greve de um milhão de funcionários públicos da França por motivo de aumento de salário. Foi nomeado mais um possível substituto de Stalin, o sr. Ivan Teodosyan, ministro da Indústria Metalúrgica. A cidade de Kanchow é capturada pelas tropas comunistas. Peron visita o navio-escola brasileiro "Almirante Saldanha" no porto de Buenos Aires. Voltam os grevistas ferroviários de Berlim a exigir pagamentos de salários em marcos ocidentais. Numa eleição popular de todos os partidos, venceu a corrente que prefere a volta de Triste à comunidade italiana por grande maioria de votos. Trygve Lie acredita na eficiência da Organização das Nações Unidas. Anunciam que está prestes um acôrdo na Conferência dos Chanceleres em Paris. Mais de um milhão de trabalhadores rurais da Itália entraram em greve. Divulga-se que o governo sírio deseja romper relações com o Iraque. Foram abandonados os debates em torno do controle atômico. Vai o assinado um acôrdo comercial anglo-argentino contra os desejos norte-americanos. Chegou a Montevideu o navio-escola brasileiro "Almirante Saldanha". Atacam os nacionalistas chineses a base militar de Sião. Divulga-se que está sendo estudada a libertação do cardeal Mindszenty. Reage a Bolsa de Nova York. Não chegaram os chanceleres a nenhum acôrdo sobre a Alemanha e o tratado de paz com a Áustria. Forças comunistas ocupam a cidade de Futing. Mais de duzentos mil trabalhadores da Bélgica declaram greve de uma hora como protesto contra o ato do governo que não pagou seus dias de férias. Truman ameaça demitir qualquer de seus auxiliares de Estado se atacados pela histeria de apósguerra. Diz Thomas Dewey, de volta da Europa, que notou naquele continente forte movimento anti-comunista. Preocupam-se os ingleses com as divergências surgidas nos Estados Unidos contra o acôrdo comercial anglo-argentino. Acentua-se a pressão do Cominform contra Tito. Mais de cem horas de chuvas intensas causam grandes prejuízos em várias zonas do Chile. Violências contra o arcebispo de Praga pela polícia sob fundamento de espionagem no palácio episcopal contra a segurança do governo. O ministro do Exterior da Argentina estuda a melhoria das relações entre aquele país e o Uruguai. Mobiliza-se toda a força policial de Paris para prevenir choques entre grupos de De Gaulle e de comunistas nas comemorações do nono aniversário do lançamento do movimento da resistência francesa. Visitará a Noruega e a Dinamarca uma esquadra norte-americana. Foi descoberto um novo plano subversivo na República do Salvador. É oferecido a bordo do navio-escola "Almirante Saldanha" um banquete ao presidente do Uruguai. Cai no distrito de Tcheliabinsk, na Rússia, grande chuva de meteoros abrangendo uma extensão de 225 quilômetros quadrados. Suicida-se na prisão o coronel Delore, acusado de conspirar contra o governo francês. Recusa-se a Rússia a declarar o número de prisioneiros de guerra ainda em seu território. Instala-se em Budapeste a Conferência Nacional da Paz sob orientação comunista. Declaram os atuais dirigentes da China que somente uma nova guerra mundial poderia salvar a política de Chiang-Kai-Shek. Continuam em greve os agricultores italianos. Rebenta grande greve de tecelões em Niterói. Os Estados Unidos desenvolvem grande pressão contra o pacto comercial argentino-britânico. Estão fechando vários fornos siderúrgicos nos Estados Unidos. Ford prevê grave depressão de negócios de automóveis no país e aumento para cinco milhões de desempregados dentro de pouco tempo. Notícia a imprensa dos Estados Unidos que é cada vez mais inquietante a situação dos problemas latino-americanos. Inaugura-se no Aeroporto Santos Dumont, no Rio, a Segunda Exposição Aeronáutica Brasileira. É exibido em Montreal novo tipo de elevador para edifícios, que obedece a simples ordem da voz humana. Voltam a reunir-se em Paris os quatro chanceleres, reinando clima de otimismo sobre os resultados acerca da situação da Alemanha e do tratado de paz com a Áustria. Grande incêndio na avenida Rio Branco destrói o edifício de três andares, número 145. Declarou o cônsul geral britânico em Xangai que terminou completamente na China sob o domínio comunista a época de privilégios e prioridade para os estrangeiros naquele país, não havendo mais razão para o "slogan" de imperialismo estrangeiro. Está sendo concluído entre os chanceleres um "modus vivendi" para toda a Alemanha. Em amplas publicações na imprensa do Rio o Instituto do Açúcar e do Alcool explica os motivos por que o açúcar sobe de preço. Uma estatística oficial prova que é S. Paulo o maior produtor de cimento do Brasil com cerca de 500 mil toneladas em 1948. Alastram-se as greves em Niterói e vizinhanças encabeçadas pelos operários têxteis. Protestos na Assembleia Fluminense em virtude de violências policiais contra os paredistas daquele Estado. Discute-se na Câmara dos Deputados Federais o projeto de instalação de ginásios gratuitos por todo o território nacional. Foram confiscadas pelas autoridades polonesas todas as oficinas impressoras dos católicos daquele país. Noticiam do Paraná que se manifesta grave crise de cereais naquele Estado por falta de financiamento da lavoura. Chegam ao Rio vários governadores de Estados a fim de confabular com os poderes centrais sobre a sucessão presidencial. José Américo continua a dar entrevistas e a remexer nos episódios da política nacional. É eleita Miss Brasil a representante de Goiás, senhorita Jussara Marquez. Marcham sobre Cantão os exércitos comunistas. Notícia a Agência Nacionalista que a aviação de Chiang-Kai-Shek vai bombardear todas as cidades ocupadas pelas forças rebeldes. Agravava-se a luta entre a Igreja Católica e o governo tcheco com prisões de padres em massa. Renasce a maçonaria na Alemanha ocidental, com a primeira assembleia em Frankfurt depois de dezesseis anos de impedimento pelo nazismo.

MINHA JANGADA DE BAMBU

Um romance de amor, de renúncia, de paixão através da história divertida de uma criança.



Folclore do nordeste, com o carnaval e o seu entrudo dos começos do século, as pastoris, as "sentinelas" aos mortos.

O DUÉLO ENTRE UM MAÇON E O CLERO LOCAL, A PLUTOCRACIA DOS PODEROSOS, AS INGENUIDADES DOS HUMILDES.

MINHA JANGADA DE BAMBU DE RENATO DE ALENCAR
É UM LIVRO QUE DEVE SER LIDO POR TODOS
À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO RIO E DOS ESTADOS

PREÇO: CR.\$ 25,00

PEDIDOS PELO RUA BOLSÃO POSTAL A'

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 • LAPA • RIO DE JANEIRO

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA

Romance de
LIMA BARRETO

Editora Mérito S. A.
Rio de Janeiro
1949

mesmo, se não pelo caráter puramente literário, quando menos pela força vitoriosa da oportunidade. Havia de surgir, fosse como fosse, com o seu ar independente e forte, a sua espécie de originalidade. Não viria suceder a ninguém nem tomar o lugar de qualquer outro. Antes e depois dele, muitos teriam vindo, ou viriam, afirmar o seu merecimento, arriscar a sua sorte. Haviam de passar ligeiramente, permanecer algum tempo ou perdurar. Lima Barreto, porém, não se confundiria.

Uma vez lançado — não lhe levou pouco tempo o advento que tão ditoso se tornaria — o seu destino estava marcado nas letras brasileiras. Para ele se fixava uma data ou uma etapa triunfal. Já não importava que a vigília das armas lhe houvesse sido dilatada e penosa. Toda a gente, no mundo literário, é próprio, Lima Barreto, esquecer aquela luta pelo editor, ou contra os editores; as recusas determinadas pela pouca fé na sua aventura; a contingência de recorrer a prelos estrangeiros e em condições precárias, para conseguir as páginas finalmente impressas e reveladoras... E sem dúvida todas as agruras, dúvidas, sacrifícios, desesperos tiveram a sua real compensação no momento de surgir a obra nas vitrinas da rua do Ouvidor.

O autor das "Recordações" e do "Triste fim" não cessou, depois, de abusar da sua glória. De livro em livro, ia deixando de cuidar, com crescente imprudência, daquilo que o poderia tornar definitivamente grande na novela, na crônica, no estudo de costumes, na sátira política, em todo jornal. Não soube marcar o momento em que passaria a trabalhar seriamente e sempre a sério, no sentido de produzir, criar. Esqueceu-se de fixar, ou foi transferindo de um dia para o outro o prazo da outrora chamada boêmia. Por aquele tempo, com as últimas e já um tanto forçadas edições de Murger, a boêmia morria. Os poetas e artistas, os filósofos mesmos da camaradagem de Mini Pinson, ou, como Rodolfo, se tinham instalado regularmente na vida, ou tinham sobrado no abandono e na absoluta miséria. A boêmia findara e Lima Barreto continuava. Não tomara assento na existência, como não conseguira pôr ordem no estilo. Talvez, rigorosamente falando, nem chegasse a pensar em semelhante coisa. Escrevia de pouco caso, achando que bastava aquilo, que não valia a pena fazer coisa mais atenta e apurada. "Facilitava" cada vez mais. Decaiu, por assim dizer, subitamente, como tantos morrem de uma síncope, a uma esquinha.

Relemos agora, com um misto de admiração, benevolência e saudade, essas páginas em verdade inesquecíveis. Revemos as figuras, os tipos, que não há de parecer tão naturais ou verossímeis aos olhos dos novos leitores, mas cujo fundo de expressão não diminuiu de intensidade nem de prestígio nos quase oito lustros volvidos. Aquêl ambiente de redação, de onde desapareceram os bicos de gás em leque aberto contra os olhos dos plantonistas meio ofuscados pela veemência crua, meio mortos de fadiga e melancolia; aquelas carteiras de pinho sob a precipitação dos originais em marcha para os caixotins da tipografia; o vai-vem do paginador sempre aflito com a angústia da hora a que saía, com as malas de correio, o primeiro trem da Leopoldina — o de Cantagalo, como nos lembra tudo isso... Era o jornal de Lima Barreto, o nosso jornal. E no velho edifício da rua do Ouvidor alguma coisa por força subsiste, vibra e domina da alma do escritor admirável, escritor de raça, corte e flama, que não quis ser em tudo um grande escritor.

Dos livros de Lima Barreto foram os dois primeiros que deram a mais poderosa e notória impressão de "ficar".

A época mesma os destinava a um sucesso, além de sensacional, resistente. Esperava-se, viesse de onde viesse, um romancista com a feição de novo, de imprevisto

DRAGÃO DO MAR

Páginas de História,
de EDMAR MOREL

Rio de Janeiro
1949

tadas e de êxito mais brilhante. Atrás do assunto que se propôs tratar — e esgotar — metido em campanhas de nobre justiça ou devassando algum mistério até certa época ou certo dia impenetrável, o sr. Edmar Morel não sabe perder tempo ou, de qualquer maneira, descansar. João do Rio, repórter essencialmente urbano, devotava-se a uma cidade, Paris, Lisboa, Roma ou Nova York, como se, de cada vez, o fizera em absoluto, para a vida inteira. O autor de "Gago Coutinho" e de "Fawcett" amplia os seus objetivos, levando-os através de regiões, países, continentes. Não escolhe itinerários nem meios de transporte; quaisquer lhe servem, contanto que conduzam a um lugar atraente ou um caso sensacional. Certo dia, toma um avião, para contemplar a capital baiana do alto, antes de a visitar, palmilhando-a, rua a rua, comentando-a e querendo adivinhá-la, aspecto por aspecto; depois, vai procurar o que resta do padre Cícero, nos seus domínios consagrados, o que dele verdadeiramente existiu e de algum modo persiste, como expressão pessoal, prestígio político, fé religiosa, superstição; e, entre duas abaladas por terra, mar ou ar, acompanha Gago Coutinho, tornando-se seu amigo íntimo e participando da sua glória.

Há no sr. Edmar Morel uma curiosidade imensa, uma ansiedade ininterrupta de descobrir, se não novos mundos, pelo menos novos pontos do planeta, aos quais, por alguma razão profissional, valha a pena ir. Desta vez, ocorreu-lhe uma excursão pelo passado. Desejou fazer uma espécie de reportagem histórica. E tomou por motivo a reconstituição de uma época, com o seu drama bem sentido, bem vivido, o seu protagonista e os outros personagens, até aos simples comparsas. Assim o sr. Morel ajudou a retirar do possível esquecimento a figura de Francisco José do Nascimento, o jangadeiro da Abolição, o "Dragão do Mar".

Não seria talvez desacertado aproximar mais intimamente, na campanha libertadora, o papel representado, por assim dizer em comum, por dois grandes homens de ideal e de ação, um no Ceará outro em São Paulo, branco o primeiro, negro o segundo: Francisco José do Nascimento e Luis Gama. Ambos pelejaram como heróis, como inspirados, ombreando na força de convicção, na iniciativa organizadora, na coragem combatente e até no espírito de sacrifício para, quando necessário, tudo arriscar contanto que a marcha se não detenha e a causa sagrada vá até ao fim. O êxodo dos escravos em busca de terra mais acolhedora ou de algum ensejo capaz de lhes oferecer coisa parecida com a liberdade, determina, no Norte como cá para o Sul, cenas da mais bela bravura e da mais santa abnegação. Esses rasgos de epopéia obscura compõem o poema de que Patrocínio, Nabuco e outros foram os aedos magníficos. E é realmente necessário salientá-los, sempre que possível, o esforço dos mais humildes, como no reduto do Jabaquara, de Quintino de Lacerda, que inspirou a Vicente de Carvalho as páginas grandiosas de "Fugindo ao cativeiro".

Na sua feição de singeleza e fluência, o livro do sr. Edmar Morel merece ser refletido e guardado. E, se contém fatos ou episódios que antes desejaríamos ter esquecido, nem por isso a lição geral que nos proporciona deixa de ser salutar.

O sr. Edmar Morel, cavaleiro da alta reportagem, pode bem ostentar as esporas de ouro do seu gênero. Aos seus livros corresponde uma série de vitórias. Cada um deles constitui uma aventura e um triunfo. Temo-lo visto em viagens esforçadas, nas pesquisas mais bem orien-

MÚSICA INTERIOR

Poesias de
BAPTISTA BRASIL

Movimento Editorial
Panorama
Belo Horizonte
1949

O sr. Baptista Brasil é bem um poeta da Velha Guarda, quer dizer: do tempo em que os poetas faziam versos, cuidando tanto quanto possível, na medida da inspiração e do engenho, de que fossem bons. Se o não conseguiram integralmente, sempre lhes restava a consciência de não haverem traído os preceitos da arte poética nem as regras de sintaxe que todos aprendemos com as chamadas primeiras letras e que tantos, hoje em dia, fingem ignorar, se, realmente, não as esqueceram por completo. Em certos casos, há, com efeito, a impressão de que tudo fugiu ou se perturbou na memória de certos alunos de outrora. Perderam o sentimento como a gramática, a noção do gosto como a vergonha do disparate. Nada ficou daquilo que paciente e metódicamente lhes fora ensinado. Cincam ou despropositam por uma espécie de princípio ou regra às avessas. Ostentam o luxo e a pompa da necessidade. Batem-se pela deformação e o arremedo daquilo que seria a límpida, escoreita, pura linguagem. Com a pretensão de inventar, inovar, em verdade retrocederam, voltando simplesmente ao tempo em que nada ou quase nada sabiam. E quando alguém lhes estranha a obra que julgam ter criado, estropiando-se a si próprios, respondem de alto, desprezivamente: é o "alguém", são todos os outros "alguéns" que estão redonda e irremediavelmente errados...

Eis a questão velhíssima já, se em todos os tempos não existiu, entre modernistas e "antiquistas", como entre dois campos de batalha, cada qual mais ingenuamente persuadido de que virá a vencer o outro, obrigando-o a confessar a derrota. Uma diferença, em todo caso, se pode notar: é que sempre os poetas realmente bem dotados, embora durante mais ou menos tempo mal orientados, acabam abrindo os olhos e caindo em si — quantos exemplos, em tal sentido, se poderiam citar! — com o profundo arrependimento de se não terem feito, há mais tempo, "passadistas".

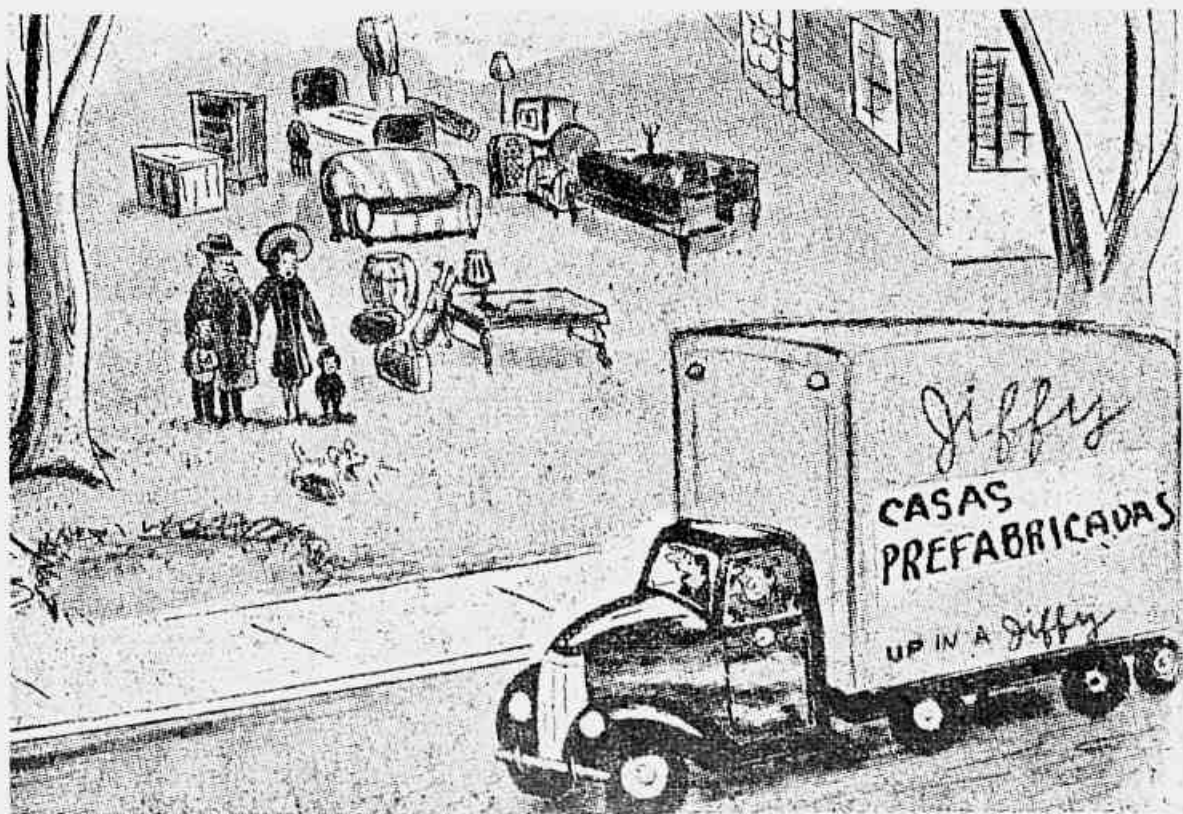
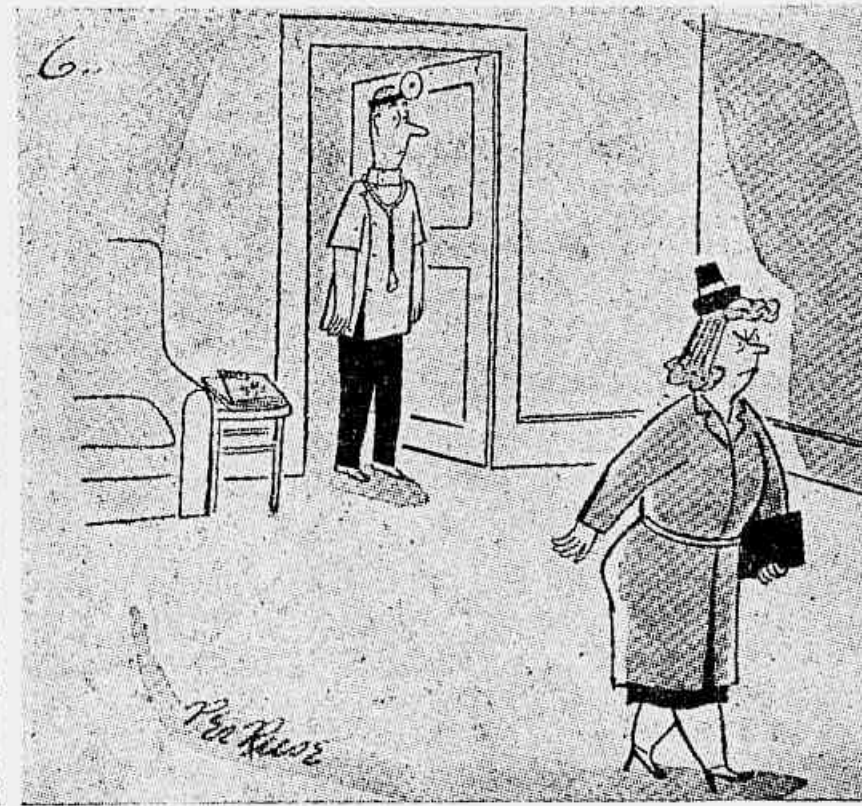
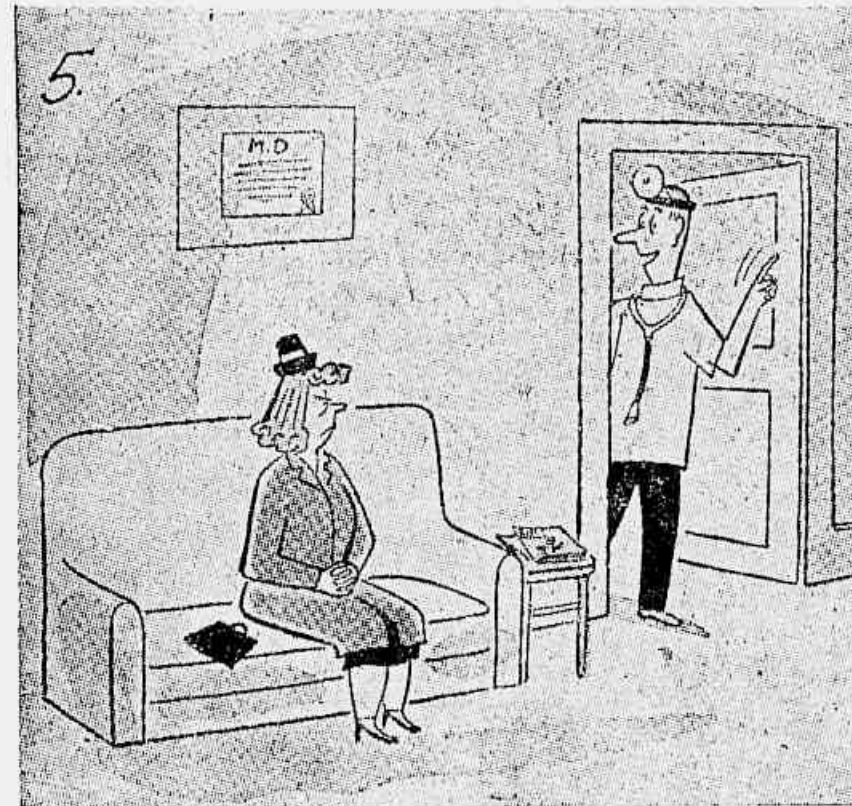
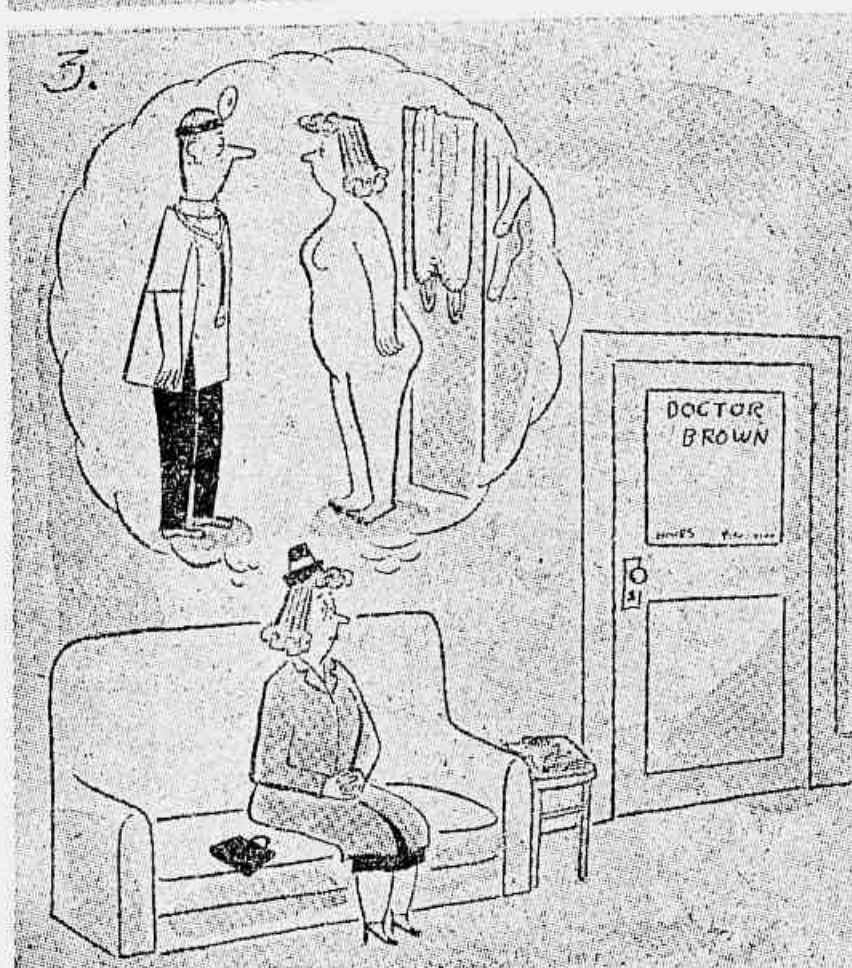
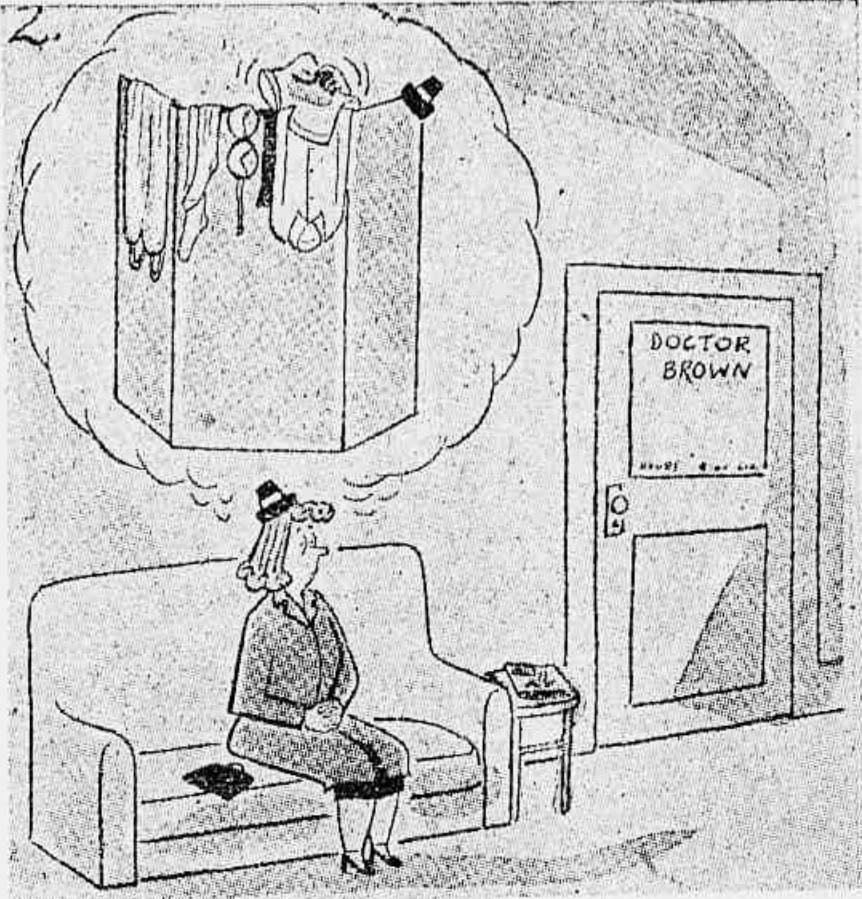
O sr. Baptista Brasil, repetimos, pertence à Velha Guarda que se não rende nem tem de que se arrepender. A mais singela das suas obras acusa, com a dignidade do conceito, o cuidado da bela e escoreita forma. E o prelúdio da sua "Música interior" vale bem por um programa ou mesmo uma profissão de fé:

Se eu fosse simples como a Natureza
e não a complicasse dia a dia,
outra vaidade de viver teria,
mais prazer, mais amor, mais alegria
e, até, bem mais ventura, com certeza.

Ah! Quem não sente a mágica beleza
que de todo o Universo se irradia?
Há na simplicidade tal grandeza,
que a arte, em resumo, é pura singeleza,
donde resulta a máxima harmonia.

P. S. — Meu ilustre e querido Josué Montello, perdoe-me se não prolongo esta palestra para mim tão amena e talvez até proveitosa. Infelizmente, falta-me tempo para lhe dar o desenvolvimento que você ainda decerto desejaria. A cerca de vinte linhas da minha primeira notícia, respondeu o eminente e bem-amado confrade com quase duas colunas da REVISTA DA SEMANA. Repliquei-lhe, ponto por ponto, com absoluta sinceridade; e que sucedeu? Achando curta — como, de fato, se tornaria — a hospitalidade que a REVISTA lhe concedera, voltou à carga, em mais de uma página do diário "A Manhã". E, pelos modos, prometia, ao final, voltar ainda no domingo seguinte. Quer dizer: se eu trepicasse, viria você com quatro páginas, para mais que não para menos. Ora, meu insigne camarada, o caso é puramente este: as minhas obrigações não me permitem tão extensa aplicação das minhas horas e do meu esforço, só porque isso lhe possa proporcionar, a você, qualquer satisfação. Preciso de me ocupar de outros autores e outros livros, de cuidar de outros interesses da minha vida, em suma: tenho mais que fazer. — J. L.

BOM HUMOR



Essa é boa, esquecemos de encomendar a casa...



Ele é louco por música, felizmente ela é muito resignada...

Sedex QUEIMADOS

CAPITULO XXV

Embora o noivado de Jim com Jennifer não houvesse sido divulgado oficialmente, àquele tempo já todos os seus íntimos sabiam do compromisso.

Numa tarde de março estava Jennifer a auxiliar Mrs. Flood a podar as roseiras da aprazível vivenda da avenida "São José", quando começaram a conversar.

— E' preciso suspender este ramo, prendê-lo com um cordão lá em cima — disse Jennifer.

A velha Floods não sabia como conseguirem aquilo, pois o teto ficava alto e nenhuma das duas poderia trepar-se sem correr risco de cair. Mas Jennifer era decidida e foi explicando:

— Amarro o cordão aqui e depois passo as pontas lá em cima e puxo a rama com o auxílio da escada. Quando eu o fizer, segure a janela.

Mas os galhos dos arbustos prejudicaram o plano e ela suspirando esclareceu o insucesso, trepada na escada:

— O caso está mesmo um tanto complicado. O jeito é chamar um dos rapazes dos Moore ou então esperar que Mary chegue.

Estavam as duas assim a calcular as dificuldades, quando uma voz se fez ouvir à entrada do jardim:

— Deixe-me ajudá-la!

Mal se refêz Jennifer da surpresa, já quem lhe falara estava sob a escada em que ela subira para amarrar os ramos das roseiras.

Era Jim Lippincott. Tomou-a nos braços e beijou-a com apaixonado ênlevo. Jennifer correspondeu os seus beijos. Ria e chorava ao mesmo tempo, sufocada pela alegria de rever o noivo.

— Aqui estou, querida! — exclamou ele a rir. — E esta farda que visto significa que estou na Armada de meu país, para servi-lo na guerra, no Corpo Médico.

— Jim! — gritou Jennifer sem compreender nada ainda. — E' você mesmo? E com esta bela farda? Desde quando?...

— Bem... eles precisam de médicos. E eu me apresentei como voluntário. Espero que você não se entristeça por isso...

— Oh! Não... — respondeu ela com voz comovida. — Você não poderia ter agido mais acertadamente. Todos os norte-americanos têm que proceder assim, mais hoje, mais amanhã. Joe e Martim já estão lá. Mas... e você é capitão?! Oh! meu capitão! Vai demorar-se?

— Ainda não sei. Mas sabe você o que isto significa, Jenny?

Ela o fitou com um sorriso encantador.

— Sei...

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA — Jennifer Richie, órfã de pai e mãe, vivia em companhia de sua madrasta, Betty, num edificio de apartamentos movíveis em S. Francisco. Sidney Borrows, jovem de família rica e aristocrática, apaixonou-se por Jennifer; mas, verificando a moça que ele estava apenas iludindo-a, rompeu relações com ele. Certo dia, indo a uma festa em casa de sua colega de escritório, Mollie, sucedeu que um irmão desta, Eugene Evans, ficou apaixonado por Jennifer, chegando ao ponto de propor-lhe casamento. Estava ele a conversar com ela em casa de Betty, quando, inesperadamente, entra na sala o seu ex-namorado Sidney, travando-se uma discussão entre Eugene e ele. Dias depois morre Eugene vitimado por um acidente de automóvel, pensando o pai dele e a própria Jennifer que se tratou de suicídio. Jennifer não desejou reatar mais as relações com Sidney. Uma noite, indo ela ao terraço do apartamento, notou que um cômodo no edificio vizinho, no ponto mais alto e ao mesmo nível do seu, estava ocupado por um pintor. Travando relações com ele, um homem duas vezes mais idoso do que ela, começou Jennifer a receber lições de cultura do mesmo. Numa festa íntima que ele ofereceu a amigos e artistas, veio tocar na reunião o grande violinista Stanislaus Lichtenstein, o qual ficou impressionado com Jennifer, a quem escreveu uma carta que causou indignação ao pintor Montgomery Smith, Jennifer mudou de trabalho e foi empregar-se no grande magazine "Vogelfang", ganhando muito mais e onde, contra a sua vontade, continuou a ser cortejada pelo violinista Stanislaus, que, embora casado, vivia separado da esposa. Verificando Monty, o pintor, que Jennifer estava sendo, aos poucos, seduzida pelo violinista, mostrou-se indignado, o que muito emocionou a jovem. Com a nova afeição que surgia entre Jennifer e a pequena família Flood, a mudança na igreja, a vida da jovem começou a reflorir com outras esperanças, quando na igreja, a vida da jovem começou a reflorir com outras esperanças, quando de Jim começou a aumentar e ele a pediu em casamento. Mas logo depois, com a eclosão da guerra, foi servir num hospital no leste, em Baltimore, ficando Jennifer morta de saudades.

— Pois adivinhe o que significa minha vinda...

— Significa que vamos casar-nos!

— Exato.

— Então quer dizer que você supõe ir?...

— Talvez sim, talvez não. Posso servir aqui ou num dos vários hospitais que há pelas vizinhanças, na área da baía de São Francisco.

— Então teremos nossa casinha própria?

Os dois ainda conversaram sobre os planos do futuro. A jovem noiva, com a emoção da surpresa e com os esforços do trabalho de jardinagem, tinha as faces rosadas como aquelas flores primaveris.

Quando teve que descer da escada em que subira a fim de prender as ramas, Jim a recebeu nos braços e ela sorriu com a felicidade de quem é levada em triunfo.

Mrs. Flood observava aquele idílio com muita simpatia e também apoiava o noivado, talvez se lembrando de seus dias idos.

Logo que todos se acomodaram, a conversa prosseguiu animada. Depois saíram juntos para jantar em casa de Mollie.

CAPITULO XXVI

Quando chegaram à casa de Mollie houve um alarido geral diante do inesperado da presença de Jim e da notícia oficial de que ia desposar Jennifer.

Todo mundo se ofereceu para colaborar e organizar planos eficientes para esse feliz enlace.

Jim dispunha de alguns dias de folga na cidade, mas era preciso aproveitar o tempo. Estavam numa quinta-feira e os dias eram preciosos, pois que, em tempo de guerra, os que estivessem a serviço da pátria não sabiam quando seriam chamados interrompendo licenças ou férias.

Lembraram então que o casamento

deveria ser realizado no domingo próximo.

Jennifer, que estava com as mãos entrelaçadas nas do noivo, ao ouvir esse palpite, olhou-o ansiosa, como quem pergunta com os olhos: "que tal"?

— Meu véu! — gritou Mollie. — E vamos amanhã encomendar um vestido de cetim para a noiva, lá na casa "Emporium", sem falta! Há ali belos vestidos de noivado a partir de dezesseis dólares. — Depois perguntou a Jim: — Você vendeu seu carro? Ceder-lhe-ei o meu.

Richard O'Connor, que havia sido companheiro de estudos de Jim, quis saber quantos dias tinha ele ainda de licença.

— Uns dez dias ainda à minha frente.

— Tempo suficiente para levar Mrs. Lippincott para a lua de mel.

— Mrs. Lippincott?... Oh! — exclamou Jennifer emocionada.

— Jennifer! — advertiu Mollie. — Veja um lápis e vá desde logo tomando suas providências numa lista de coisas. Não repita os meus erros quando estive assim nessa situação.

Tôdas as dúvidas e todos os temores passaram a ocupar o inquieto espírito da noiva. Jim, entretanto, se conservava tranquilo, quieto apesar de saber que estaria casado com Jennifer dentro de mais uns dias. Não fazia planos entusiásticos nem esperava receber grandes presentes de seus amigos.

No dia seguinte ela comunicou aos patrões da "Vogelsang" e às suas colegas e chefes de seção que ia deixar o trabalho para casar-se, não tencionando reassumir seu cargo na loja. Imediatamente todo mundo a cercou de atenções e lhe ofereceu presentes como prova de amizade.

Ela e Jim foram jantar, naquela memorável noite, nas vizinhanças de Chinatown, em meio de gente alegre e boa, pagando apenas setenta e cinco centavos pela refeição muito bem feita

e quente regada a saboroso vinho francês.

Ali, sozinhos, trocaram idéias sobre seu futuro e seu amor. Em virtude de sua ansiedade e total contentamento, Jennifer não reparou em que todos os seus sonhos e planos poderiam ser liquidados pelas exigências e surpresas da guerra, especialmente pelo fato de estar seu noivo a serviço das forças armadas do país.

Era possível que se fosse para longe e durante anos ela não o visse e dele só recebesse notícias por carta. Mas voltaria novamente e a felicidade seria reconstituída.

Dando balanço em face de todos esses contratempos, Jim murmurou:

— Mesmo com a guerra, eu sinto que esta felicidade é como um céu aberto! — E para Jennifer: — Sabe você para onde vamos no domingo próximo?

— Penso que vamos experimentar a mais agradável das sensações — disse Jennifer com um sorriso, os olhos a brilhar. Ambos guiaremos nossa felicidade, o barco de nosso amor por todo esse céu de prazer e de ventura, e através do espaço ninguém nos incomodará, e a vida nos pertencerá inteiramente...

— Parece muita ventura junta... Estavam na noite de sexta-feira. Por isso Jim lhe lembrou:

— Jenny... Não se esqueça: será depois de amanhã.

E suas mãos se encontraram a se afagar nervosamente.

Ela o olhava embevecida. Jim aventurou uma pergunta:

— Você amanhã vai trabalhar na loja como o faz todos os dias?

— Sim... até as treze horas.

— Não posso ir encontrar-me com você a essa hora.

— Bem sei. Você vai a Oakland. Quando eu sair da loja irei diretamente para casa. Quando puder, você venha.

— Lá para as dezesseis horas estarei de volta.

— A essa hora estarei pronta para irmos até a casa de Mollie onde jantaremos cedo e ligeiramente, quando então você me conduzirá para casa.

Acabada a refeição, tomaram o carro. Jim tinha a noiva ao lado. Ela prosseguiu:

— Domingo irei à igreja em companhia de Mary, quando voltaremos a casa para almoçar; depois iremos para a casa dos Evans, e levarei Mary e sua velha mãe, Mrs. Flood, e às onze horas descerei a fim de encontrar-me com você.

— Jennifer — disse Jim dirigindo o auto. — Tenho uma terrível notícia, grande segredo a dizer-lhe.

— Pode falar, Jim... — respondeu a jovem já temendo daquelas antigas contrariedades e empalidecendo.



— E' que eu tenho escondidos alguns milhares de dólares, ou, para ser mais exato, precisamente sete mil.

— Você?... — O rosto de Jennifer estava pálido como a cera e seu coração esmorecia. — Jim! Você furtou esse dinheiro?...

— Não! Não furtei coisa nenhuma. Eu nunca lhe disse porque desejava fazer-lhe uma surpresa, e algum dia, quando meu contrato de interno no hospital terminasse e fôssemos para uma casa de campo, poder dizer-lhe: "Vamos comprá-la!"

— Mas Jim... onde você arranjou todo esse dinheiro?

— Veio de meu pai. Ele morreu quando eu tinha apenas onze anos. Eu desejava ser um médico. Meu pai também desejava ser médico, o que não lhe foi possível porque se casou muito jovem e minha mãe ficou inválida durante anos e anos. Ela faleceu antes dele, e meu pai, antes de morrer, fez um seguro de vida para garantir-me a educação, na importância de vinte e cinco mil dólares. Um senhor idoso, o dr. Vush, foi o depositário da quantia. Esse velho médico ia-me fornecendo recursos para fazer face aos estudos e adquirir livros e aparelhagem, lembrando-me que tudo isso me seria indispensável para minha carreira e minha cultura. E agora sei o que me resta de saldo, pois há poucos dias ele me informou do que restava. O dr. Vush reside em Filadélfia e me remeteu uma demonstração completa do assunto, uma conta-corrente que lhe daria dor de cabeça se a examinasse. Eu havia

imaginado uma surpresa para você, pois não tenho mais ninguém que me ouça em tais assuntos, a não ser você, que já estava levando a coisa para um caminho escabroso...

— Não leve a mal minha primeira impressão... A culpa foi sua ao vir com aquele prólogo esquisito. Mas não vamos pensar em casa agora, Jim. Vamos esperar mais um pouco.

O carro seguia suavemente. Jennifer achou oportuno falar-lhe também de um segredo e rompeu:

— Jim... suponha que também eu tenha um grande segredo a contar-lhe... Segredo horrível que eu, muitas vezes, tive vontade de narrar-lhe, mas que recuava, odiando-me a mim mesma... Entretanto esse segredo deve ser levado ao seu conhecimento, você deve saber de tudo. Diga-me: deseja que eu lhe conte, ou o dispensa?

Chegavam à frente da casa de Mrs. Flood. Ele parou o auto e a enlaçou com o braço.

— Quando olhei para você, Jenny, não me interessei se você tinha ou não terríveis segredos. Só você me interessa, e não os segredos que tenha. Parece que ainda há em seu espírito alguma coisa de infantil, de criança, Jenny. Até na maneira de pentear os cabelos você denota aspectos infantis. Sei que você é o meu ideal e que será minha companheira dedicada e forte; espero que assim seja sempre e sempre. Eu muito a amo, querida, e tire de sua cabeça esses pensamentos funestos. Es-

tou certo de que é você a mais linda e encantadora mulher que eu já conheci em toda a minha vida, educada num meio pobre, mas honesto. Não sei o que já fiz para merecer o prêmio de ter uma esposa como você, nem o que poderão fazer meus filhos para ter uma tão boa mãe como você. Desejo apenas torná-la feliz, muito feliz, Jenny, e assim procedendo, também eu me julgarei imensamente feliz neste mundo, por toda a minha vida!

Diante de tanta prova de confiança e de amor, Jennifer não pôde conter as lágrimas e suspirou:

— Oh! Jim... você é tão bom para comigo!

Na véspera de seu enlace matrimonial, Jennifer estava a trabalhar pela última vez na loja "Vogelsang" e tratava de pôr tudo em ordem, como se estivesse em vésperas de fazer uma longa viagem. Somente ela sabia o alvoroço que ia em seu coração. Parecia que todo mundo dizia: "você vai ser a esposa de Jim". E era amanhã!

Estava entregue aos seus afazeres, quando ouviu por detrás dela uma voz grossa e áspera a perguntar-lhe:

— E' capaz de saber quem sou eu?

Jennifer se voltou surpreendida. Ao defrontar-se com a senhora que lhe falava, esboçou um amável sorriso.

— Sim, sem dúvida! Como tem passado a senhora, Mrs. Giddings? A senhora é a avó de Nancy Newell.

— Justamente. E' isto o que sou. Entretanto gosto mais de ser tia de minha sobrinha Nancy...

— Já está sendo servida? Miss Hollister sabe que a senhora está aqui? Quer falar-lhe?

— E' a você que desejo falar, exclusivamente — respondeu a rotunda mulher.

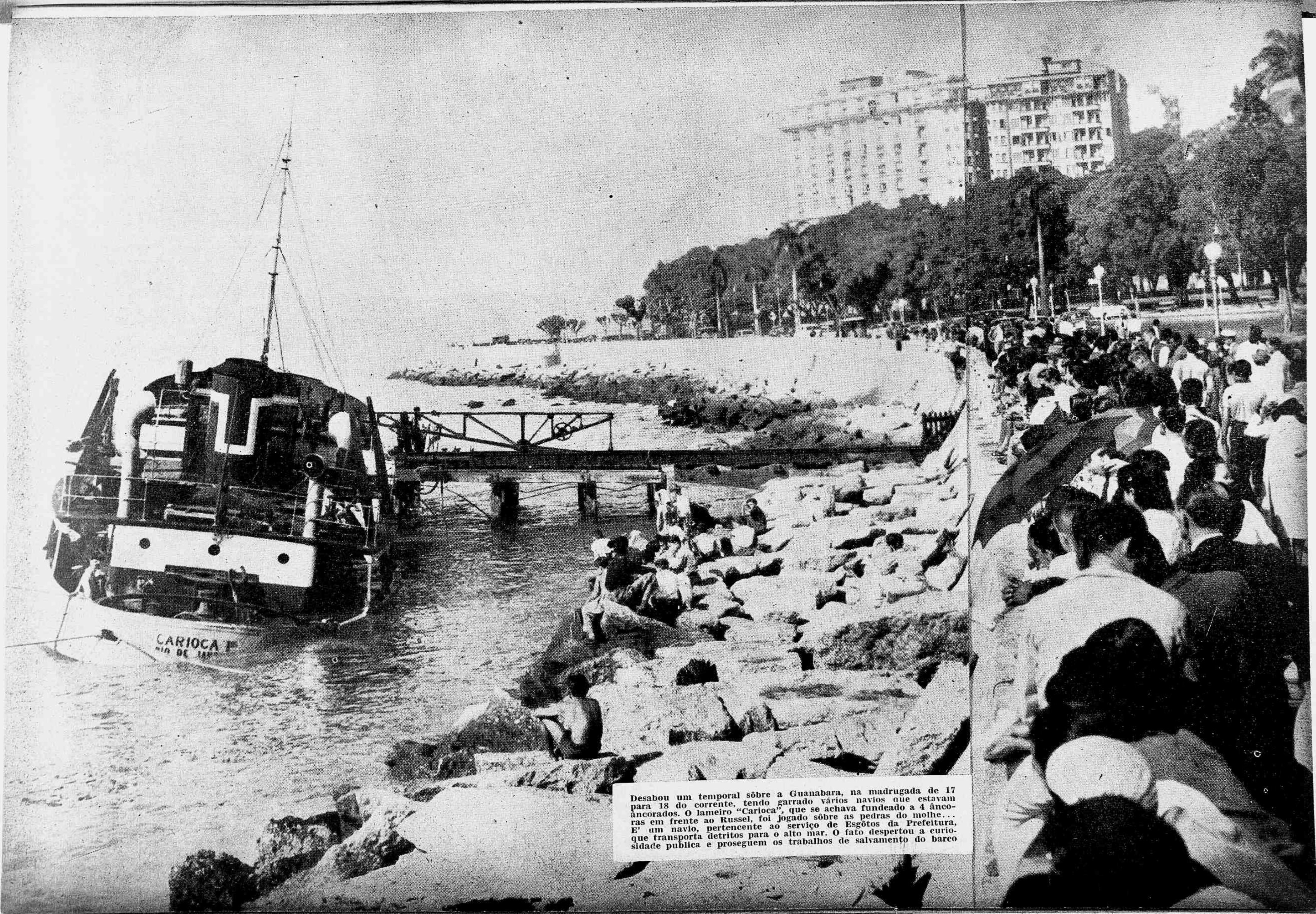
— Como está Nancy? — indagou polidamente Jennifer.

— O que desejo saber é se é você a jovem com quem Nancy almoçou há pouco.

— Sim...

A velhota a convidou para que se sentasse ao seu lado, o que Jennifer obedeceu.

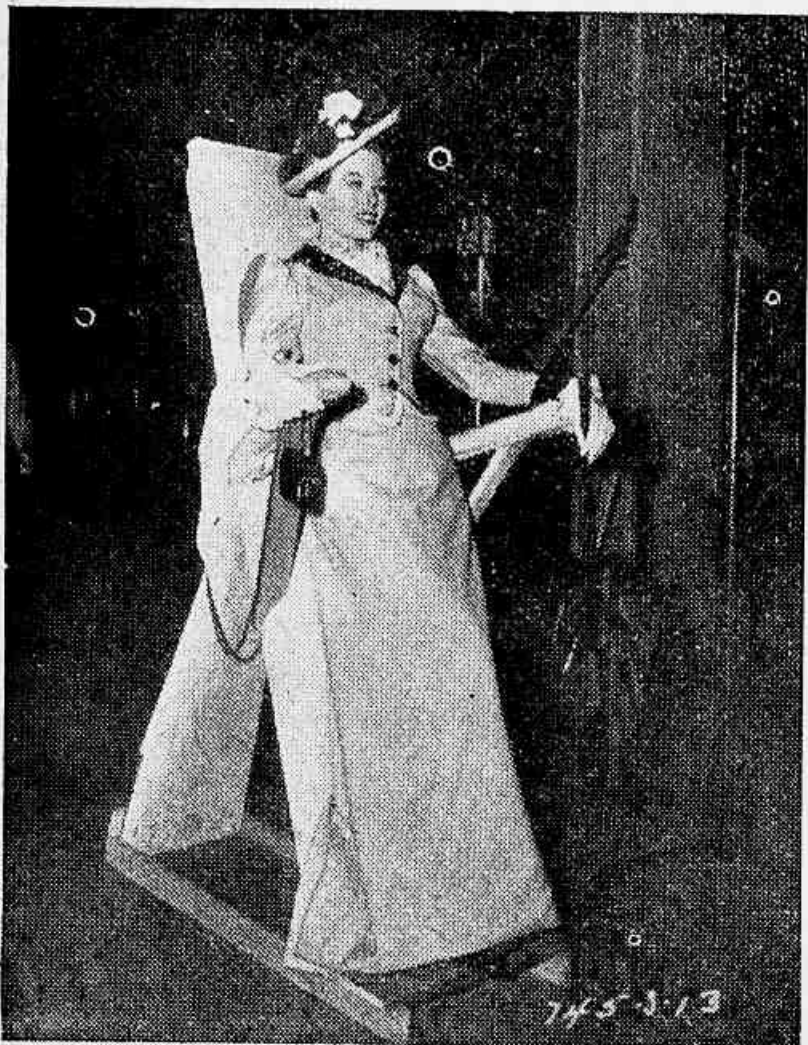
— Bem... — foi ela dizendo. — Eu preciso de uma jovem que venha morar comigo para fazer-me companhia, e também a Nancy. Temos uma overnanta em nossa casa, mas não é jovem, embora seja uma pessoa de escol, fina, educada. Estou disposta pagar-lhe, Jennifer, o salário que você recebe aqui nesta loja. E o trabalho não é nada em relação a este aqui. Antes da guerra eu viajava para Honolulu, Londres, Antibes. Quando essa embrulhada de conflagração se for e voltar tudo à normalidade, viajarei novamente. E você nos acompanhará por todos os lugares por onde formos. De qualquer forma irei a Nova York dentro de alguns meses, e você pode preparar-se para ir comigo também. Você precisa fazer alguma coisa em seu proveito. Arrume suas coisas e venha para nossa companhia, hoje mesmo, sábado, logo mais, à noite!



Desabou um temporal sobre a Guanabara, na madrugada de 17 para 18 do corrente, tendo garrado vários navios que estavam âncorados. O lameiro "Carioca", que se achava fundeado a 4 âncoras em frente ao Russel, foi jogado sobre as pedras do molhe... É um navio, pertencente ao serviço de Esgotos da Prefeitura, que transporta detritos para o alto mar. O fato despertou a curiosidade pública e proseguem os trabalhos de salvamento do barco

FLAGRANTES

(Esp. para REVISTA DA SEMANA)



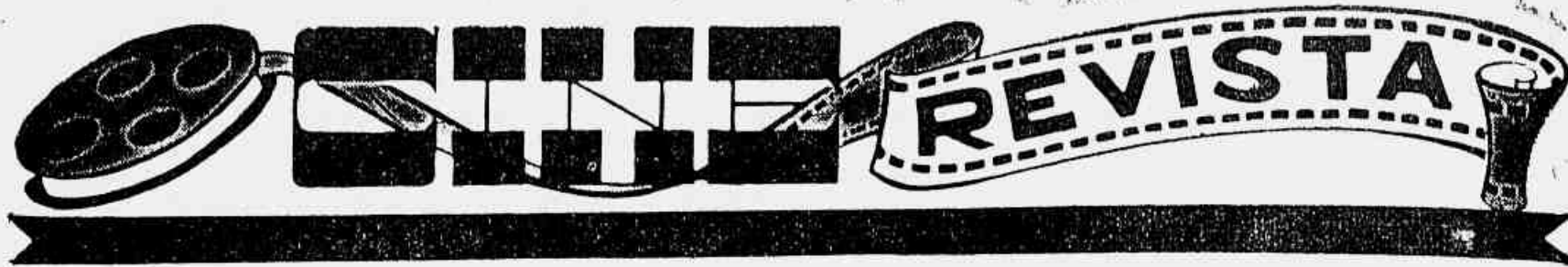
Durante a filmagem de "The Fan", rodado nos estúdios da Fox, Jeanne Crain usou um acessório especialmente para que o seu vestido não amarrasse



Preston Sturges deseja boas vindas à senhorita Becky, de 3 anos e meio, filha de Betty Grable, ao "set" de "The Beautiful Blonde Bashful Blonde", na Fox



Lionel Barrymore fila um cigarro de Richard Widmark, durante a filmagem de "Down to the Sea in Ships", película que está sendo dirigida por Henry Hathaway, na Fox



LEON ELIACHAR

NUNCA HOUVE UM CASAMENTO ASSIM...

O casamento de Rita Hayworth com o príncipe Ali Khan, filho do multi-milionário Aga Khan, foi, talvez, o mais imponente e mais escandaloso já realizado na história do cinema. E dificilmente poderá haver outro igual, pois só existe uma "Gilda" no mundo inteiro. A não ser que ela queira, mais tarde, casar-se pela quarta vez...

★

Não houve quem não comentasse o ruído do acontecimento nupcial, realizado entre uma estrela de cinema e um homem que, pela sua posição financeira e social, possui um dos mais fabulosos estúdios do mundo, com a diferença que a sua piscina não foi construída especialmente para Esther Williams exibir sua plástica, nem os cenários luxuosos de sua exagerada riqueza foram construídos em papelão para serem fotografados em technicolor. Rita sabe perfeitamente o que está fazendo — e o mesmo não podemos dizer com relação ao Príncipe. Ambos casados, e com filhos, desprezaram audaciosamente os preconceitos sociais e ligaram suas vidas pelos laços do matrimônio — até quando, ninguém o pode prever... Talvez, quem sabe? — até que a morte os separe, como devem ter jurado diante do prefeito...

★

A celebração do grande acontecimento foi a parte mais discutida e comentada pela imprensa mundial, pois foram gastos milhares e milhares de cruzeiros nos espalhafatosos preparativos e o perfume despejado dentro da luxuosa piscina de Ali Khan exalou o seu cheiro para os quatro cantos do mundo. E ninguém pode duvidar que Rita Hayworth, agora Princesa, continue sendo uma bailarina, e que esta seja, talvez, a sua maior criação coreográfica, desde os tempos em que dançava diante das câmeras. Com a diferença, também, que a câmera, agora, é a opinião pública, que em tudo se intromete e em tudo arranja um motivo para censuras e críticas, e o seu palco será o Palácio de seu jovem esposo, um "metteur-en-scene" prático e experiente para certos números de bailado.

★

Ed C. Judson, rico industrial de gasolina, foi o primeiro marido de Rita; Orson Welles, conhecido no mundo inteiro, através de sua audácia e de seu gênio revolucionário, foi o seu segundo esposo; Ali Khan talvez seja o último, e neste caso será mesmo um "kan-kan", pois terá conseguido paralisar a agilidade de uma jovem bonita, que não se deixa fascinar por simples "astrozinhos" de estúdios, mas prende pelas leis do casamento, as grandes fortunas ancoradas nas mãos de determinados homens que circulam pelo mapa mundial.

★

Será feliz, a linda e endeusada Rita Hayworth com a aquisição desse novo sobrenome? Proporcionar-lhe-á alegria o homem, o nome ou o dinheiro? Convenhamos que ela está com tudo e não está prosa... Dificilmente pode-se penetrar no íntimo de um coração humano para sondar-lhe os sentimentos. A verdade é que Rita bateu de coração em coração até encontrar o que, verdadeiramente, lhe pertencia. Tê-lo-ia encontrado? Ou estará nos reservando uma nova surpresa, lançando à publicidade um novo milionário?

N A S T E L A S

"A MASCOTE DA CIDADE" (Big City)

Filme característico de Margaret O'Brien, monótono, metido a sentimental. Desta vez a chorona sardenta é órfã de pai e mãe é encontrada na rua por três homens que resolvem criá-la; o primeiro que se casasse seria o seu pai adotivo. Daí vocês já sabem que entram em cena três mulheres, aparecem uma porção de cenas bobas, inverossímeis, e cantam uma porção de melodias sonolentas, enquanto Margaret, com aquele seu "jeitinho", cativa a simpatia das mães... Pois, sim (Metro).

"AMEI UM ASSASSINO" (Kiss The Blood Of My Hands)

Focalizando mais um caso das consequências da guerra, que transforma a mente humana, tornando alguns homens desajustados dentro da sociedade, esse filme faz um estudo de um indivíduo que se torna duro, brutal, mas que, ainda assim, se sente derrotado ante um coração de mulher. Como se vê, é um tema explorado, onde o mocinho se vê indeciso entre a ganância do dinheiro e o amor de uma mulher, vencendo esta última, de vez que a película foi rodada nos Estados Unidos, apesar de decorrida na Inglaterra. Espectacular, no início, quando Lancaster mata um homem e é perseguido por policiais e civis, numa fuga movimentada e muito bem fotografada. Aliás, a fotografia é das coisas interessantes do filme, e a música

de Miklos Rosza, apesar de um pouco repetida, calcada em suas composições anteriores, é muito cinematográfica. Joan Fontaine tem um papel bom, e Burt Lancaster está melhorando, exagerando menos nos gestos. Robert Newton, que faz sua estréia no cinema americano, está completamente mudado, e, embora muito inferior ao pintor de "O Condenado", não perde o talento com a modificação. (Universal-International).

M E X E R I C O S

Joan Caulfield desistiu de voltar ao palco, e já comunicou aos "big-shots" de Hollywood que continuará sua carreira cinematográfica; e a melhor prova de que pretende permanecer na Capital do Cinema, é o fato de ter abandonado o apartamento que mantinha num hotel, para ir morar na luxuosa residência que adquiriu em Brentwood, no dia seguinte ao do término do seu papel em "Dear Wife". ★ Uma agradável notícia para os fans da velha guarda: Gloria Swanson, a inesquecível intérprete de "Sadie Thompson" e "Madame SansGene", reaparecerá na tela em "Sunset Boulevard", um filme que revela coisas de Hollywood. ★ Já se acha à venda, nos Estados Unidos, um novo livro sobre a vida de Bing Crosby; são 52 páginas que rendem um tributo de admiração ao famoso intérprete de "Na Corte do Rei Artur". ★ Graças ao seu trabalho magnífico em "A... Mundana", Jean Arthur obteve da Paramount um vantajoso contrato para fazer três novos filmes "Classe A". ★ Kenny Washington, um dos

mais populares jogadores de futebol da Califórnia, foi contratado para desempenhar o papel de companheiro de Burt Lancaster em "Rope and Sand", filme cujo argumento se desenrola nas minas de diamante da África. ★ Logo que termine seu papel em "Red, Hot and Blue", Betty Hutton embarcará rumo à Honolulu, em companhia de seu esposo, o industrial Ted Briskin; as crianças ficarão em casa, com as babás.

★

CÍRCULO DE ESTUDOS CINEMATográficos

COM o nobre intuito de investigar os problemas estéticos, filosóficos, históricos e técnicos da Sétima Arte, divulgar sistematicamente entre os fans as obras clássicas do Cinema, e cooperar na medida do possível com as sociedades congêneres existentes no Brasil e em outros países, acaba de ser fundado nesta capital o Círculo de Estudos Cinematográficos.

A novel entidade iniciará suas atividades públicas dentro de breves dias, patrocinando uma conferência de Luís Alípio de Barros sob o título "Aspecto estético e a influência einsteiniana na fotografia de Gabriel Figueroa", conferência ilustrada com a projeção de uma fita inédita do mestre mexicano.

O corpo de diretores do C.E.C. reúne os seguintes jornalistas: Alex Viany, Antônio Moniz Viana, Luís Alípio de Barros, Pedro Lima, Hugo Barcelos, José Francisco Coelho, Osvaldo Marques de Oliveira (Jonald), Carlos Fernando, José Amadio, Salviano Cavalcante de Paiva e Leon Eliachar.



"PAISÁ", DE ROBERTO ROSSELLINI
Violência e abnegação dentro do drama

Os italianos ensinam Hollywood a fazer filmes

As possibilidades do cinema são ainda ilimitadas. Não ficam adstritas, como muita gente supõe, a grandes recursos financeiros e polimento técnico. Conquanto essas condições sejam indubitavelmente um proveitoso auxílio para a realização de películas excitantes e originais, como mais de uma vez se tem demonstrado em Hollywood, não são indispensáveis. Os estúdios estrangeiros têm evidenciado que a imaginação e a simplicidade valem mais do que a munificência e o equipamento complicado para a produção de filmes de valor. E continua a demonstrá-lo. Os verdadeiros artistas do cinema trabalham muitas vezes melhor, parece, quando estimulados ou mesmo desafiados pela pobreza de recursos tanto de maquinaria como de dinheiro.

Um impressionante filme estrangeiro acaba de ser exibido nos Estados Unidos. Não tem "estrélas" de grande projeção, nem custosas instalações, nem "cameras" modernas, nem aparelhamento adequado. Mas, apesar disso, "Paisá" sobrepuja de modo marcante os melhores filmes no gênero produzidos em Hollywood. É uma produção italiana, que bateu "records" de bilheteria por todo o país. Num país praticamente atingido pela última guerra,

A lição de "Paisá", o diretor Rossellini e o renascimento do cinema peninsular

não era essa a ocasião de esperarmos que a Itália desse algo de aproveitável em matéria de cinema, e, apesar disso, os italianos nos brindaram com excelentes produções, tais como: "Cidade Aberta", "Viver em Paz", "O Bandido", "Um Dia na Vida" e tantos outros. Todavia, o verdadeiro renascimento do cinema italiano está aí em "Paisá". Esse filme é da mais alta e admirável expressão de tudo o que se tem feito na Itália.

O povo italiano participou ativamente do último conflito. Episódios dolorosos de luto e sofrimento ainda estão bem vivos na memória do povo peninsular. "Paisá" é um filme semi-documentário, quanto à forma de apresentação, pela simples razão de não haver muito dinheiro para a produção de filmes, com cenários especiais. É magnífico e grandioso, porque o talentoso Roberto Rossellini, que nos ofereceu essa maravilha que foi "Roma, Cidade Aberta", compreendeu muito bem e soube interpretar de maneira eloquente os aspectos fundamentais da guerra mo-

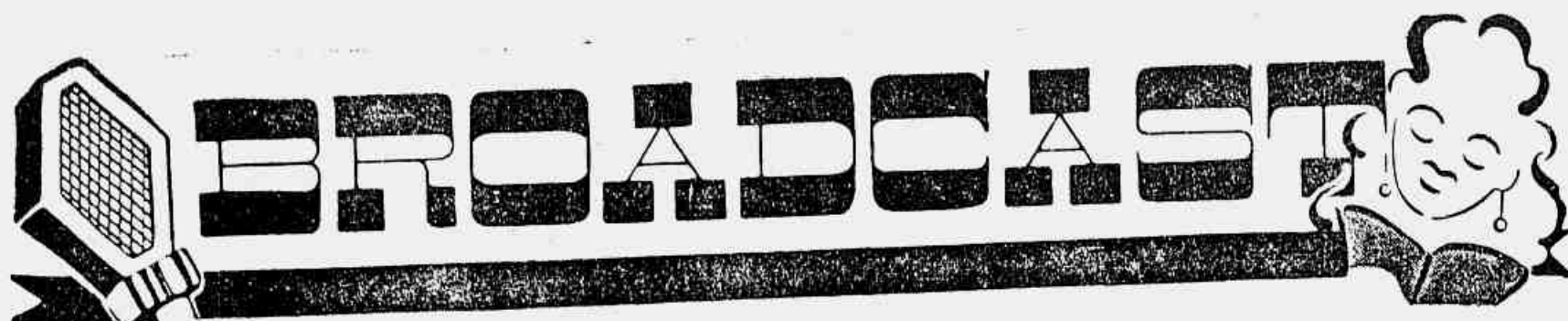
derna, da qual as populações civis tiveram seu "front" de batalha também. Roberto Rossellini soube capitalizar os poucos recursos de que dispunha para realizar "Paisá". Não se pode dizer que seja propriamente filme para platéias sensíveis. É um filme violento, de terrores e de inexprimíveis angústias. Para aqueles que gostam de películas movimentadas, com impressionantes contornos, "Paisá" é uma tremenda aventura de filmagem.

O esquema que Rossellini escolheu para o cenário de "Paisá" é muito mais ambicioso do que o usado em "Roma, Cidade Aberta". As cenas focalizadas por "Paisá" compreendem toda a campanha italiana desde o primeiro desembarque das tropas aliadas na Sicília até a batalha final pela posse do vale do rio Pô, ao norte da Itália. Embora Rossellini tenha usado com exuberância os flagrantismos de guerra, para mostrar soldados italianos, alemães, americanos e ingleses, tais como apareciam durante a campanha, soube dar singularidade a uma série de episódios que individualizaram os acontecimentos. O resultado foi uma película profundamente movimentada e comovedora.

(Continua na pág. 51)



NA TRAGÉDIA CINEMATOGRAFICA ITALIANA
Não se distinguem credos, nem raças, nem idiomas...



A. MIGUEIS

A SANFONA DO MANÉ

Marcha de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira

Ai, como toca a sanfona o Mané
E como tá bom { Bis
O arasta-pé

O Mané com a sanfona
Faz sozinho um festão.
Tocou tanto um dia destes
Que acordou São João.
São João, desceu e disse:
O' Mané você é um herói,
Mas, porque você não vai
Tocar sanfona em Niterói.

★

MI RENUNCIA

Bolero de Armando Cavalcante

Sigue mi bien
Tendrás al fin um nuevo amor
Y olvidarás lo que sufriste ayer.
Sigue mi bien...
Que Dios hará de tu vivir
Claro sendero alumbrado de amor...

Es impossible olvidarte, si tu eres [mi vida
Es impossible quererte, mas que te [quiero yo
Y si no puedo decir que eres tu [mi querida
Olvida, olvida mi corazon.
Sigue mi bien
Que Dios hará de tu vivir
Claro sendero, alumbrado de amor...

★

FRENESI

Canción tropical de Alberto Domingues

Bésame tu a mi
Bésame igual que mi boca te besó
Dame el frenesi que mi locura te [dió

Quién si no fui yo
Pude enseñar-te el camino del amor
Muerta mi altivez
Quando mi orgullo rodó a tus pies

Quiero que vivas solo para mi
Y que tú vayas por donde voy yo
Para que mi alma sea no más de ti.
Besame con frenesi
Dame la luz que tiene tu mirar
Y la ansiedad que entre tus labios vi
Esa locura de vivir y amar
Que es más que amor, frenesi.

Hay en el beso que te di
Alma piedade corazón
Di-me que sabes tu sentir
Lo mismo que siento yo
Quiero que vivas solo para mi
Y que tu vayas por onde yo voy
Para que mi alma sea no más de ti.

Besame con frenesi,
Besame con frenesi.



O nome real da "Rainha do Rádio" é bem diverso daquele que ela usa ao microfone. Marlene é só para seus fans, porque, familiarmente, chama-se...

RADIO-FLASHES

NOTA BIOGRÁFICA

Peri Borges e Estelita Bell nasceram no Rio Grande do Sul onde, por sinal, fizeram-se artistas de rádio. Cabe-lhes, aliás, a primazia de terem criado o gênero rádio-teatral em Porto Alegre, razão porque foram cognominados de bandeirantes da arte de dizer ao microfone. No decorrer de 1937, quando mais intensa ia a radiofonia na capital gaúcha, lançaram através da PRH-2, o "Teatro Farroupilha", no qual irradiaram os grandes originais do teatro universal. Presentemente integram o elenco da Mayrink Veiga, compartilhando dos sucessos alcançados pelos espetáculos de teatro-cego da PRA-9, à cuja frente se encontra Sadi Cabral. Tanto Peri Borges como Estelita Bell que, digá-se de passagem, é sua esposa, antes de pensarem no rádio, foram elementos de destaque da Companhia Procópio Ferreira, da qual se desligaram, quando a mesma se desfez. De quando em vez, ambos empreendem "tournées" artísticas pelos estados do sul, a fim de matarem saudades dos pagos.

★

NOVIDADES EM FOCO

O ingresso de Dorival Caimi no cast de cantores da Rádio Nacional está sendo festejado pelos inumeráveis admiradores de sua arte. Artista cem por cento regional, ele trouxe para o cancioneiro

FALTA DE ESCRÚPULOS... A temporada de Xavier Cugat, ao microfone da Rádio Globo serviu, mais uma vez, para demonstrar o quanto de verdadeiro existe nestas palavras fundamentais de Samuel Smiles: "o caráter, nas suas mais nobres expressões, representa a natureza humana em toda a sua grandeza, porque mostra o homem sob o seu melhor aspecto". E' que nem todos compartilham desse sentimento elevado, presos que se acham à prática de atos condenáveis, que tornam visíveis a absoluta ausência de caráter. Isto, foi o que aconteceu com os espetáculos proporcionados pela PRE-3 aos inumeráveis fans do mais famoso e discutido "band-leader" da atualidade. E' que, apesar dos gastos astronômicos ocasionados com a vinda desse conhecidíssimo conjunto orquestral, a emissora dos 1.180 quilociclos, não se furtou a distribuição de convites gratuitos a quantos batiam à sua porta. Houve mesmo, diga-se de passagem, excesso de facilidades, a considerar-se as despesas com que teve de arcar a simpática estação, uma vez que o "show" de Mister Cugat, reunia artistas caríssimos, como Los Huastecos, Mejicanita, Antonio Mestre, Dircinha Batista, Massupere e Cristancho. Assim, porém, não compreenderam os aproveitadores. Valendo-se da boa vontade dos organizadores desses espetáculos artísticos que, numa atitude simpaticíssima, distribuíam convites à farta, ao contrário do que fazem outras emissoras, esses indivíduos inescrupulosos, num gesto dos mais condenáveis, postavam-se à entrada do Odeon, oferecendo à venda, os mesmíssimos ingressos que lhes foram ofertados gratuitamente. E dizer-se que, ao solicitarem um convite, o faziam alegando falta de recursos para a compra... Novamente valemo-nos da memória, recordando velha frase de Emerson: "o caráter é a ordem moral vista através de uma natureza individual". Depois disto, resta-nos uma conclusão, a de que somente a completa ausência de moral pode levar o cidadão à prática de atos indignos, como o que acabamos de relatar. Aquêles que fizeram negócio de uma dádiva generosa, abusando da confiança dos dirigentes da Rádio Globo, assim o procederam pela carência de caráter. Resta, portanto, para a próxima vez, conhecer-lhes os nomes, a fim de divulgá-los ao público. Eles assim o merecem.

verde e amarelo uma série de bonitas composições. Também sua contribuição ao cinema será apreciada em breve, quando do lançamento de "Estrêla da Manhã", em que o veremos vivendo um pescador.

★ Nada de positivo existe sobre o ingresso de Ari Barroso na PRE-8. Os próprios elementos dessa emissora desconhecem qualquer negociação entre o festejado compositor e a Nacional, foi o que informou Acir Boechat, em sua bem informada seção.

★ Carlos Alberto assinou contrato com a Mayrink Veiga, a fim de participar dos espetáculos rádio-teatrais dessa estação. Esse menino moço, surgido ao microfone da Globo, cedo revelou qualidades para a arte de dizer, daí o seu aproveitamento nesse setor.

★

OPINIÃO

"No rádio há ainda muita coisa errada. Por exemplo: por que se permite que o sr. Badu diga gracinhas tão licenciosas? Será que o rapaz é mesmo daquele jeito que se apresenta aos ouvintes? E não saberá fazer graça sem lançar mão de recursos tão imbecis? Sr. Badu, tenha um minuto de reflexão! Lute também pela dignidade do rádio. Lembre-se de que as asneiras que o senhor diz, entram em milhares de lares dignos e que merecem o seu respeito".



Dorival Caimi não é mais da Tupi. Assinou contrato com a PRE-8, participando de seus programas de estúdio. Também o cinema conta com o seu concurso, através de "Estrêla da Manhã"

Será atendido esse apelo de Acir Boechat? Duvidamos...

★

FIQUE SABENDO QUE...

...o verdadeiro nome de Olivinha Carvalho, estrêla da Rádio Guanabara e do cinema nacional, é Olívia Corvacho.

...Marlene, artista exclusiva da Rádio Nacional e rainha do "broadcasting" brasileiro, foi registrada como Vitória Bonianti...

...Pedro Bloch, embora afastado das atividades radiofônicas, não se entregou ao ostracismo, pois trabalha em dois originais para o teatro, além de ser o autor do argumento de "O homem que passa".

★

FLAGRANTES PAULISTAS

Chiquinho Sales, cuja ausência do sem fio carioca tem sido sentida, está defendendo o pão de cada dia no rádio paulista, como exclusivo da Bandeirantes, onde participa de programas humorísticos.

★ Heitor de Carvalho, atendendo vantajosa proposta de Gilberto Martins, transferiu-se para o "broadcasting" bandeirante, atuando nos principais horários da PRH-9.

★ Margalô Bruce, que constituiu número de atração da PRA-9, encontra-se em São Paulo. Parece estar descansando, uma vez que as emissoras paulistas não a apresentaram.



Peri Borges e Estelita Bell criaram o rádio-teatro em Porto Alegre. Hoje, porém, eles fazem esse gênero de programa, mas na Mayrink Veiga



Myrna Dell, da RKO, ostenta maravilhoso modelo para jantar em cetim pérola

ESSA felicidade tranquila e serena, só nos vem do amor que floresce em nosso lar...

É ali, entre os nossos filhos, e nosso espôso e as nossas "coisas" que encontramos o verdadeiro sentido da nossa vida. E' inútil querer a mulher ir buscar a felicidade nos campos das aventuras e dos amores fáceis é inútil procurar se convencer de que não há lar que valha a sua liberdade; é inútil querer fugir a tudo isso alegando o trabalho e o cansaço que a vida do lar lhes dão. Porque, todo o trabalho, todo o sacrifício, todos os esforços, são largamente compensados por essa admirável certeza de se possuir um lar.

Mas para que se possa ter um lar realmente digno desse nome, é preciso também que se tenha tato e inteligência, boa vontade e dedicação, pois, não é suficiente ter-se dentro de uma casa um espôso, filhos e móveis bonitos, quando não se sabe como manter tudo num ambiente de contentamento e felicidade.

NOS BASTIDORES FEMININOS

E' preciso, antes de mais nada, que a mulher não procure dominar o marido e os filhos; que não tente impôr somente a sua vontade; que, sob o pretexto de não desarrumar a casa, venha a coibir os movimentos dos que nela vivem.

Uma mulher inteligente fará do seu lar um lugar tão agradável que ninguém procurará fugir dele.

Para o espôso, arranjará um canto simpático, onde possa sentir-se à vontade, sem qualquer preocupação senão o de gozar as delícias do momento.

Para os filhos, encontrará distrações apropriadas, jogos divertidos e instrutivos, dos quais ela mesma tomará parte; também eles terão os seus "cantos" onde poderão brincar sem gritos e recriminações.

Saberá preparar coisas gostosas para o marido e para os filhos; manterá palestras agradáveis, o que não será difícil se procurar ler e se manter sempre ao par dos assuntos mais palpitantes do dia; falará sempre com suavidade mas saberá ser enérgica quando preciso for. Saberá trazer a casa rigorosamente limpa e saberá também manter a sua própria "linha", conservando pela sua figura o mesmo interesse que tinha em solteira... Fazer-se bonita para o espôso é seu dever. Porque, todo o seu trabalho estará em grande parte perdido si ela negligenciar na sua aparência. A sua beleza deverá se enquadrar na beleza do seu próprio lar...



NOITES FRIAS

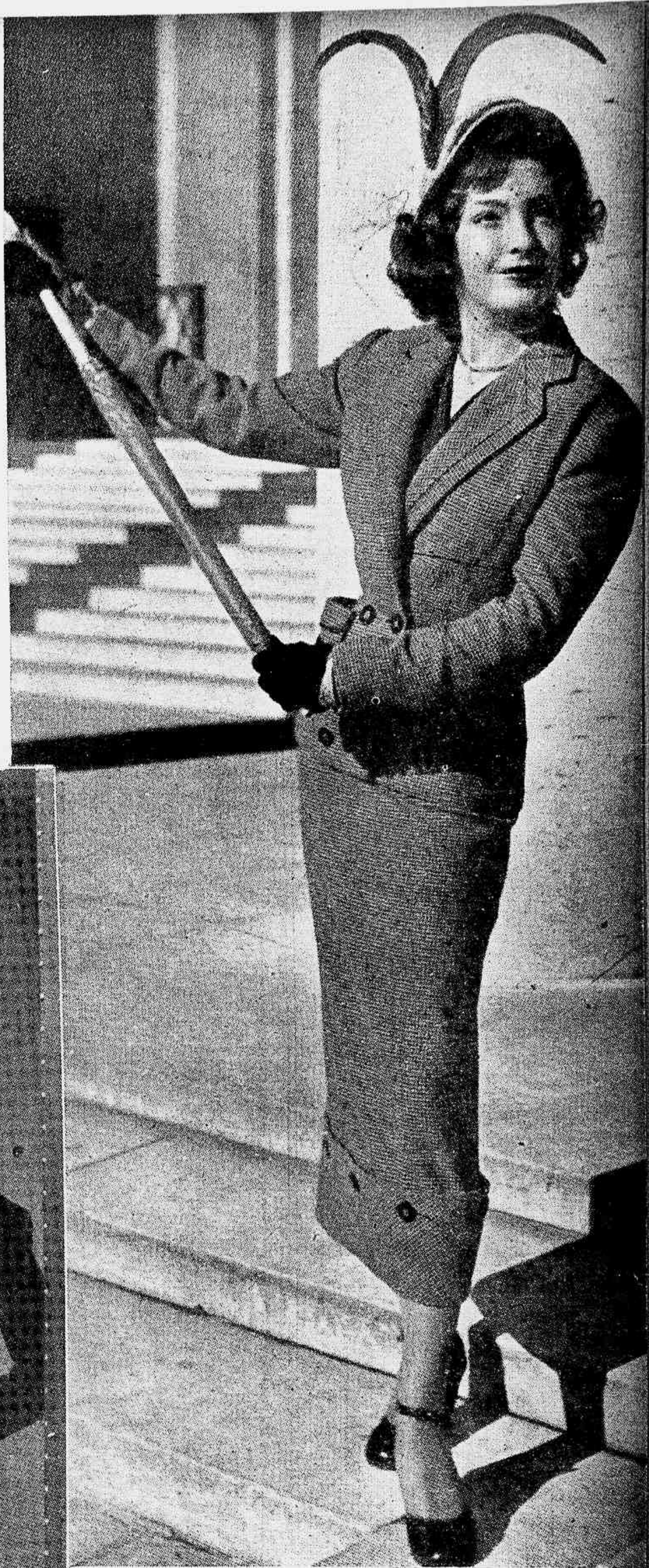


PARA as noites frias as camisolas devem ser mais agasalhadas, protegendo-nos melhor contra a baixa da temperatura. Mangas curtas ou compridas substituirão as alças e golinhas fechadas ou pequenos decotes substituirão os grandes decotes. Eis alguns modelos próprios para as noites mais frias. Na foto acima Gloria Grahame, da RKO com camisola de cetim, estilo "chemisier".



A VERSATILIDADE DO TAILLEUR

A volta ao "tailleur" não significa a volta a uma linha única, a um modelo absoluto que transforme uma mulher em cópia da outra. Felizmente, nesta temporada não acontecerá o mesmo que aconteceu à temporada passada, quando todas as mulheres vestiam as mesmas saias rodadas com as mesmas "basques" curtas e em "godet". O "tailleur" da presente estação, se bem que conservando as suas linhas clássicas, permite à mulher uma grande variedade de escolha, tudo dependendo assim do seu bom gosto, o seu tipo, da sua idade, etc. Os que aqui hoje apresentamos são bastante diferentes entre si e, no entanto, representam a idéia da moda atual.





PARA TODAS AS *horas*

Elegantes e sugestivos são os modelos aqui apresentados para as diversas horas do dia. À esquerda de cima para baixo: Blusão drapeado sobre a cintura e quadris. Sala com grupo de pregas na frente. Gola "chemisier". Modelo de Jean Farell. Em la cinza, corpo longo, saia muito original com bolsos "kangurú". Dos lados a saia sobe até quase a cava. Criação de Worth. Modelo de Raphael em jersey de lã preta. Cintura dupla muito justa. Bolero de cetim brocado torna o vestido mais "habillé". Na foto acima: Modelo de Jean Dessés em lã preta. Na sala, três babados enfiados encimados por grandes ilhozes bordados no mesmo tom. Em baixo à direita: Modelo em lã cinza, manga "kimono" muito larga. Criação de Grés. A sala é em "godet" com pregas soltas na frente.



O AMOR É ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

Quem chegasse, há alguns meses, ao pôrto do Rio e fôsse a pé através da Praça Mauá ou imediações, na certa encontraria encostado às paredes dos cafés ou à beira do mar um jovem de cerca de vinte e dois anos, de pele clara, estatura regular muito mal vestido, barba crescida, cabelos em desalinho, vestindo pobremente.

Quem seria?

Apenas um episódio isolado dentre os mil que rolam por todo esta grande cidade, cada um encerrando uma página de dor e desilusão nas cousas desta vida.

Raramente falava. Quando queria dirigir-se a uma pessoa, era apenas para pedir um cigarro. Ninguém sabia onde passava as noites, se tinha família, onde fazia suas refeições. Talvez só se alimentasse de pequenos bocados oferecidos nos cafés, algum resto de pão, uma média de café preto, fundos de pratos nas lavagens da cozinha.

Inofensivo, humilde, não bebia álcool. Quem era? Não sei se alguém o soube.

Desapareceu como por encanto daquele meio. Teria morrido? Mudara-se para sua terra natal? Estaria recolhido a algum nosocômio? Desencantara-se sua vida atribulada e ele reconquistara a alegria de viver?

Somente agora alguém soube de todo aquele mistério. Marcos (era este seu nome) viera do interior do Estado do Rio há vários anos. Aqui, lá para os lados de S. Cristóvão conheceu Lenira. Os corações jovens se atraem quando uma centelha de amor os ilumina e aquece para os triunfos e vitórias da vida.

A família da moça aprovou o casamento, e os pais dele lhe disseram por carta que ele já era maior e, por isto tinha toda a liberdade para dirigir-se sozinho na estrada da vida. Agradeciam a consulta e lhe desejavam felicidades.

Empregado e a ganhar bons salários na firma estrangeira da qual era um dos melhores elementos, Marcos não cabia em si de contente. Uma noite, em casa da noiva, marcaram os futuros sogros o casamento.

Seria em maio, o chamado mês das flores, das tardes primaveris, do céu azul e do mar verde como a esperança dos namorados.

Lenira estava cada dia mais linda. Marcos retirara do Banco todos os seus recursos, todas as economias e adquiriu o enxoval, comprou os móveis e demais petrechos para sua nova casa, já tendo falado um apartamento na Esplanada do Castelo.

E quando faltava um dia para o casamento, Lenira é vítima de um acidente na Guanabara e nunca mais apareceu.

Ele perdeu o casamento, perdeu a vida, a esperança, o prazer de viver. E, todos os dias andava ali pelas imediações do cais do pôrto à espera que sua amada viesse aos seus braços...

Porque Marcos morreu em vida? Porque...

Porque... o Amor é assim!



"Turban" de Maud et Nano em Jersey com gaze em tom contrastante

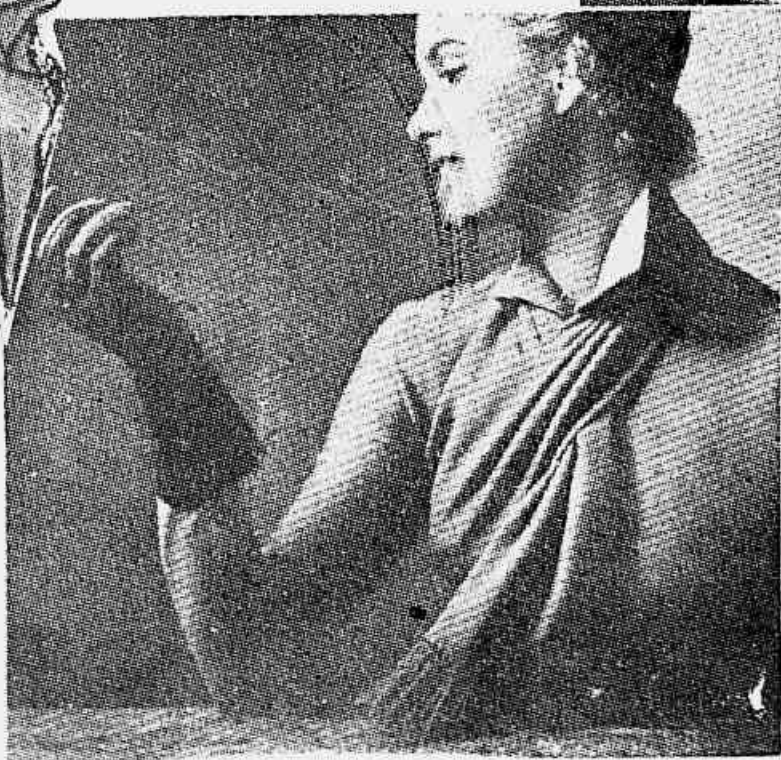


Saia de Jacques Griffe, "godet" embutido de um lado



Virginia Mayo, de Samuel Goldwyn, usa, com um ousadíssimo modelo para a noite, um magnífico colar de ametistas

Blusa de seda branca com trabalho em bordado aberto muito original



Sweater preto, abotoa da de forma original e com gola alta feita em tiras de seda em cores diferentes

Um modelo em jersey cinza com uma echarpe que, partindo da cava direita, dá a volta ao pescoço, caindo em ponta do lado contrário

DETALHES E NOVIDADES

Com as golas e talhes altos nos vestidos de inverno, os colares se tornam indispensáveis



PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCEDES SANTOS

São João...

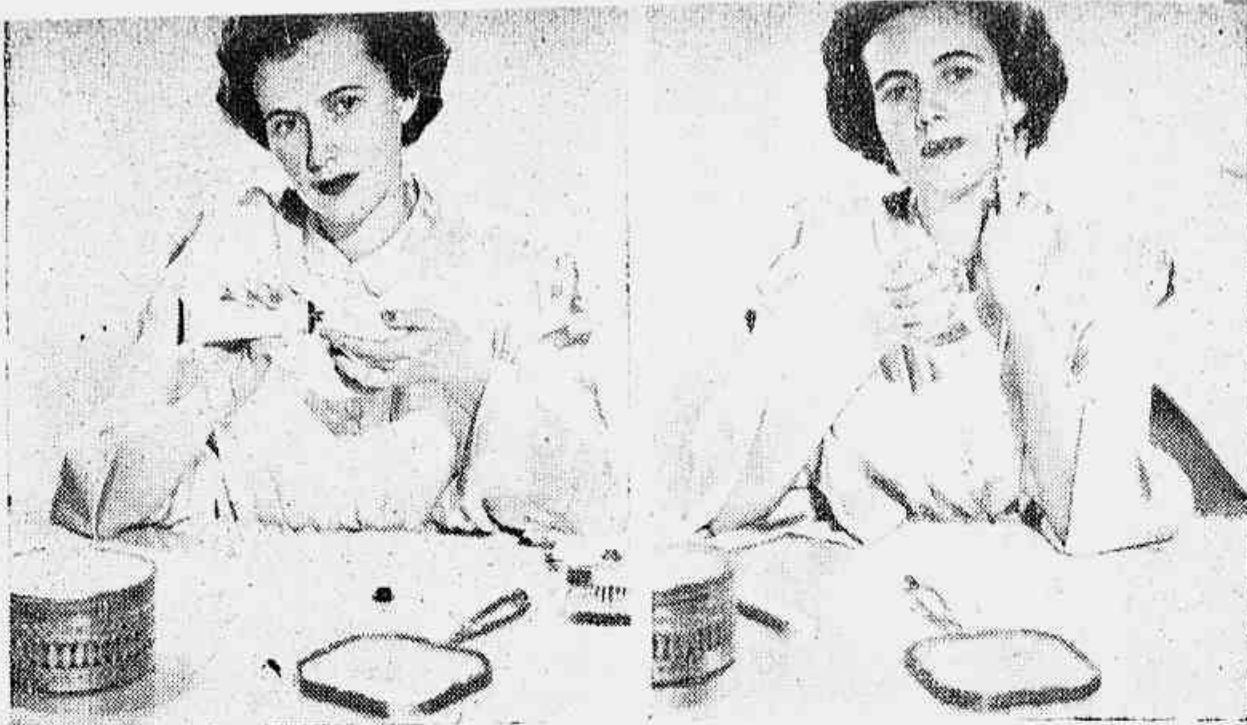
OS garotos do bairro resolveram declarar guerra ao silêncio. Sossêgo? Ah, é terminantemente proibido! Iniciou-se a semana dos festejos a São João e nada mais justo do que as "bombinhas" barulhentas que eles lançam nas calçadas ou sobre os pés da gente, em homenagem ao velho Santo. As véses, fico irritada quando sou obrigada a interromper o sono, altas horas da noite, simplesmente porque o "moleque", que não tem obrigações cotidianas, resolveu que assim o fôsse. Todavia, esta irritação é demasiado fugaz e, em determinadas ocasiões, sinto uma inveja danada do garoto irresponsável que daquelas horas estoura bombas e dá vivas a São João, sem se incomodar com o sono ou o repouso de quem quer que seja.

Uma saudade muito grande começa a invadir o meu pobre coração e uma verdadeira tempestade de fatos passados assalta-me a memória, como se tentasse arrancar-me à realidade presente. No entanto o que eu acho mais curioso em tudo isto é que estas recordações por mim vividas, apesar de ternas e íntimas, encontram a sua origem na traquinagem do "moleque" do bairro. Vejo-me há um ano atrás, numa encantadora e pequena cidade nordestina, a qual visitei por ocasião de minhas férias. Esta cidade é tradicional pelos festejos juaninos. Ali, procedente de um lugarejo vizinho, cheguei exatamente à véspera do grande dia. As fogueiras já ardiam nas ruas principais; a população, vibrante de entusiasmo, movimentava-se de um lado para outro nos arranjos dos últimos preparativos; sanfonas e realejos, em perfeita harmonia, espalhavam música no ar e, ao anoitecer, a intrusa, a moça recém-chegada da cidade grande, que nem sequer fora notada, teve a idéia precisa de que se encontrava num acampamento cigano.

Dentro daquele ambiente estranho e de uma simplicidade comovente, sentia-se francamente desajustada. Contudo esta sensação de abandono e inquietude pouco durou. Os sorrisos francos e as palavras amáveis que os habitantes da terra trocavam entre si, animaram-me a uma firme resolução: transformar a turista sequiosa de novidades numa filha do lugar. O meu primeiro pensamento foi procurar a filha da dona da pensão em que eu estava hospedada, o que prontamente realizei. Era uma jovem pálida, muito calada, olhar sonhador e que gostava — segundo informações de um vizinho de mesa — de recitar poesias de Casimiro de Abreu. Convidei-a a sair comigo, daquela noite e quase recusou o meu convite, pois julgou — conforme mais tarde me esclareceu — que toda moça das grandes cidades, quando se aproximava das do interior era simplesmente para criticar ou saciar a curiosidade de quem se considera superior. No entanto, ao compreender a sinceridade de minhas palavras, não relutou em aceder. Descreveu-me num minuto todo o programa da festa para a véspera e dia de São João. Levou-me a seu quarto e mostrou-me, numa atitude quase religiosa, dois pequenos embrulhos. Um, contendo uma faca nova, que nunca havia sido usada, e outro, um espelho em idênticas condições. Mostrou-me, também, uma porção de papéizinhos com os seguintes dizeres: "Sim, Não, Senhor São João". Tentei fazer-lhe algumas perguntas, porém, muito delicadamente ela me disse aquele mesmo dia, antes da meia-noite, explicar-me-ia tudo.

Depois da ceia, que constou de uma panela de milho verde cozido e outra de canjica (que é feita com milho verde ralado e leite de côco), Mariazinha — era assim o seu nome — autorizou-me a fazer algo que considerei em demasia estranho calçar uns tamancos que pertencia à mãe dela, a fim de que eu pudesse tomar parte na "dança do terreiro". Fiquei perplexa, pois na minha vida jamais ouvi falar nesta espécie de dança, porém, lembrei-me da minha resolução e num amplo sorriso aceitei a idéia. Precisamente às sete horas da noite, com os pés metidos nuns tamancos de verbutine vermelho, estava eu penetrando, pelo braço de Mariazinha, no terreiro ornado de lanternas e bandeirinhas coloridas. A claridade intensa formada pelas labaredas que provinham das inúmeras fogueiras deixara-me, por uns momentos com a vista em brasa. Num palanque, ornamentado com babús, estavam os músicos em trajes característicos e com visível impaciência arranhavam os instrumentos. Foguetes e fogos de artifício rasgavam o céu. Instantes depois da minha chegada, entrou no terreiro um caboclo trazendo presa ao pescoço uma sanfona toda enfeitada de fitas — era o "dono" da festa. Após a sua entrada triunfal, teve início a dança. Foi algo que jamais esquecerei. Moças e rapazes, todos calçados de tamancos, numa cadência impressionante, volteavam as fogueiras crepitantes, acompanhando as emboladas e as doces trovas regionais, partidas dos sanfoneiros. Terminada aquela dança, Mariazinha tomou-me pela mão e obrigou-me a participar de uma outra, francamente engraçada. Resumia-se apenas em fazer estalar com bastante força os tamancos de encontro ao chão batido do terreiro, acompanhando sempre o ritmo de uma embolada que terminava com estas palavras: "Ô sapeca, fogo na giranda do doutor". Às onze e meia, fui levada por Mariazinha e mais cinco moças para um canto e ali, saboreando uma espiga de milho assado, fiquei conhecendo as mais variadas crendices daquela cidade. A faca virgem enterrada, à meia-noite em ponto, no tronco de uma bananeira, revelaria em sua lâmina o nome do homem que seria o nosso esposo. O espelho virgem, olhado também à mesma hora, refletiria a felicidade ou desgraça que estaria para nos acontecer. Os papéizinhos, benzidos na fogueira, indicariam a decisão de um negócio que pretendêssemos empreender e assim por diante.

Enquanto eu saltava a fogueira com um jovem desconhecido, que depois viria a ser meu compadre repetindo as palavras que ele me ditava: "São João dormiu, São Pedro acordou, adeus meu compadre, que São João mandou", Mariazinha e as cinco moças desapareceram para tomar conhecimento das mais graves revelações: nomes de esposos, uma morte próxima ou a decisão de um negócio. Às seis horas da manhã seguinte, com muito pesar, abandonei aquela cidade festiva e os seus habitantes. Entretanto, não pude esconder a tristeza de não ter podido saber o que o destino reservou naquela noite a Mariazinha e suas companheiras. Hoje ao sentir tão próximo o São João, bendigo o "moleque" do bairro que me despertou tão gratas recordações e lastimo que as mocinhas das grandes cidades não possuam a ingenuidade e singeleza de alma que caracterizam as jovens do interior nordestino.



1 Um creme suave para o rosto, à base de vitaminas. Miss Wright, preferiu-o em bisnagas. Acha-os mais práticos e econômicos. Sua pele exige cuidados.

2 Uma loção, também para o rosto, à base de óleo, a fim de proteger a pele contra a irritabilidade causada pela poeira sol, vento, etc.

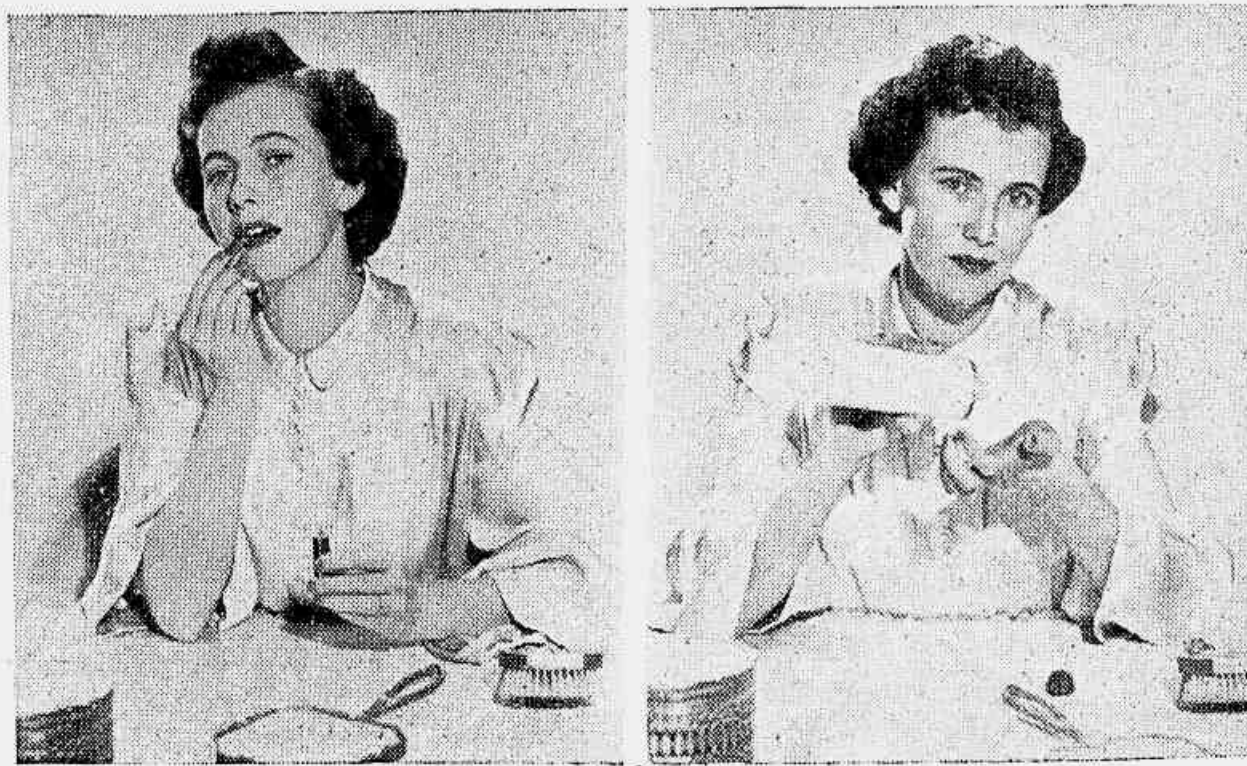


3 A "base" para o "maquillage" é indispensável. Dá uma tonalidade igual à pele e aumenta a duração do "make-up", evitando os retoques constantes e incômodos...

4 O pó de arroz deverá ser de cor exatamente igual à pele, a fim de não parecer que o rosto esteja manchado. Uma camada suave é suficiente.

OITO PONTOS DE BELEZA

TERESA Wright da RKO e Samuel Goldwyn, apresenta, para as nossas leitoras os seus oito principais pontos de beleza, que valem como uma lição. Vejamos:



5 O "baton" deverá ser da tonalidade do "rouge". Miss Wright prefere seguir as linhas naturais dos lábios, evitando falsos contornos.

6 As mãos não devem ser esquecidas. Uma boa loção deve ser usada todas as vezes em que as mãos forem lavadas. Mãos bem cuidadas são sempre apreciadas.



7 A escova para os cabelos é outra coisa indispensável. Torna os cabelos mais brilhantes e sedosos. Cuide de seus cabelos e parecerá sempre jovem e bela.

8 Finalmente as unhas. Estas deverão estar sempre impecáveis. Não havendo tempo para a "manicure", trate-as em casa. Evite o aspecto desagradável das unhas descascadas.

Week-end



Chapéus de inverno

Algumas encantadoras sugestões para o inverno, Paris apresenta-nos através de nomes famosos na elegância feminina, como os de Gilbert Orcel, que nos apresenta um modelo em feltro verde drapeado, guarnecido de penas. Em baixo, temos, de Simone Cange, toucado de veludo negro com pedras também negras. Véo amarrando sob o queixo. "Beret" em feltro cinza, enfeitado com pena azul forte. Criação de Georges.



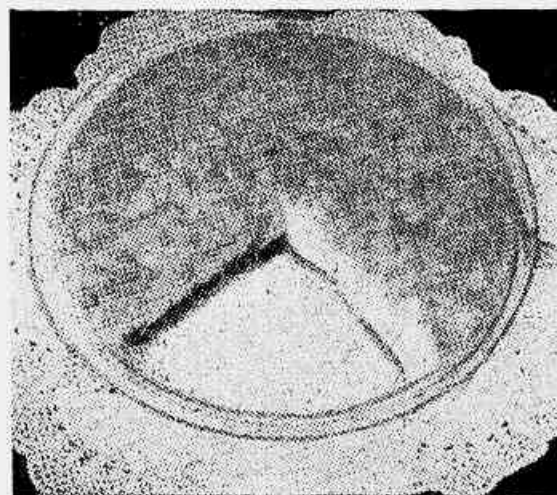
COUVE-FLOR DOURADA

Bata 4 claras em neve e junte as gemas e 1 colher de chá de farinha. Cozinhe uma couve-flor em água e sal, parta em galhos, passe nos ovos e frite na banha quente.



CARNE BRAISEE

Prepare 1 ½ kg. de alcatra, tempere e deixe repousar. Deite numa panela fatias de toucinho inglês, rodelas de cenouras e de cebolas, junte a carne, regue com 1 xícara de vinho branco, 1 de água, tape bem e leve a cozinhar em fogo fraco. Quando estiver bem macia, retire a carne, desengordure o molho e reuna. Corte a carne em fatias, arrume umas sobre as



outras e regue com o próprio molho. Sirva com os pepinos abaixo:



PEPINOS A LA POULETTE

Tome 1 k. de pepinos, tire as sementes, parta em pedaços de 3 cms., deite numa caçarola com água a ferver e deixe no fogo até principiar a amolecer. Escorra bem junte ao molho poulet, deite alguns minutos no fogo e sirva.



MOLHO POULETTE

Toste ½ colher de manteiga com 1 de farinha, depois dissolva com 2 xícaras de caldo. Junte 1 ramo de cheiro, 1 colher de champignons secos amolecidos em água morna e deixe ferver um pouco. Afaste do fogo, retire o cheiro, incorpore 2 gemas desmanchadas, 1 colher de chá de salsa picadinha e leve de novo ao fogo para terminar. Na hora de servir junte o caldo e ½ limão e ½ colher de manteiga.



Sobre toalhas individuais em linho havana, com franjas, serviço de chá em porcelana, muito alegre

CREME PATESSERIE PRALINÉ

Deite numa frigideira 50 grs. de amêndoas picadinhas e 1 colher de açúcar, leve ao fogo sem água, deixe tostar, molhe com 3 xícaras de leite e ferva. Bata 4 gemas com 150 grs. de açúcar, junte 1 colher rasa de farinha, as amêndoas com o leite e leve ao fogo para engrossar.



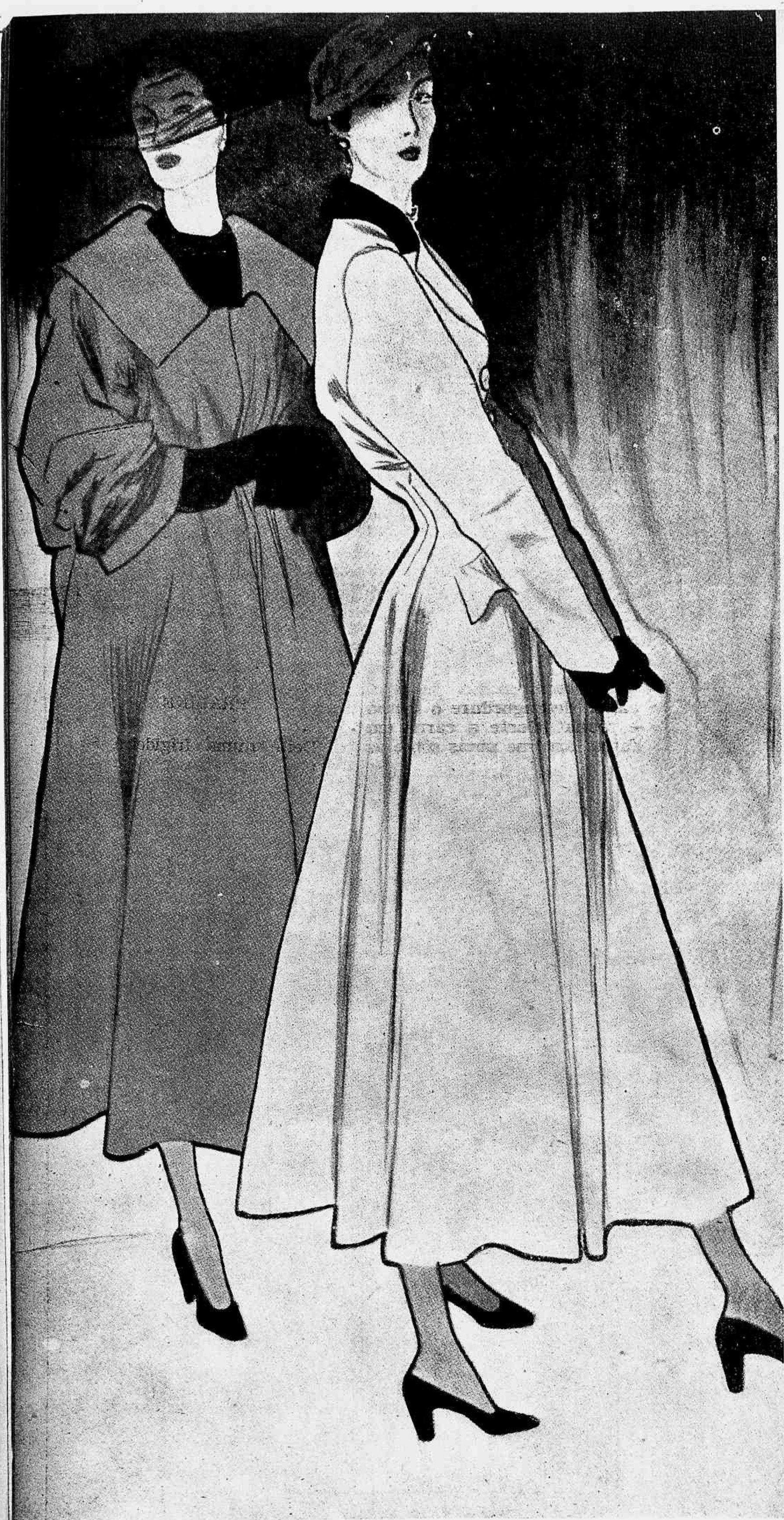
AMEIXAS EM CALDA

Tom 1 kg. de ameixas pretas, deite de molho durante 2 horas. Tire os caroços e leve a ferver na própria água, até incharem bem. Adicione 4 xícaras rasas de açúcar e leve a tomar ponto. Junte 1 cálice de vinho do Porto.

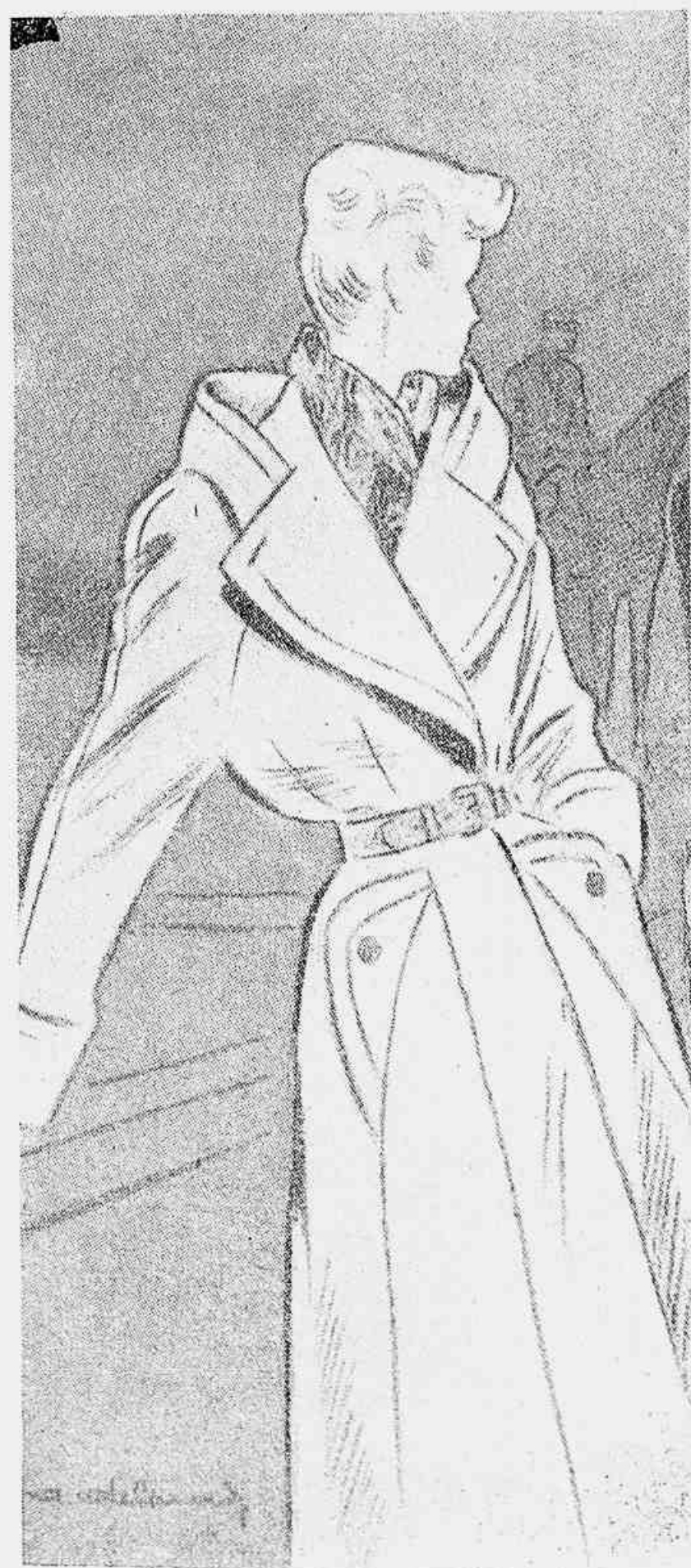


CULINARIA

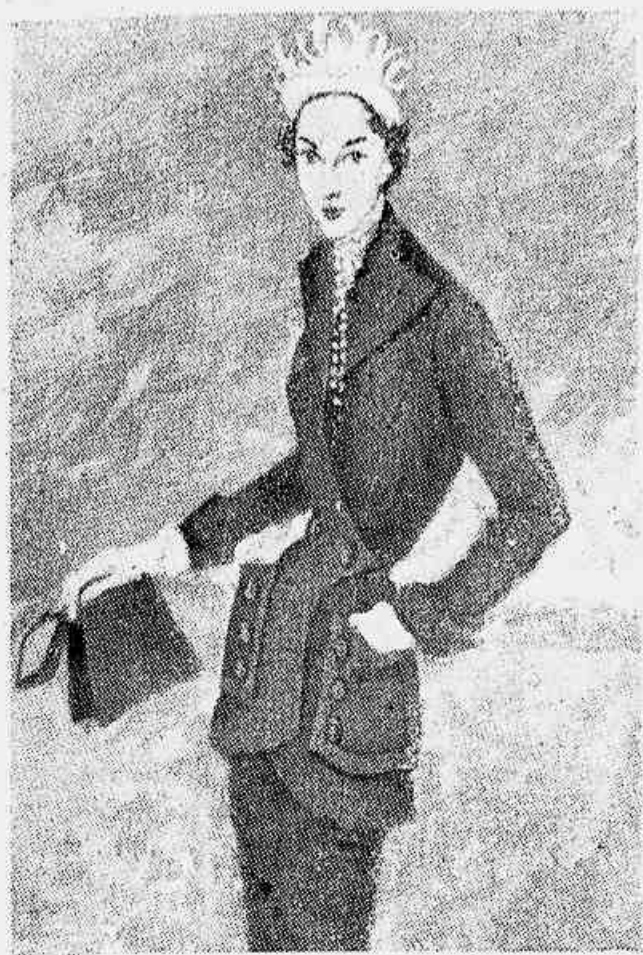
Ao fazer um bôlo, evite misturar ao mesmo tempo, o leite e a farinha. Poderá intercalá-los, mas convém dissolver bem um e outro. ★ O bôlo deverá ser assado em forno regular, a fim de que asse por igual. ★ Os bifés ficam mais saborosos quando temperados com algumas horas de antecedência.



O "Manteaux"



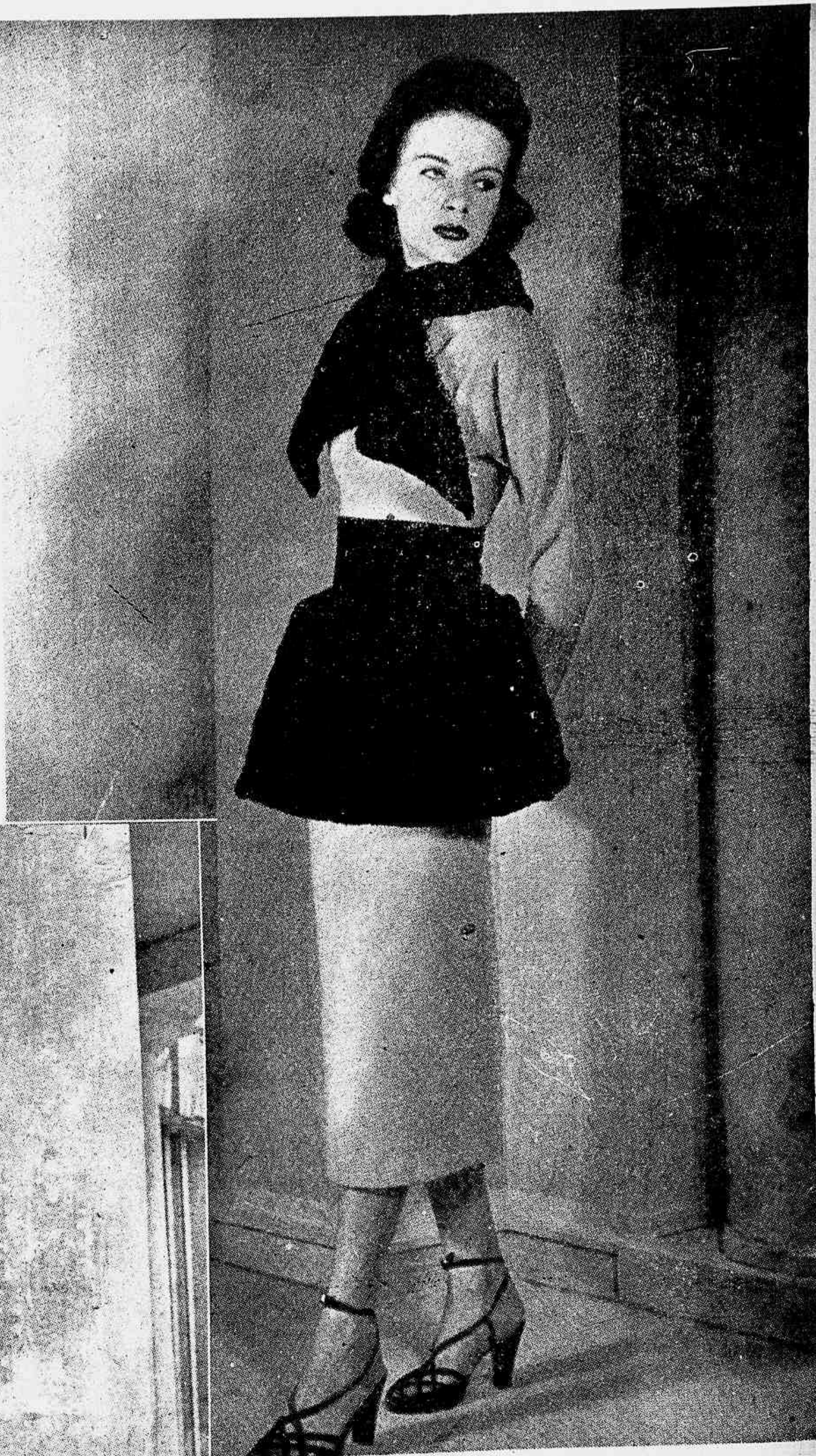
PARA o esporte, para a tarde e as ocasiões de maior cerimônia, haverá sempre um lugar reservado ao "manteaux". Por ser prático e elegante, êle retoma o seu antigo lugar sem grande dificuldade. Alguns são feitos em pesada seda, prestando-se assim também para serem usados durante o período de meia-estação. As sugestões aqui apresentada são as mais recentes que nos chegam de Paris.



"TAILLEURS HABILLÉS"

JÁ para a tarde ou mesmo para a noite, se permitem algumas fantasias sobre os "tailleurs". Alguns são guar-

necidos de peles, outros de bordados, alguns têm "basques" em "godt", outros golas mais amplas, todos enfim se prestando para serem usados em ocasiões mais cerimoniais, ainda que se prolonguem pela noite à dentro. Os acessórios são de grande importância, não se admitindo que com um "tailleur" "habillé" não se use chapéu.





A saúde do Bêbê

DR. SABÓIA RIBEIRO

VACINAÇÃO E INFECÇÕES DA INFÂNCIA

Em relação a certas infecções, nasce a criança refratária por algum tempo, e isto porque lhe transmitiu o organismo materno, princípios que lhe conferem certa imunidade. Via de regra, a amamentação natural, trazendo no leite materno, e sempre, novas provisões desses princípios (as imuninas dos médicos), reforça e prolonga aquela imunidade. Depois disso, porém, a criança está sujeita a contrair as infecções de que esteve até aí mais ou menos protegida, e elas vão aparecendo a certos intervalos.

Na verdade, umas costumam aparecer mais cedo que outras — o sarampo, a coqueluche, a gripe, por exemplo; outras para a idade escolar, como a varicela (catapora) e a cachumba (papeira).

A varicela, hoje, quase não conta devido à sua irradiação quase completa, ao menos nos meios metropolitanos e onde, de qualquer modo, já entrou nos hábitos das populações a vacinação específica contra essa infecção, ou a isso a compulsoriedade as obrigou em muitas oportunidades.

No entanto, impõe-se vacinar a criança, a fim de segurá-la contra a pústula variólica — e isso é geralmente feito.

E, em relação às infecções outras, a conduta é esperá-las, independente de qualquer providência?

Não é tanta preocupação, hoje, evitar a infecção coqueluchosa, ou o sarampo, ou a gripe, senão pelas sequelas que elas costumam deixar, e as complicações a que podem dar lugar.

Admite-se, em geral, que essas infecções abrem a porta à infecção tuberculosa e devem ser evitadas nos primeiros anos da criança. É que todas criam o estado de anergia, isto é, diminuição das defesas orgânicas da criança, facilitando assim o contágio ativo do germe da tuberculose.

Ora, como a tuberculose, no lactente, e ainda durante o período da primeira infância (que vai até o terceiro mês), é moléstia de extrema gravidade, é de todo para evitar as causas que a podem ensejar nessa idade, como a coqueluche, o sarampo, a gripe.

A idéia de uma vacinação contra essas doenças atende, em primeiro lugar, à profilaxia da tuberculose, particularmente ensejada por elas, na tenra idade.

Além disso, nos primeiros anos, o aparelho defensivo da criança não se acha ainda de todo desenvolvido, de modo que ele se defende, principalmente, com as imuninas herdadas do organismo materno, e que se esgotam gradativamente, e variando para cada infecção.

As doenças infecciosas, portanto, podem nestas condições revestir aspectos muito graves devido a essa natural precariedade das defesas.

E que dizer daquelas que não estão sendo amamentadas ao seio, ou nunca o foram?

Que dizer daquelas que, tendo padecido de certos distúrbios, estão com a sua nutrição precária e, assim, com suas defesas menos aptas à luta contra a infecção?

Não é tudo. As infecções em questão, mesmo de parte a predisposição que lhe é reconhecida, na criança de tenra idade, para o estabelecimento de uma tuberculose ativa, podem trazer consequências, no seu aparecimento nos primeiros anos, assim as encefalites e as meningites sorosas, que não são raridades.

A vacinação contra a coqueluche já está entrando na prática com intúitos profiláticos e só há que nessa prática. Já aos 7 meses deve a criança de ser submetida à vacinação, ou antes se exposta a algum contágio mais direto. Três injeções de meio centímetro cúbico cada, com intervalo de 1 mês de uma para outra, e está feita a vacinação. Somente alguma vez reações: edema no local da injeção, febre. Somente com a última injeção — a terceira — está a criança vacinada.

Emprega-se também a vacinação contra a coqueluche como processo curativo; mas o método só proporciona algum resultado empregado muito no início da doença, antes que se tenha já estabelecido o período dos quintos (acesso).

— A profilaxia do sarampo não conta ainda com um processo de fácil emprego como a vacinação contra a coqueluche. Com apóio nos conhecimentos científicos, o que há aconselhar contra os riscos da infecção precoce é o aleitamento ao seio, um regime alimentar correto rico de vitamina C, e naquelas particularmente expostas pelas suas condições orgânicas — subnutrição, infecções outras anteriores — seu isolamento completo em ambiente sadio, e no caso de, mesmo assim, contrair o sarampo, a vacinação passiva com soro de convalescente de sarampo.

— A profilaxia da gripe não conta também, como o sarampo, de um processo de vacinação que lhe acautele os riscos e complicações. A higiene individual da criança com isolamento prudente de todas as fontes de infecção suspeitas (cuidados que aumentarão naturalmente nos momentos de epidemias), eis o que há fazer.

Aqui ocorre o contrário da coqueluche. Nesta a vacinação profilática inspira, pelos seus resultados, uma confiança que tende a aumentar, salvaguardando a criança nos primeiros anos contra a infecção; na gripe, isto não se dá, mas a vacinação com objetivo curativo é método que reúne, hoje, a prática geral médica, condicionando uma marcha favorável da infecção, se empregado com oportunidade, e benigna.

Com a vacinação profilática e observância das boas condições de higiene da criança — alimentação adequada às necessidades da criança, qualitativa e quantitativa, gradativamente variada e completa — e, por outro lado, tomados os devidos cuidados com a própria ambiência da criança (nenhum contato com pessoas portadoras de bronquites ou resfriados quaisquer, vida ao ar puro e luz, etc.) ter-se-á conseguido quase sempre protelar para a idade escolar as chamadas infecções comuns da infância e suas complicações, já quando as condições de defesa orgânica da criança adquiriram maior eficiência, melhorada sua vulnerabilidade à infecção tuberculosa, como nos primeiros anos.

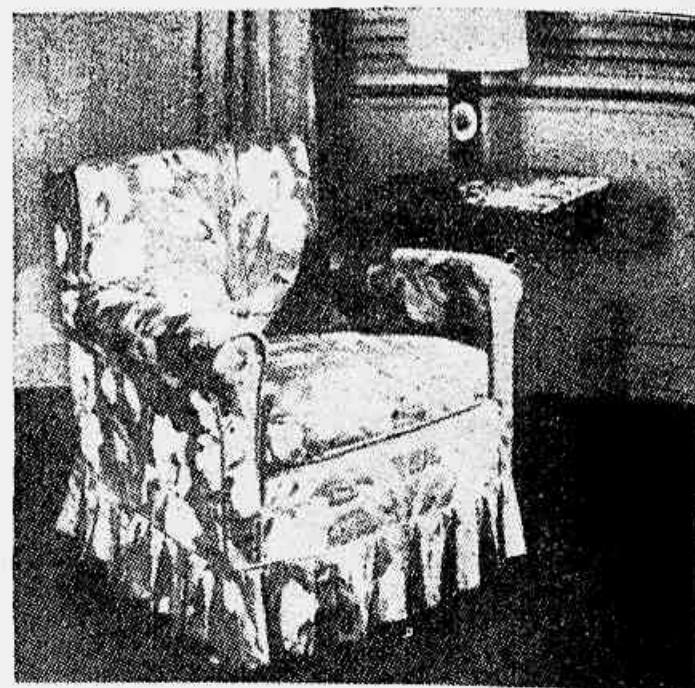
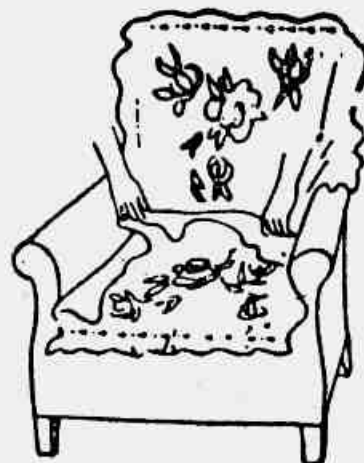
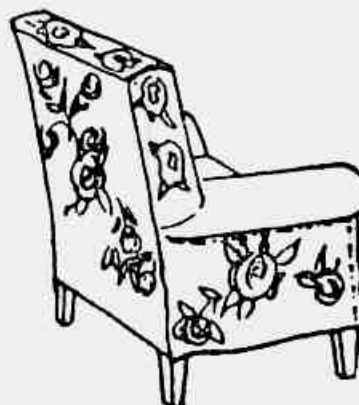
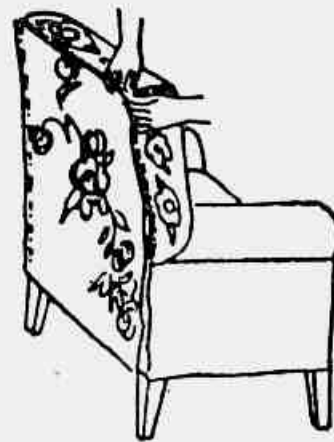
O sarampo, como já acentuamos, cria grande predisposição à infecção ativa desta, e sua vacinação não entrou ainda na prática por certas dificuldades técnicas. Somente em casos excepcionais haverá indicação, por meio do soro do convalescente. No entanto, só pega de pessoa a passo. É uma noção que cumpre ser observada a rigor com vistas à profilaxia; apenas haverá lembrar que o contágio se dá muita vez com outra criança ainda na fase catarral e não ainda eruptiva.

A respeito da profilaxia das infecções de que tratamos, um primeiro cuidado já deverá ter precedido a todas as medidas acima — vacinação, isolamento, etc.

É a própria vacinação pelo BCG, após o nascimento da criança. É o recurso, por excelência, na profilaxia da tuberculose da criança, de modo que, no comum, a vacinação preventiva da coqueluche e outros, a seu tempo, não terá outro objetivo senão impedir seu aparecimento, destas infecções, cedo na criança (senão mais tarde quando suas defesas orgânicas já estiverem plenamente amadurecidas), ou imprimir uma marcha benigna às referidas infecções.

Em resumo: Deve-se vacinar a criança:

- 1.º — Contra a infecção tuberculosa (BCG, ao nascer);
- 2.º — Contra a varicela, por volta do 6.º mês;
- 3.º — Eventualmente contra o sarampo;
- 4.º — Contra a gripe e estados gripais, às primeiras manifestações catarrais;
- 5.º — A tosse rouca e fenômenos anginosos (garganta rubra, membranas nas amídalas, ganglios), contra a difteria ou erupe.



INTERIORES

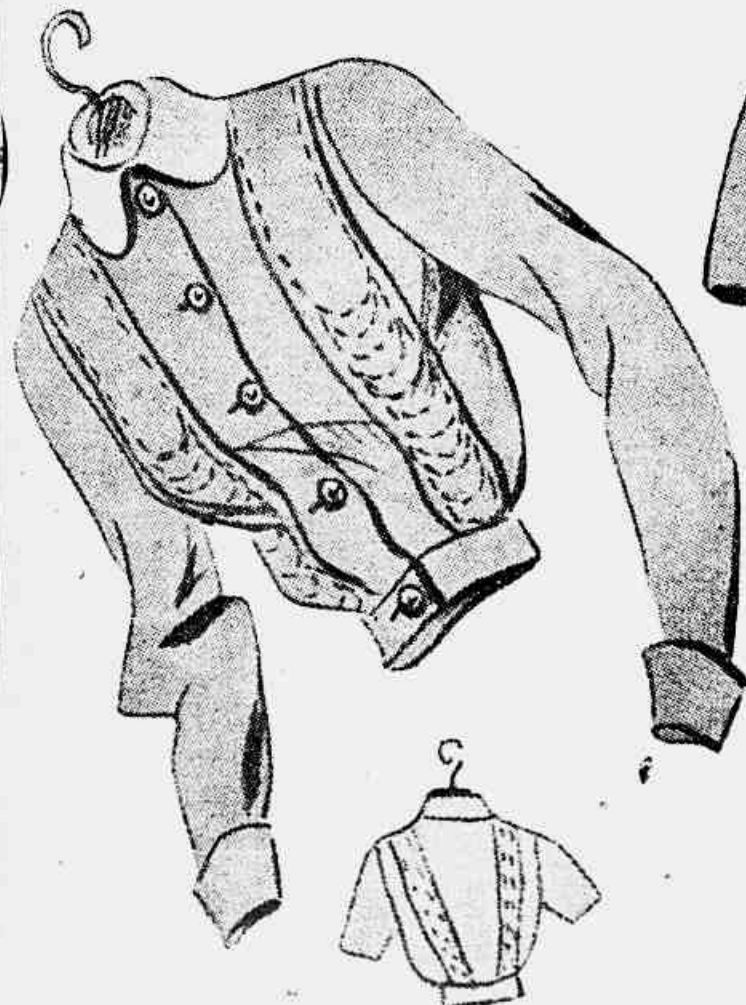
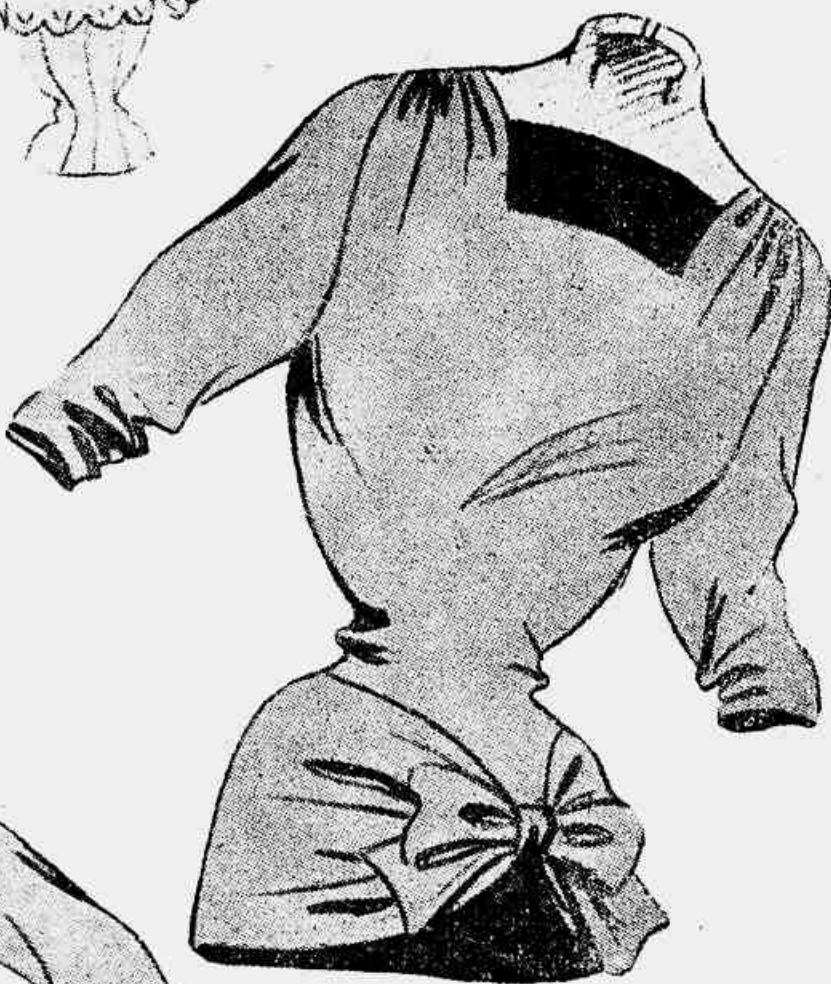
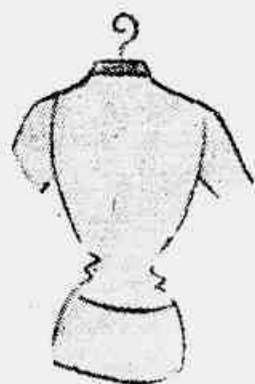
As capas as poltronas e divãs se tornam mais indispensáveis cada dia, o tecido para a forração e a própria mão de obra estão cada vez mais caros. No entanto, não há necessidade de se fazerem aquelas horrorosas capas de brim pardo, podendo as mesmas virem a constituir elemento de decoração. Basta empregar-se um tecido — algodão, fustão, "chintz", etc. — alegre, de grandes ramagens e fazer o trabalho com um pouco mais de requinte. Os desenhos aqui mostram como, com um pouco de paciência, tal trabalho poderá ser feito mesmo em casa.

★

Ao lado, de cima para baixo: temos: Primeiro, o encosto. Para ficar mais perfeito convém fazer tudo sobre a peça que se pretende cobrir. ★ Agora as costas. Unindo logo as mesmas com o encosto. ★ Vem em seguida as partes laterais. ★ E agora o assento. Fazendo dessa forma, tudo ficará em seus lugares. ★ Os braços. A frente será feita em seguida. ★ O babado pregueado em baixo, para proteger também os pés. ★ O trabalho pronto. Parece uma poltrona nova



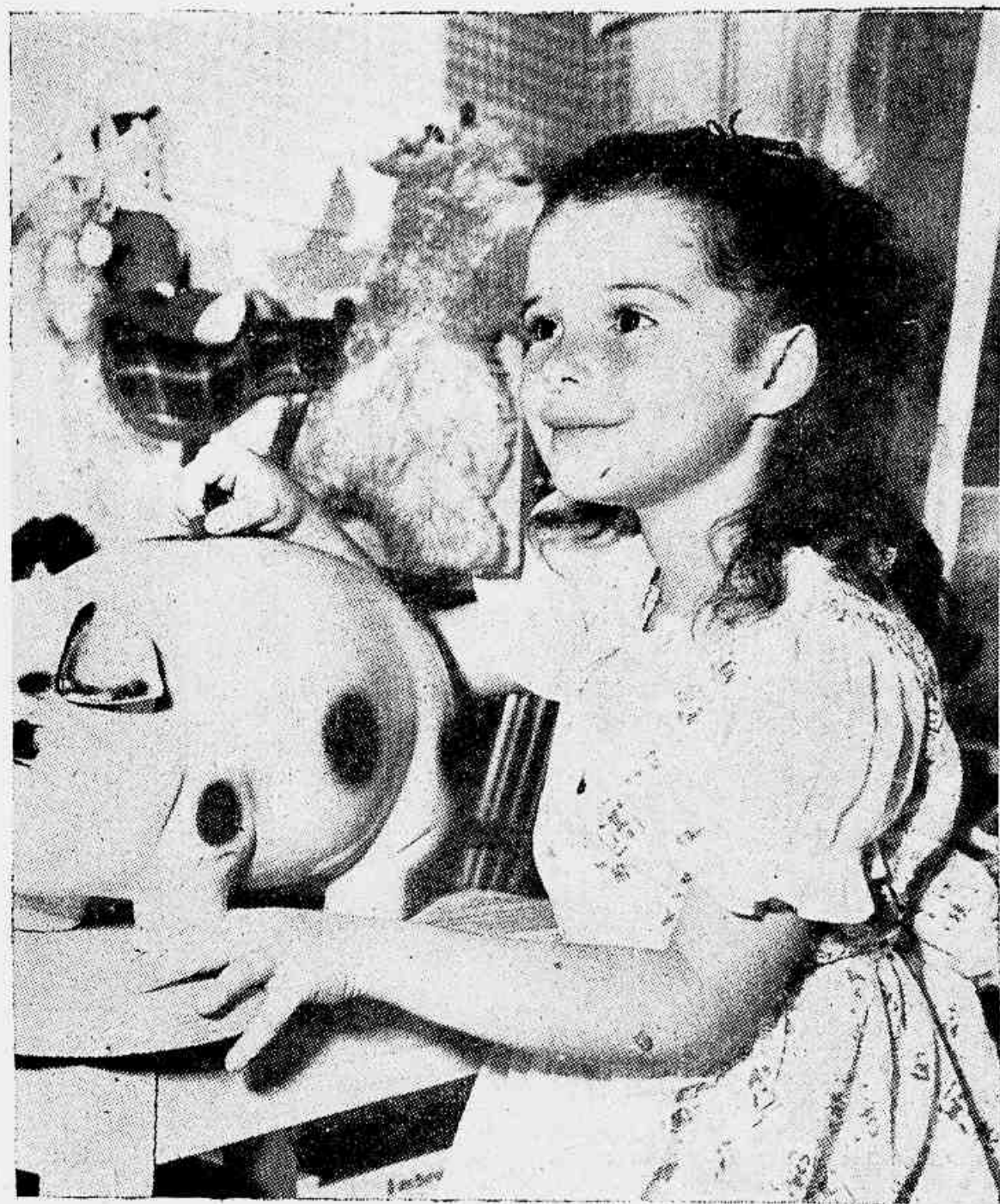
BLUSAS



NOVOS encantadores e sugestivos modelos de blusas são aqui apresentados. Em cima: Em tafetá. Gola e pala com plissados. Em seda azul marinho com festões e bordados em branco. Ao centro: Em seda azul, com drapeados nos ombros e sobre os quadris. Em baixo: Em lã verde com tiras laterais com pespontos.

MÃES E FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA



A noção da economia e da moderação deve ser inculcada na criança de pouca idade. Pôse de Gigi Perreau, da RKO

CRIANÇAS MENTIROSAS — A mentira, na criança, nada mais é, muitas vezes do que consequência de uma imaginação farta. Em geral, não há na criança de menos de sete anos, a intenção maldosa de mentir pelo prazer de mentir. Muitas vezes acontece que, habituada desde pequenina a "criar" casos que a sua imaginação lhe ditava, passa a mentir sem ter qualquer noção de estar sendo incorreta. É necessário que, desde pequeninas, lhe ensinemos a dizer a verdade; naturalmente, não será necessário recorrer a castigos para atingir esse fim, como também não se irá interromper bruscamente uma criança quando tudo o que esteja dizendo não prejudique a ninguém, constituindo apenas um "vão" da sua imaginação. Importante para evitar o hábito da mentira na criança é nunca lhes mentirem também, principalmente os pais. Quando isto acontece, não só elas passam a tomar a mentira como coisa natural e normal como também acabam por perder a confiança nos próprios pais. É sempre mais acertado dizer-lhes sempre a verdade, encontrando palavras que possibilitem à criança uma perfeita compreensão do assunto.

Existem pais que fazem aos filhos promessas que sabem de antemão que não irão cumprir. Mantêm a criança sempre na expectativa da realização do que prometeram não se preocupando absolutamente em saber se estão ou não fazendo mal à criança. Melhor seria que mantivessem com os filhos relações mais humanas e mais lógicas; que procurassem sempre falar-lhes com sinceridade, explicando e esclarecendo bem qualquer motivo que pudesse impedir a realização de uma promessa. A criança educada dentro desse sistema, sente-se feliz e ao mesmo tempo lisonjeada com a confiança e intimidade dos pais. Saberá compreender as razões e terá também desejo de se revelar leal e verdadeira.

Como em todos os demais terrenos da educação infantil, a mentira também é fruto dos maus exemplos colhidos dentro de casa, principalmente quando o período da imaginação já é passado.



CONSELHOS

Muitas vezes a incompreensão dos pais prejudica os seus próprios filhos. É importante procurar compreender melhor a mentalidade infantil.

A DANÇARINA

Conto de ALDUINO DE CAMPOS

QUANDO me mudei para o pequenino apartamento, composto, apenas, de duas peças, senti-me confortavelmente instalado. O prédio era novo, próximo à cidade. Homem solitário, não precisava de melhor refúgio. Só me assustavam ameaçadoras perspectivas de isolamento.

Em poucos dias, porém, ambientava-me. Encontrei, ali, alguns conhecidos e, na semana seguinte, a inquilina do apartamento fronteiro aparecia e cumprimentava-me, com encantadora cordialidade. Não eram habituais esses gestos de cortesia, entre vizinhos. De algum lugar devia conhecer-me; e seu rosto não me parecia, de todo, estranho.

Volvi, curioso, minhas atenções para ela. Era morena, quase trigueira; mas o brilho de uns olhos claros iluminava-lhe a face. Não pude determinar, desde logo, a cor desses olhos: ora me pareciam verdes, desse verde das águas marinhas; ora se me apresentavam suavemente azuis. Como quer que fossem, eram grandes, atraentes, luminosos.

Procurei avaliar-lhe a idade. Comprazia-me em fixar, na fisionomia das mulheres, esse número perturbador, que constitui o seu maior segredo. Não devia ser muito jovem aquela criatura. Em seu semblante, castigado pelas emoções, perpassavam sinais de fadiga e desencanto. Repontavam, também, dele, indícios de crescente evasão da juventude. O desgaste físico que apresentava, no entanto, mais parecia corresponder à intensidade de vida curta e agitada do que ao número de anos transcorridos.

Intrigado, procurei outro elemento de análise, esse, em muitos casos, decisivo: o exame das mãos. E pude verificar que aquelas mãos, lassas, rugosas, maceradas, aquelas mãos indiscretas, conferiam-lhe uma idade que o rosto artificial teimava em esconder e os olhos cintilantes porfiavam em desmentir.

Continuei a interessar-me por ela. Quem seria? Subitamente, do fundo de meu espírito emergiu uma recordação remota. Custava a crer que não a houvesse, prontamente, reconhecido. Aquela mulher era Mariázinha, a linda dançarina que conhecera, num "taxi-girl", há dez anos. Engordara muito e algumas sombras a envolviam, prenunciando o crepúsculo da mocidade. Mas era ela, sem dúvida.

Com mil cautelas, para não a desgostar com uma evocação, talvez penosa, interroguei-a. Confirmou, sem constrangimentos, o fato. Ali estava, em pessoa, a dançarina.

Então, as noitadas distantes ressurgiram em meu pensamento. Revi-me a bailar com ela, atraído por seus encantos. Fizera-a meu par constante, rodopiando, com entusiasmo, pelo salão, indiferente ao marcador implacável. Dessa convivência nascera, em meu espírito inusitada paixão. E, sob o jugo do amor insensato, fizera-lhe propostas, condescendera a deixar aquela vida e aceitar minha companhia. Ela simulava aquiescer, prometia decidir-se.

Mas aquela mulher vivia enredada em inextrincável trama de compromissos. Certa noite, um indivíduo embriagado tentou arrebatá-la de meus braços, quando dançávamos. Repeli o atrevido. Atraquei-me com ele em luta corporal. Intervieram outras pessoas, generalizou-se o conflito. No dia seguinte os jornais noticiaram a ocorrência. "Os fãs de Mariázinha fecharam o taxi", era o título de uma das notícias. Felizmente, em todas elas, meu nome figurava deturpado e irreconhecível. Obséquio de um repórter policial, amigo, que me socorreu na emergência aflitiva. Aborrecido, abandonei o "taxi". Perdi de vista a dançarina. Agora ela reaparecia, revivendo a cena. E, filtrado pelo tempo, o episódio penoso despertava saudades...

Explicava-se, assim, o cumprimento que me dirigira. Num relance, me havia reconhecido. E ficamos grandes amigos. Notei que vivia sozinha, curtindo a mesma solidão que me atormentava. Se nos reuníssemos, a ambos nos beneficiaríamos, dissipando o tédio de nossas vidas solitárias. Escasseava-me, porém, ânimo para novas aventuras. Decididamente, envelhecia e gostava de ficar em meu canto, arredado.

No mês seguinte, notei que um rapaz, muito jovem e bem pósto, passara a frequentar, com assiduidade, o apartamento da vizinha. Observando o moço, que teria, no máximo 18 anos, imaginei fosse seu filho. Cheguei a notar semelhanças com ela. Certa vez, inadvertidamente, quase lhe louvei tão belo filho. Não sei que força providencial me tolheu a expansão imprudente, porque os fatos me foram dizendo, na eloquência de sua mudez, que aquele rapaz não era seu filho.

Essa convicção fortalecia-se, a cada passo. Não que eles vivessem a exhibir, aos olhos escandalizados dos vizinhos, os excessos de sua ternura; não que se manifestassem em cenas ruidosas de ciúme que nos alertassem. Nada disto. Eram modelarmente discretos e tudo se consumava, em silêncio, dentro daquelas paredes, onde eles colhiam, juntos, a flor maravilhosa da emoção que o amor suscita...

Mas os imponderáveis conspiravam, devassando-lhes o segredo. Os horários do rapaz nem sempre condiziam com uma visita de simples reverência ou amizade. Chegava, frequentemente, depois da meia-noite e ali se detinha, até altas horas. Este fato e outros proclamavam que o amor era o imã, que atraía aquelas criaturas. Nem por isso minha simpatia pela vizinha arrefeceu. Reconhecia-lhe o direito de entoar os últimos acordes de sua sinfonia do amor e enternecia-me, imaginando o seu deslumbramento...

Com o tempo, estreitaram-se os laços de nossa camaradagem. Começamos a passear, juntos, à noite, palestrando. Bebíamos, às vezes, em bares alemães, ficando, longo tempo, a ingerir canecas de chopp, sob o estímulo de sanduíches e batatas salgadas. E em todas as horas de ausência de seu príncipe encantado ela buscava minha companhia.

Num desses instantes de repouso e excitação alcoólica, foi-me contando episódios de sua vida, entretidos de comoventes passagens que me emocionaram. Filha de família pobre, do interior, empregara-se, aos 16 anos, num hospital, para aprender o ofício de enfermeira. Afeiçoando-se, depressa, ao serviço, acostumara-se, também, ao galanteio e às solicitações veladas que lhe faziam os estudantes de medicina, que ali praticavam. Recebia tudo com indiferença, sem irritações, mas sem interesse.

Quando, porém, defrontou o estudante Alcides A. R., hoje cirurgião afamado, experimentara estranho sentimento, em tudo diverso daquele que lhe suscitavam os homens que tinha em sua proximidade. O rapaz encantava-a, sereno, cordial, compreensivo, tão preocupado com as tarefas que parecia ignorá-la, trabalhando a seu lado. Nunca lhe dirigira um gracejo. Talvez, por isso, seu espírito rapidamente se enredasse na teia perigosa de fascinação invencível.

Tempos depois, consumava-se o inevitável. Impulsionada para os braços do rapaz, a ele se entregava, passando a viver juntos. Alcides estava no 3º ano de medicina. O ninho de seu amor foi um apartamento desconfortável, úmido, castigado pelo vento sul que os enregelava. Mas aquecia-os o calor de almas apaixonadas, realizando, naquele tugúrio glacial, os encantos de união perfeita. E conduzida a delirantes transportes pelo homem másculo e belo que escolhera, sentia que se mobilizavam para o amor as forças espirituais e as forças físicas, as ternuras da alma e os arrebatamentos do corpo.

O amor exaltado, no entanto, não lhe suprimia a razão. Pensava no futuro, ambicionava vida melhor, o conforto das situações estáveis, a glória de ser esposa legítima. Para isso trabalhava e fazia o companheiro trabalhar com afinco, estimulando-o em seus desfalcimentos. Esses anseios de prosperidade culminaram quando, um ano depois, vinha encantar a união precária um filho... Os anos transcorreram. Crescia o menino, e a vida, de alguma forma, melhorara. Já estavam livres do apartamento glacial, passando a desfrutar, numa casinha de bairro, pequenina mas ensolarada, relativo conforto.

Por esse tempo, Alcides doutorava-se e iniciava carreira. As exigências desta impuseram ao médico novos hábitos de vida. Precisava trabalhar, participar de reuniões científicas e sociais. Tantas incumbências o afastavam de casa. Ela justificava a situação. Acudia-lhe, às vezes, a melancólica idéia de que o triunfo, tão ansiosamente almejado, lhe estava custando a privação, quase total, da companhia dele. Quando, porém, Alcides



DO "TAXI-GIRL"

voltava, muito tarde, um frêmito de alegria agitava seu coração e sentia-se infinitamente feliz, com a presença do homem insubstituível. A seguir, as ausências amudaram-se. Passou a viajar frequentemente.

Um dia, afinal, confirmava-se, inexorável, certa suspeita que, de quando em quando, lhe assaltava o espírito, mas que ela repelia como um pesadelo importuno. Não foi preciso que ninguém lhe viesse contar o caso. O próprio Alcides se encarregou de transmiti-lo, com espantosa serenidade e decisão: ia casar-se. Apaixonara-se por uma moça da sociedade, filha de um industrial italiano. Era necessário que ela aceitasse, com resignação, aquele designio. Escutando o caso, em seus olhos de mulher repudiada luziram lampejos de loucura. Quis invocar seu amor, a desgraça da separação, o aniquilamento de sua vida. O orgulho, porém, clareou-lhe o entendimento. Sentiu invencível pudor em exhibir, aos olhos do homem ingrato, as chagas de seu coração. Voltou-se ao que mais importava:

— E nosso filho, Alcides, que será dele?

— Há de se dar um jeito... nada lhe faltará...

Volveu, alucinada. Dava-se um jeito, para satisfazer as ambições e vaidades do pai desumano. Pouco importava que se relegasse à bastardia a criancinha meiga, que ali estava, a chocar um guiso, na inconsciência da orfandade moral que se abria para ela.

O casamento realizou-se. O golpe, extremamente rude, subtraía à mulher desprezada todos os estímulos. Emagrecera, perdera cores, assemelhava-se a um espectro que se arrastasse, num passo tardo, por um mundo sem significação. Viveu, assim, vários meses. Afinal reagiu, impelida pela necessidade de angariar a subsistência. E, para consolo de sua solidão, refugiava-se no carinho do filho; esse o tinha, sempre, inextinguível de consolações, enchendo-lhe a vida.

O destino impiedoso, no entanto, porfiava em martirizá-la. A criança enfermava, gravemente. Nesse transe de desespero, reclamou o auxílio do pai. Gravou-se-lhe no espírito a certeza de que ele seria capaz de curar o enfermo. Mas ele se escusou; o caso não era de sua especialidade; se quisesse mandaria um colega. Não precisava, tinha médico competente à cabeceira da criança. No dia seguinte recebia de Alcides algum dinheiro para as despesas do tratamento. Não era isso o que queria dele. Queria sua presença, os carinhos do pai, a assistência do médico.

Certa noite, em que os males do enfermo culminaram, implorou-lhe, ansiosa, que viesse salvar da morte o filho agonizante. Mas nada conseguiu senão a promessa de que ele passaria, na manhã seguinte, pelo hospital. Estava muito ocupado aquela noite.

Horas depois extinguiu-se a vida da criança. Alucinada, quis comunicar ao pai o desenlace. Sua casa era próxima. Caminhou para lá, ensandecida. O palacete de Alcides esplendia de luzes, em festa. A seus ouvidos chegavam os ecos da alegria reinante, na casa venturosa Recuou. Bem lhe dissera ele que estava muito ocupado aquela noite. Retirou-se, sem coragem de importunar o homem que se divertia, insensível a seu infortúnio.

Dai em diante, impelida pelo plano inclinado da desgraça, degradou-se. Atirou-se a aventuras. Disputada, arrancou dinheiro aos homens, insensível aos afetos sinceros. Brilhou na vida alegre, instalou-se, teve lindos vestidos e jóias caras.

Inesperadamente, num reverso da fortuna, seus recursos escassearam. Empenhou jóias, vendeu móveis e objetos de uso. E quando nada mais lhe restava, viu-se transformada em dançarina de "taxi-girl"...

Nesta situação a conheci. Era a mais bela mulher da casa, dançava incessantemente, sempre cortejada, distribuindo sorrisos aos clientes. Parecia, pelo que me recordava, jovial e venturosa. Explicou-me, no entanto, que no bulício daquela vida, entre as agitações da sala, toda sua alma se confrangia, interiormente, despedaçada pela angústia. Bailava como um manequim oscilante, porque seu espírito estava longe dali, acompanhando, sem cessar, a imagem do filho morto.

Frequentemente, crises tremendas de desespero a assaltavam. Como um bálsamo celestial, a morfina, lhe acalmava as mágoas. Bendito tóxico, que lhe restituía as venturas perdidas, revivendo o filho extinto e devolvendo-lhe, entre halos de luz, num sonho esplêndido, o amante transviado. Pouco lhe importavam os padecimentos do dia seguinte, as cefalalias tremendas, o corpo transmutado em farrapo, as dores que aniquilavam. Retornava ao vício, porque, sob seu domínio, podia viver, enfim, os ambicionados instantes que a existência lhe recusara.

Mas não queria morrer. Tinha, ainda, um plano a realizar na vida. Arquitetara-o vagarosamente, com capricho, com volúpia, em infundáveis noites de insônia. Estava soando a hora de realizá-lo. Em breve de tudo se saberia...

Ficou alguns instantes calada. Agitou-se, frenética, com o estranho brilho no olhar, que assinalava o ponto culminante de suas crises emocionais. Balbuciou algumas palavras desconexas, parecendo embriagada. Tomei-a pelo braço e conduzi-a ao apartamento, sem prestar grande atenção às palavras com que ela finalizou a narrativa dramática de sua vida...

★

Na semana seguinte, porém, saindo, pela manhã, do apartamento, encontrei na soleira da porta uma carta volumosa, amarrotada, que por ali se tentara introduzir. Endereçava-se a mim. Quando rasguei o envelope, uma chave, desprendendo-se do papel, tilintou no ladrilho do corredor. Ergui a chave, intrigado. Que significaria aquilo? E passei a ler, sofregamente, esta espantosa missiva:

"Meu grande amigo. Devo, antes de tudo, agradecer-lhe por sua infinita bondade, pedir perdão pelo aborrecimento que lhe vou causar, agora. Consola-me a certeza de que será o último e que, jamais, o importunarei. Tenho deliberado eliminar-me, esta noite, depois de eliminar meu companheiro, o moço que você conhece... Não me assusta o grande passo que vou empreender, em busca da morte. Tenho absoluta certeza de que ela é o fim, o aniquilamento total. Não crendo na sobrevivência, nada me atemoriza. Domina-me um único recio: o de que, despercebidos, nossos corpos permaneçam insepultos. Eis, por que, julguei necessário cientificar alguém do desenlace, e esse alguém só poderia ser você, meu derradeiro amigo. Mando-lhe a chave do apartamento para facilitar-lhe a tarefa piedosa de retirar-nos dali..."

"Já lhe contei a história de minha vida. Não o fiz por mero desabafo. Visava poupar-me esclarecimentos neste instante, já então pre-fixado. Agora só me resta contar o fato decisivo. O moço que vai morrer comigo é o filho de Alcides. Seu filho legítimo... Pouco me importa que um frêmito de horror perpassasse em seu espírito, depois desta revelação. É a verdade. É o filho de Alcides, a quem atraí para meus braços, acenei com volúpias, quase inéditas para ele, com o preconcebido propósito de aniquilá-lo. Vamos ver se o pai vai festejar, agora, entre luzes e risos, a morte deste outro filho..."

"Conquistei-o, calculadamente, deliberadamente, para este fim. O moço não me conhecia e não foi fácil atraí-lo. Esquivava-se. Mas consegui-o e tenho-o aqui, a meu lado, desfalecido, sob o império da primeira dose de entorpecente. Isso o que importa..."

"Quando ele me beijou a vez primeira, quase recuei de meus propósitos. Era o próprio Alcides que me beijava, revivendo as horas sublimes do passado. Enternecei-me, contemporei..."

(Continua na pág. 46)

Ilustração de OSVALDO DA CUNHA
Selecionado pela REVISTA DA SEMANA





Nestas duas fotografias aparece o homem na idade em que ainda é uma incógnita: Carlos Lacerda criança. Na fotografia à direita, com quatro anos

CARLOS LACERDA, O POLÍTICO E O JORNALISTA

DIAS atrás os principais jornais cariocas trouxeram em suas páginas o lançamento de subscrição pública para a fundação de um novo órgão da imprensa brasileira. Entre os signatários dessa publicação estava um nome: Carlos Lacerda.

O jornal a ser lançado é mais um episódio na vida cheia de episódios do jornalista, do político, do cidadão Carlos de Lacerda, coisas essas não muito de causar admiração, uma vez que a luta política e a atividade jornalística constituem uma tradição de família.

O lançamento do jornal mesmo representa uma nova fase na luta do jornalista pela liberdade de imprensa. Sua lábia surgiu, provavelmente, depois daquela nota do jornal em que trabalhava Carlos Lacerda, dando notícia de seu afastamento das colunas onde diariamente milhares de leitores, antes mesmo do café da manhã, procuravam para saber o que ele dizia.

Aí encontramos hoje Carlos de Lacerda, o jornalista, mas sua vida na imprensa, sua atividade política, sua

**A criança, o estudante e o adulto ★
Agitador aos dez anos ★ Capítulo das
prisões ★ Os fatos e a controvérsia ★
Uma entrevista famosa ★ Nos entre-
choques das campanhas ★ Confidên-
cias ★ A maior emoção do jornalista
★ A armadilha de Deus ★ O Dip, a
Câmara de Vereadores, a "batalha das
favelas" ★ Nascimento de um jornal
★ A luta vai continuar**

participação na vida ativa da Nação, como simples cidadão, têm um distante começo.

O AMBIENTE E A INFÂNCIA

Talvez se procurarmos um começo propriamente dito, o encontramos quando o jornalista ainda estava longe de ser o nome conhecido de hoje e tinha apenas dez anos de idade. Nessa época, sua residência era um centro de atividades políticas, frequentado pelos "bigs" do momento e o menino vivia atento a essa ebulição em que os seus estavam envolvidos. Era nos dias perigosos de 1924, em plena revolução iniciada por Isidoro Dias Lopes, o saquarema chefe revolucionário, falecido em dias de maio passado. Surgiu então, o manifesto do general revoltoso. Lido e comentado por membros da família e por amigos, o libelo aguçou a curiosidade do jovem, que, furtivamente, se apoderou do documento. E, no dia seguinte, na hora do recreio, d. Magdalena alarma-se ao

Reportagem de LUÍS MORENO



Nestas quatro fotografias vai surgindo o menino que, afinal, seria jornalista e tribuno de massas: na segunda, da esquerda para a direita, Carlos Lacerda com sete anos, na última com a avó e o irmão

surpreendê-lo rodeado de uma multidão de alunos da mesma idade que ele, na leitura do manifesto, em gestos arrebatados de orador revolucionário. Foi um Deus nos acuda...

Talvez tenha saído daí o primeiro elemento que mais tarde serviria à polícia para a organização de sua ficha, de que consta ser "perigoso agitador e revolucionário comunista", muito embora leve sua vida como a leva todo bom burguês, habitante de bom e espaçoso apartamento de Copacabana, de onde sai diariamente acompanhando os filhos à escola. Comentando os termos de sua ficha, diz Carlos Lacerda que "agitador e revolucionário" é exagero, mas "comunista" quase o foi. O fato é que depois da leitura daquele manifesto do general Isidoro Dias Lopes, tempos depois, ingressou no Liceu Francês, e, a seguir, no Colégio Pio-Americano. Foi daí que, certa vez, aborrecido com a monotonia da vida de internado, fugiu para a fazenda dos avós, regressando ao colégio somente depois de negociados os termos de um entencimento, com a capitulação de uma série de medidas proibitivas, inclusive a leitura de livros à sua escolha. Satisfeito em suas pretensões, Carlos Lacerda iniciase no domínio das coisas então proibidas, pela leitura do "ABC do Comunismo", de Plekhanov. A tal ponto entusiasmou-se com essa leitura que seus parentes começaram a ficar apreensivos.

TEMPOS DE ESTUDANTE

E' preciso ter presente que Carlos Lacerda pertence a uma família que jamais deixou de participar da vida política do país. Filho de um tribuno, que teve sua época, Carlos Lacerda nasceu no Rio em 30 de abril de 1914. A maior parte de sua meninice, passou-a na xácará de seus avós, na antiga estação de Comércio hoje Sebastião Lacerda, situada em Vassouras, Estado do Rio.

Desenvolveu-se sua infância num ambiente de participação política e isso teve, inegavelmente, grande influência na sua formação. Os anos que precederam a deposição do governo de Washington Luís, foram duros anos para a família Lacerda. Detido Maurício de Lacerda, a vida para os que dele dependiam torna-se difícil. Coincide esse período com a época em que Carlos Lacerda se preparava para ingressar na Faculdade de Direito. A situação econômica leva-o a procurar o primeiro emprego. Por intermédio de um amigo, encaixa-se no "Diário de Notícias". Seu único serviço consiste em ir buscar, diariamente, cópia dos despachos do então diretor do Departamento Nacional de Educação, e o ordenado é uma fortuna: 150 mil réis mensais.

Mais ou menos por essa época, dois acontecimentos tiveram lugar na sua vida. O 24 de outubro de 1930 sucedeu e foi um dia de festas para a família Lacerda. Na manhã daquele dia, Carlos aboletou-se num carro do Corpo de Bombeiros, de que se apoderara o arquivista do jornal (de um modo que até hoje constitui um mistério) e os dois percorrem a cidade, em serviço de "inspeção", que durou até a tarde quando se dirigiram ao Forte de Copacabana a tempo de presenciar, a chegada, ali, do sr. Washington Luís, acompanhado de D. Leme.

O segundo acontecimento foi a passagem, nos exames, por decreto. "Uma das maiores desgraças atingiu-me em 1930", diz Carlos Lacerda, referindo-se ao fato. Com a entrada na Faculdade, tornou-se membro do Diretório Acadêmico, desenvolvendo, conseqüentemente, constante atividade em defesa dos interesses da classe, motivo que o levou a ser convidado — embora não aceitasse — a ingressar na Federação Vermelha dos Estudantes, que congregava numerosos grupos de estudantes esquerdistas.

Ainda nessa época, durante a realização de um comício estudantil foi detido pela primeira vez e conduzido à Polícia Política — sendo então fichado como agitador comunista...

CAPÍTULO DAS PRISÕES

Aquela primeira prisão marcou o início de uma série que se sucedeu, enquanto duraram os anos que precederam o de 1945. A campanha da Aliança Nacional Libertadora, iniciada em 1934, serviu de pretexto para inúmeras prisões no país. Entre os visados estava Carlos Lacerda, contra quem havia uma ordem de captura, em 1935, como elemento perigoso. Isso levou-o a homisiar-se em casa de uma família eminentemente católica e anti-comunista. Aí ficou durante um mês. Entretanto, não querendo causar transtorno aos seus amigos, transferiu-se para Ipanema, para casa de um parente, onde permaneceu durante quatro meses, dentro de um quarto. Saiu apenas durante o Carnaval de 1936, quando se fantasiou e, a pretexto de divertir-se, pôde tomar um pouco de sol, depois de meses à sombra. Tempos depois conseguiu transferir-se para a xácará de Vassouras. Com a prisão de Prestes e Berger naquele ano, foi compreendendo o sentido do movimento comunista brasileiro, cada vez mais distanciado de seu ponto de vista. Por esse tempo, verificou-se certo afrouxamento na vigilância policial e Carlos Lacerda embarcou para Belo Horizonte, onde se juntou aos estudantes da União Democrática, sob o nome de Júlio Tavares. Daí, segue, pelo rio S. Francisco, em caravana política, em favor da candidatura José Américo de Almeida. Pela primeira vez entrava em contacto direto com o sertão brasileiro. Juraci Magalhães encontrava-se, àquela época, na chefia do governo da Bahia e a caravana é recebida com entusiasmo em todo o território bahiano. Entretanto, o golpe de 37 estava em preparativos. Ao atingir Salvador, depois de visitar Petrolina e Joazeiro, o grupo se dispersa. Sobreveém, nesse ínterim, o dez de novembro, e Juraci Maga-

Carlos Lacerda chegou a aprender violino. Mas hoje limita-se a ouvir concertos: não nasceu para manejar o arco. A pena sim...



Querida mamãe.
 no vai a senhora. E vovô? E Rosalina? E Minghom? E
 os d'hai? Eu vou bem no collegio apesar de custar a
 acostumar com o estylo da lettra que nós temos que fazer.
 Item gahie 10 na leitura. Hoje também 10 e esses
 todos não passo para baixo de 8, 9 e 10. A D. Magda-
 lena me escolheu para ler, em vez de levantar-me da
 mesa, mas ficarei perto, ella põe-me na meza jun-
 to d'ella para que todos oçam, isto é, porque eu leio corren-
 temente, alto e não erro nem como as palavras. A senhora
 mesmo para a semana? Ella disse que sabado dia 2
 cada um vai recitar uma poesia sua. Eu estou pensa-
 do recitar o "Crepúsculo", não acha? Perdi meu caderno
 de versos e não tenho este momento. Vê se acha elle
 uma coisa que eu lhe peço (pelo amor de Deus)
 as de vir arrumar todos os meus livros e brinquedos
 em um caixote e para aqui mandar. Não deixa
 quem mexer e a senhora mesmo vai arrumar, sim.
 Recomendações a todos e aceite muitos beijos e abraços
 de quem muito lhe estima

Carlos Frederico Lacerda

Até para a semana.

Querida mamãe. Rio
 de Janeiro.
 meu filho.
 Reforma da reforma já está
 em vigor. Só falta o Vaguetas
 assignar-a.
 pretende fazer Cnographia,
 e, a Anthmetica, e, a arithmetica
 P. Frances, Hist. Universal Pon-
 t. do Brasil.
 exame final de Frances
 muito facil, o que a
 me podera ver quanto aqui
 gar. E' desfeito com dicionario...
 e isto quero ver si tento
 el-o.
 preciso de conversar com papae
 de sobre das seguintes
 coisas:
 Desejo (imutit)
 Inglês (fui p. mas que me
 fim do anno mais
 me vale a pena
 perder tempo com
 elle.
 Latim (idem, idem.)
 Frances (que quero o que a)
 Frances (proprio professor)

8
 Saudades e
 Moring e para
 a estuda, um
 carinhoso abraço
 e um affectuoso
 beijo do filho
 muito e muito
 amado,
 Carlos Frederico Lacerda
 Rio 20/x/1927

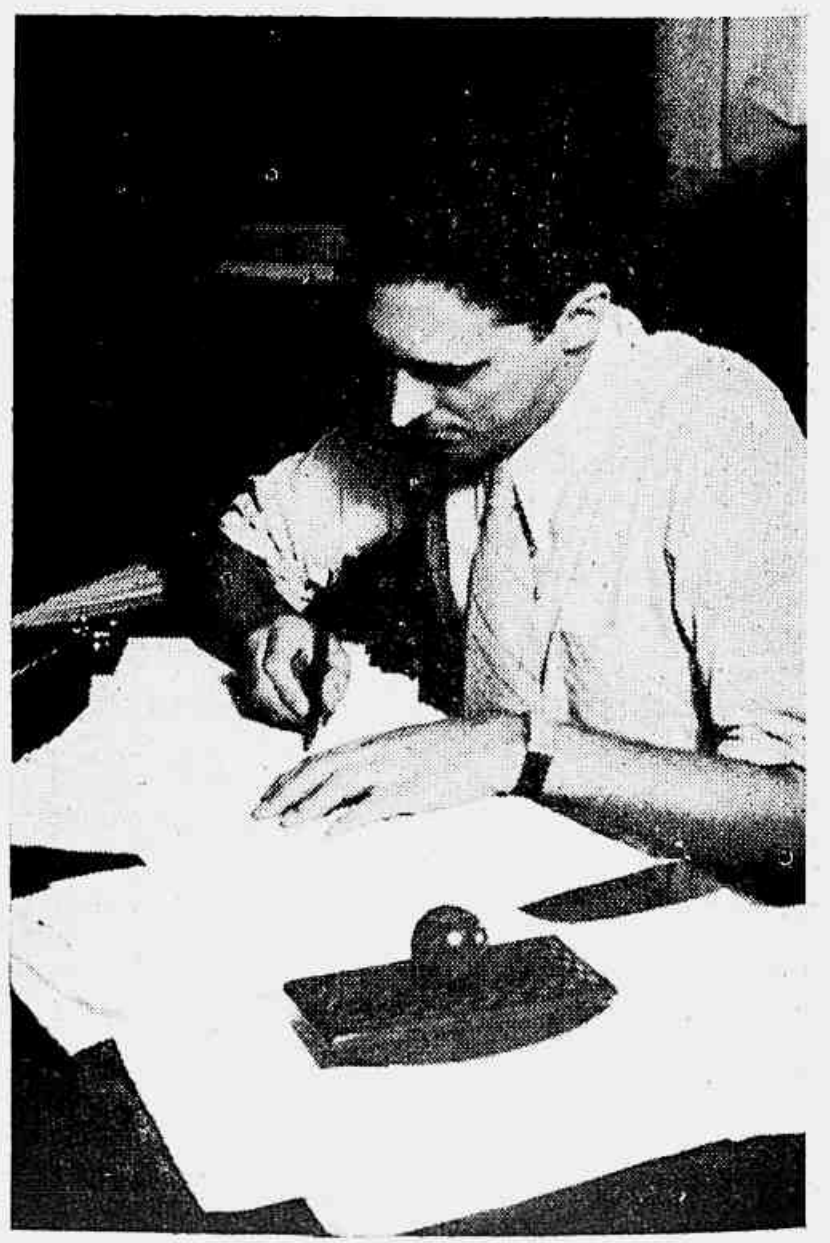


Ainda estudante, Carlos Lacerda olha o Rio de Janeiro como quem vê o futuro cenário de sua vida agitada

Transcrevemos a carta abaixo, escrita por Carlos Lacerda, ainda muito criança.

E' afetivo e sentimental. Sendo bom filho, fatalmente haveria de ser bom esposo e bom pai. E se, hoje, ele lê bem para os seus ouvintes, forcoso é reconhecer a contribuição de D. Magdalena: "26-6-923. Querida mamãe: Como vai a senhora? E vovô? E Rosalina? Minghom? E fim todos d'hai? Eu vou bem no collegio, apesar de custar a me acostumar com o estylo e a lettra que nós temos que fazer. Hontem ganhei 10 na leitura hoje também 10 e esses dias todos não passo para baixo de 8, 9, e 10. A D. Magdalena me escolheu para ler, em vez de levantar-me da carteira, mas ficar ali perto, ella põe-me na meza junto d'ella para que todos oçam, (isto é, porque eu leio correntemente, alto e não erro nem como as palavras). A senhora vem mesmo para a semana? Ella disse que sabado dia 2 cada um vai recitar uma poesia sua. Eu estou pensando em recitar o "Crepúsculo", não acha? Perdi meu caderno de versos e por isso só tenho este para recitar. Vê se acha elle e uma coisa que eu lhe peço (pelo amor de Deus) antes de vir arrumar todos os meus livros e brinquedos em um caixote e para aqui mandar. Não deixa ninguém mexer e a senhora mesmo vai arrumar, sim? Recomendações a todos e aceite muitos beijos e abraços do filho que muito lhe estima. Carlos Frederico Lacerda. Até para a semana."

A letra evolui com o homem. Se não houvesse máquina que seria hoje dos tipografos?



Carlos Lacerda foi expulso do Partido Comunista sem nunca haver pertencido a ele. Foto, obtida em 1939, quando escrevia para o "Observador Econômico" a "História do Comunismo no Brasil"



Na chácara da antiga estação de Comércio, onde passou a sua meninice, Carlos conduz o estandarte durante a procissão



Sob o nome suposto de Júlio Tavares desceu o S. Francisco na campanha eleitoral, em 1934, em favor de José Américo

lhãs e concessões, procurando amenizar a coisa. Por sugestão do próprio delegado de Segurança da Bahia, Carlos Lacerda vai repousar na Ilha de Itaparica. Semanas depois, entretanto, uma denúncia determina sua prisão e remoção para o Rio. No cárcere, onde chega em companhia de Lauro Lago, encontra Sampaio Correia, José Otília e outros. Teve, então, oportunidade de presenciar cenas dantescas de torturas e sevícias. Por carência de provas, consegue, entretanto, liberdade condicionada à sua permanência em Vassouras. Outras detenções, outros comparecimentos à polícia se sucederam, como aquele para explicar a acusação, de que fora vítima de ser "agitador trotskista".

Mas, não apenas a isso se reduz sua carreira política. Ela se desenvolve em todos os momentos e é mesmo uma constante em sua vida. Não indagamos aqui se sua orientação é certa ou errada. O fato é que nessa trajetória, o caminho foi se povoando de amigos e inimigos o que, afinal, é uma contingência humana.

OS FATOS E A CONTROVÉRSIA

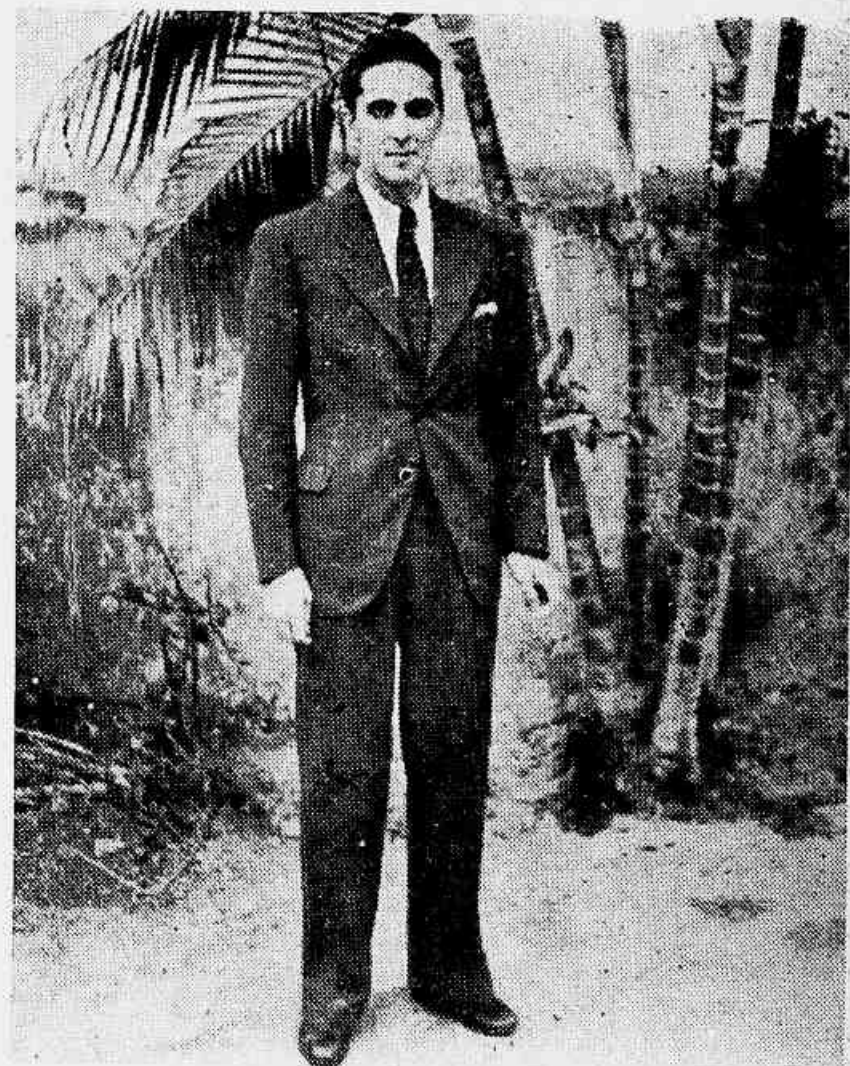
Há na vida de Carlos Lacerda episódios e acontecimentos que têm servido aos mais desencontrados comentários. Um deles refere-se ao seu famoso — como tantos outros — trabalho para o "Observador Econômico" ou seja, a "História do Comunismo no Brasil". Dizem os comunistas que, pelo fato de haver o jornalista revelado fatos da vida interna do partido, foi ele expulso de suas fileiras. Conta, porém, Carlos Lacerda que a verdade é outra. Incumbido de organizar esse trabalho, procurou entendimentos com pessoas do periódico "Diretrizes", na época dirigido por elementos da esquerda. Depois de

contar-lhes a sua intenção e dizer-lhes do desinteresse que representava para ele a feitura de tal trabalho, nos moldes que era exigido, foi convidado para um encontro com importante personalidade do Partido, o que se deveria realizar num café em Madureira. Foi e até hoje não sabe com quem conversou. O fato é que recebeu autorização para escrever o trabalho, pois melhor seria que esse fosse realizado por ele do que por outra pessoa indicada pela revista. Publicado, porém, o trabalho, apareceram volantes, tidos como da direção nacional do Partido Comunista, comunicando a sua expulsão do Partido, como traidor da classe operária, ele que nunca pertenceu ao Partido.

Fatos como esse, onde por vezes não falta a controvérsia, caracterizam uma atividade intensa e corajosa e se sucedem em sua vida. E' ainda no "Observador Econômico", onde realizou vários estudos especializados, que leva o governo a desistir da criação do "Instituto do Doce", mais um organismo regulador, sem finalidade específica.

Mais tarde, por exemplo, um incidente leva-o a exonerar-se do cargo de secretário de "O Jornal". E' que aquele matutino havia divulgado, em primeira mão, a notícia do afundamento de um barco de pesca brasileiro, o "Cisne Branco", por um submarino nazista. A informação era verdadeira. Entretanto, o Dip suspendeu o referido jornal por 24 horas e exigiu a publicação de um desmentido sobre o afundamento. Simplesmente isso: desmentir uma notícia verdadeira. Carlos Lacerda exonerou-se do cargo e o jornal publicou o desmentido...

Não era atoa que o jornalista organizava, naquela época, a lista das proibições do Dip, dia a dia.



Um flagrante de Carlos Lacerda na ilha de Itaparica, na Bahia, pouco antes de ser preso pela segunda vez



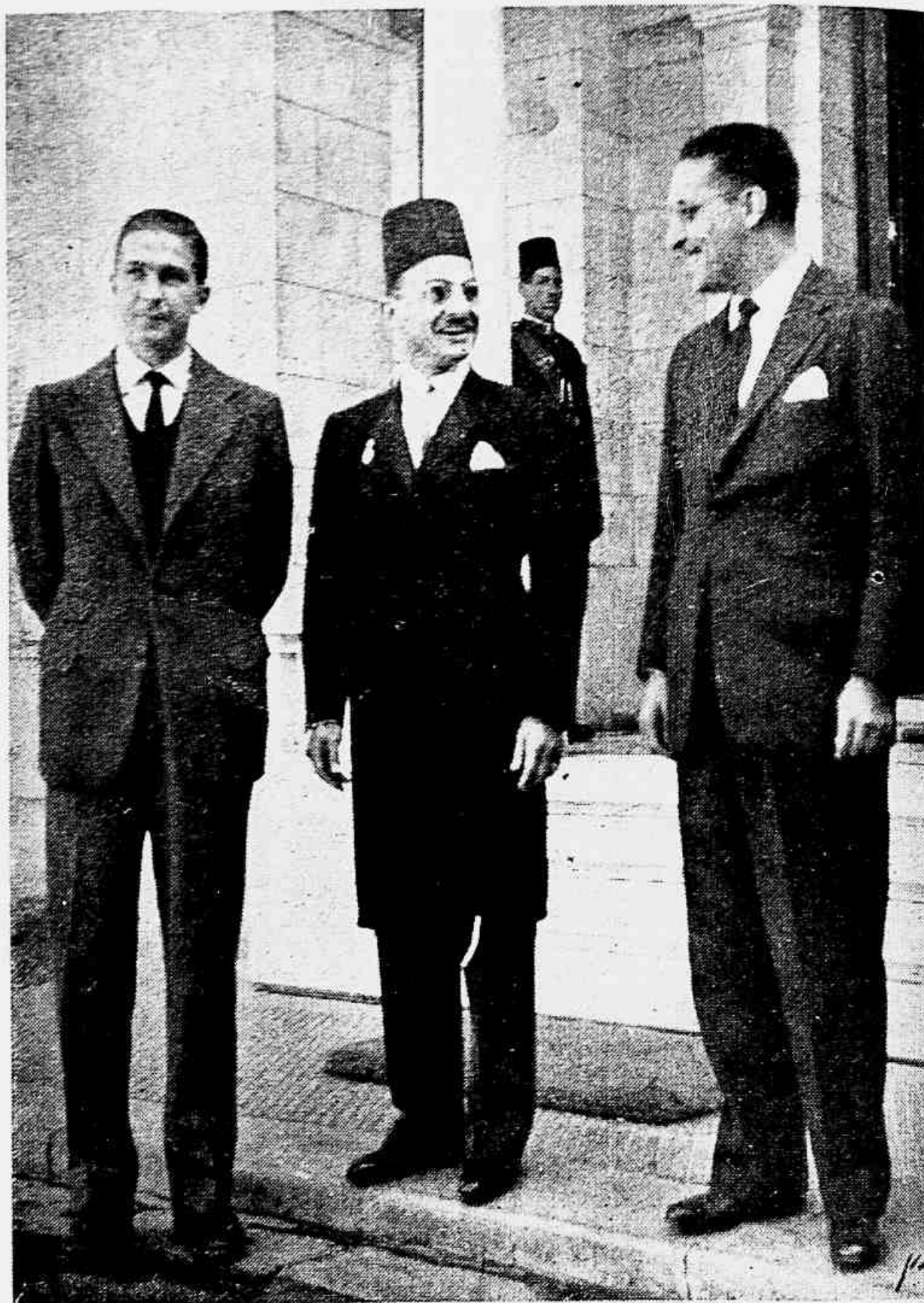
A célebre marcha da U. D. N. em 1945. Eleito vereador por 36.400 votos abandonou a Câmara porque "ela perdeu a ressonância, transformou-se numa espécie de picadeiro"



No dia de sua posse como vereador, Carlos Lacerda recebeu aplausos e grande vaia, esta da parte da assistência filiada ao Partido Comunista



Em junho de 1946, Carlos Lacerda embarca para a Europa a fim de assistir à Conferência da Paz, tendo, nessa oportunidade, observado a situação européia



Aqui aparece Carlos Lacerda em companhia do Rei Farouk I e do Príncipe D. Juan, quando o jornalista visitou o Cairo em 1948

UMA ENTREVISTA FAMOSA

Mas, nesse terreno não é só. Ainda em plena guerra, mas também já pelo Carnaval, em 1945, um jornalista, após uma noite em claro, continuava por outra a dentro, no árduo trabalho de redigir uma entrevista sensacional. Sob o regime de férrea censura, que desabara sobre a imprensa brasileira, a publicação do documento obtido de importante personalidade política de grande atuação na vida nacional, estava fadada a maior repercussão. Tudo fora preparado para furar a censura, aplicando-lhe, ao mesmo tempo, um golpe mortal. Três jornais da capital do país haviam concordado em divulgá-la, simultaneamente. O material deveria ser entregue aos primeiros minutos do dia seguinte e esta era a razão porque o jornalista trabalhava febrilmente. A ânsia de reproduzir tudo quanto ouvira dos lábios de seu entrevistado levá-lo a um trabalho exaustivo. Pela madrugada, porém, a tarefa estava finda. O jornalista dobrou cuidadosamente a

papelada, enfiou-a num envelope, lacrou-o e preparou-se para levar o apêndice.

Nesse instante o telefone tilintou. O jornalista atendeu: — Pronto. Sim... Sim... Qué? Não vão mais publicá-la? Nenhum deles?

Largou o fone com um gesto de desânimo. Jogou-se sobre o sofá e ali ficou exausto.

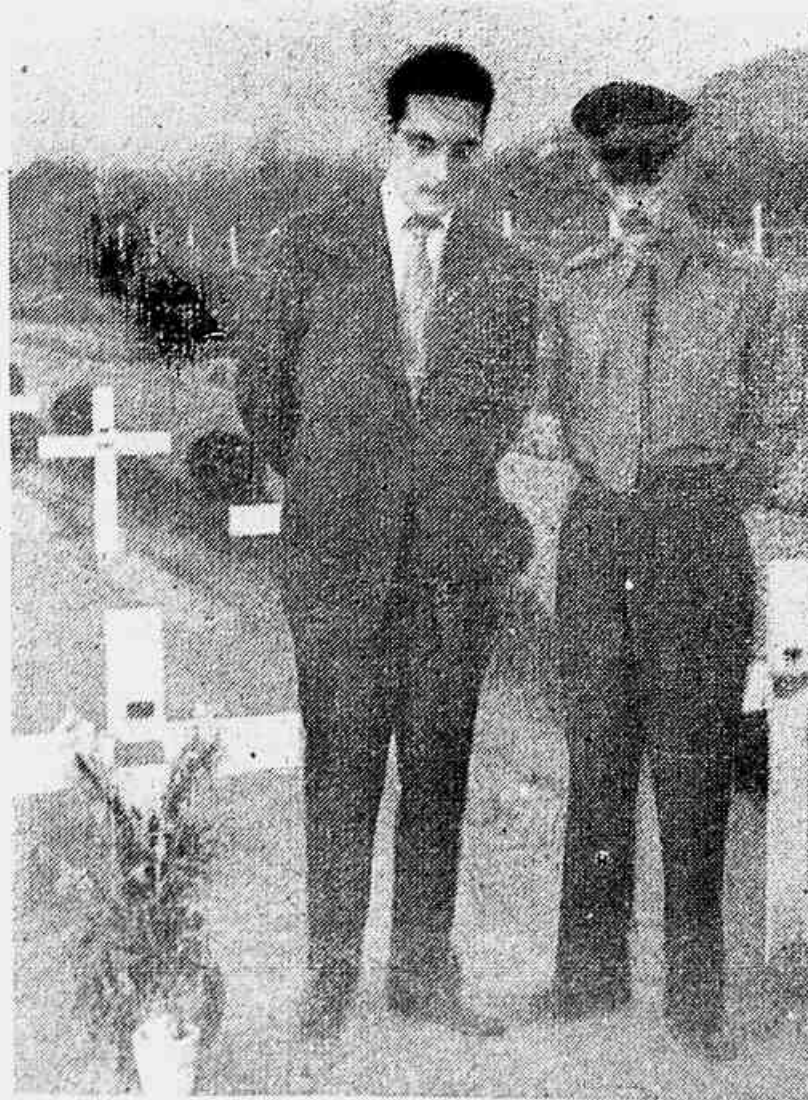
Depois disso, a papelada ficou rolando por aí, de mão em mão. Os políticos da oposição leram-na e menearam a cabeça, desolados. Nas redações dos jornais, comentava-se o assunto em segredo. Breve tudo serenou. O jornalista solicitou um período de férias no matutino onde trabalhava e subiu para Petrópolis, para descansar. Um belo dia, entretanto, ao comprar o "Correio da Manhã", Carlos Lacerda teve uma surpresa. Ali estava, na última página, estampada, a entrevista que tanto trabalho lhe custara.

Aquela manhã de março de 1945 trouxe para Carlos Lacerda a maior emoção de sua carreira jornalística.

A entrevista era de José Américo, que pôs por terra com a censura brasileira. Esse documento era o fruto de uma série de conversações entre líderes políticos de que participou Carlos Lacerda, no final das quais foi convidado para realizá-la.

CAMPANHAS

Depois disso, os acontecimentos se sucederam. Passada a recesso, sobrevém a campanha eleitoral e é intensa a atividade, ao mesmo tempo política e jornalística de Carlos Lacerda. Participa na vanguarda dos que lutam contra o candidato do PCB à presidência da República. É candidato a vereador e sua votação atinge a 36.400 votos no Distrito Federal. Entretanto pouco depois, desliga-se da Câmara Municipal, abandonando ao mesmo tempo um posto eletivo e um subsídio de 25 mil cruzeiros, com o mesmo desprendimento com que abandonara outros cargos e outros postos. Mas, inúmeras são as campanhas



Da esquerda para a direita: Carlos Lacerda na B. B. C. de Londres, em 1946; no cemitério brasileiro de Pistóia; em Stokolmo

de que participa. Basta assinalar, além das já anteriormente citadas, a que se prende ao caso do financiamento do algodão, que agitou a opinião pública do país; o inquérito referente à agressão ao jornalista J. E. Macedo Soares; a campanha das favelas ou a chamada "Batalha do Rio de Janeiro", cuja suspensão repentina suscitou comentários por parte de todos quantos acompanharam o assunto, e tantos outros. Somente no "Correio da Manhã", de 1946 a 49, seus artigos sobem a mais de mil e duzentos, artigos vivos e corajosos, por isso mesmo capazes de atrair a simpatia de uns e a inimizade de outros, pois sua pena irreverente, não distingue partidos e atinge, às vezes até mesmo os correligionários.

Essa participação ativa em todas essas campanhas teve o seu preço, pois deu motivo a duas agressões físicas, com grande repercussão em todo o país. Todo mundo está lembrado de tais agressões, cujas origens são atribuídas a figuras desta República.

Apesar de sua múltipla atividade política, Carlos Lacerda sempre encontrou tempo para dedicar-se a outras atividades de ordem cultural. Assim, vemos-o em São Paulo, teatralizando, através da Rádio Gazeta, as obras infantis de Monteiro Lobato, que abandona para realizar uma viagem de estudos demográficos ao norte do país, onde, como já dissemos, entra em contacto com líderes políticos e de onde sai o convite para a entrevista com José Américo.

Muitos de seus artigos, contos e ensaios, já estão publicados em volumes além de peças teatrais e traduções, também de sua autoria, pois que ele sempre encontra tempo para o labor puramente intelectual.

RAZÕES QUE DEIXARAM DE EXISTIR

A vida cheia e tumultuosa de Carlos Lacerda não o impediu, entretanto, de tomar o caminho do casamento. E o fez em 1938, num período agudo de sua carreira, quando se encontrava desempregado. Por essa época foi convidado por Olímpio Guilherme, então diretor do "Observador Econômico", a trabalhar naquela revista. E' casado com d. Leticia Abruzzini e tem dois filhos, em idade escolar, que ele mesmo acompanha ao colégio, todas as manhãs.

Hoje, em seu apartamento, enquanto sorvemos lentamente o licor que d. Leticia nos oferece, pensamos no contraste entre a calma daquelas quatro paredes e a vida agitada do dono da casa. E, enquanto o tempo passa, fazemos-lhe perguntas. Uma delas é sobre o motivo que o levou a abandonar o seu lugar na Câmara Municipal o seu lugar de vereador, pois que muita gente não compreende que tal coisa possa se dar em pleno Rio de Janeiro, enquanto outros procuram aumentar os seus próprios subsídios. Respondeu-nos Carlos Lacerda que para ali fôra por três razões essenciais: enfrentar a maioria comunista, legislar e utilizar a tribuna da Câmara para vigiar e sugerir. Com a cassação dos mandatos, a maioria comunista deixou de existir; com a promulgação da lei orgânica, votada pelo Senado, desapareceu toda a legislativa da Câmara, e a maioria dos vereadores, reduzida a nada ter que fazer, desmoralizou, por tal modo, aquela tribuna, que ela perdeu toda a ressonância, toda autoridade, converteu-se numa espécie de picadeiro. Daí a sua renúncia, pois assim acha que melhor defenderá a dignidade do mandato. Também — declara — se depender de sua vontade não se candidatará a deputado federal, salvo se fôr necessário defender, em algum posto eletivo o programa pelo qual se bate.

Mais tarde, a caminho da cidade, no seu Ford 49, acrescentou:

— "Graças a Deus, enquanto tiver saúde, não precisarei de eleições para viver. A eleição é para mim — e espero que assim seja sempre — um sacrifício, ao qual de bom grado me prestarei, toda vez que os meus cidadãos julgarem útil e necessário."

A luz verde do Tunel Novo pisca, ele imprime velocidade à máquina e a conversa continua.

CONFIDÊNCIAS

Vale a pena registrar aqui o grande número de obras sobre religião, existentes na biblioteca de Carlos Lacerda. A propósito desse assunto, melhor que lhe demos a palavra, pois ninguém melhor do que ele mesmo poderá falar a respeito. E ele nos diz:

— "Após uma longa e penosa evolução, passando pela revolta e pela dúvida, desamparado de uma formação religiosa perfeita — que não tinha — socorrendo-me de vagas recordações da infância e, já então, do amparo espiritual de alguns amigos que Deus me deu, nessa estação da vida, compreendi que nenhuma luta, nem a própria existência, têm sentido, se não remontarmos à fonte de tudo. Que é afinal a liberdade, pela qual lutamos? Que é que lhe dá esse caráter sagrado, senão a sua origem divina? Que natureza é a sua, que a torna santa, senão a própria força de Deus, que ela encarna e traduz para o homem? Ouvi falar, e falei eu próprio, durante todos esses anos de formação e de agonia na dignidade do homem, na cultura, na paz, na Liberdade. Ora, a dignidade do homem, sem Deus é um atributo que ele pode ou não possuir que ele pode dispersar ou pretender, emprestar, alugar, vender, no atacado ou no varejo. Só é ela intacta, unicamente é perfeita, quando o homem a encara como inseparável de sua origem, de sua própria natureza. Então, a dignidade do homem, da qual tanto se fala em vão, passa a ter um sentido permanente e inalienável, pois é, em última análise, aquilo que há de divino no homem."

Vê-se que há aqui uma conversão. Explicando como se deu acrescenta ele:

— "Não de uma só vez, mas, lentamente, com sobre-



Na foto de cima, Carlos, visto como trabalha em casa. E diz ao repórter: "Tornei-me católico mas não aludi isso durante as eleições para não me confundir com os fariseus". Em baixo, diante do microfone lendo o seu habitual programa





A esquerda: Carlos e D. Leticia. "A oração de algumas centenas de criaturas, leitores e leitoras, produzia afinal seus resultados: recolhi-me ao Mosteiro de S. Bento para comungar, pela primeira vez depois de 20 anos..." A direita: Bom chefe de família. Todos os dias conduz seus dois filhos — Sergio e Sebastião — à escola. — "O ensino, no Brasil, é uma calamidade" — confessa indignado. Na página ao lado: Carlos Lacerda numa foto tirada na Suécia. Nessa época tentou entrar secretamente na Rússia...

salto e reviravoltas, fui compreendendo que a vida só adquire um sentido quando a subordinamos ao que está antes e acima dela. O ser humano só se justifica e só atinge a plena posse de suas capacidades quando se reporta a uma causa inicial, da qual é uma aplicação, uma consequência, um estágio intermediário entre o que ele antes não era e o que ele vai ser depois. Foi sobre essa base que eu me tornei católico, apostólico, romano. Não publiquei coisa alguma a respeito, evitei aludir a isso durante as eleições que disputei, para não me confundir com os hipócritas que caçam votos dos católicos batendo no peito com uma das mãos e com a outra... batendo a carteira alheia."

VOLTANDO AO COMEÇO

E eis a explicação final de tudo quanto desde então ocorreu:

— "Depois de tudo passado, e de uma preparação espiritual menos perfeita do que eu desejaria, recolhi-me ao Mosteiro de São Bento, para comungar pela primeira vez depois de quase vinte anos. A oração de algumas centenas de criaturas, muitas das quais desconhecidas, leitoras e leitores que viam nos meus artigos uma coincidência com os seus sentimentos, produzia afinal o efeito desejado. Eu caía voluntariamente na armadilha de Deus. Nesse mesmo dia, abandonei pela pri-

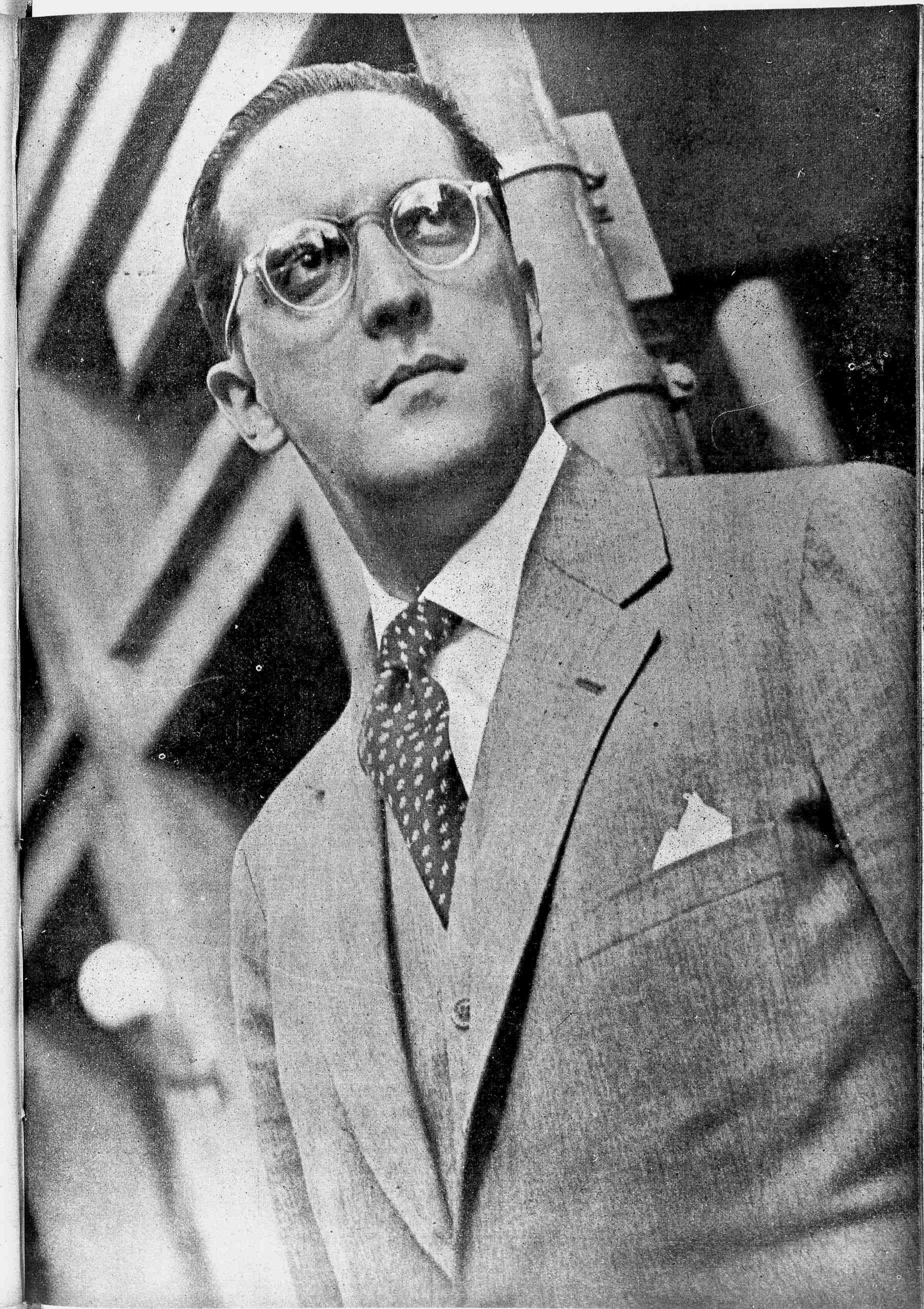
meira vez o "Correio da Manhã" — por haver o seu diretor preferido apoiar o general Mendes de Moraes a cumprir o compromisso assumido para com o público na "Batalla das Favelas".

"A minha revolta adquiria agora um sentido. Eu tinha por que e por quem lutar. Tudo o que antes me parecia justo e certo, continuou a ser assim, agora acrescido de uma nova qualidade: é que a verdade que eu procurava exprimir era uma aplicação, uma busca incessante e humilde da grande Verdade essencial e completa, que está nas mãos de Deus. Conservei-me, então, ainda mais firmemente na posição que às cegas, às vezes

(Continua na pág. 52)



A esquerda: Carlos Lacerda mostra ao repórter a coleção de discos gravados em Nuremberg, por ocasião do julgamento dos criminosos de guerra. A direita: "Graças a Deus, enquanto tiver saúde não precisarei de eleições para viver"





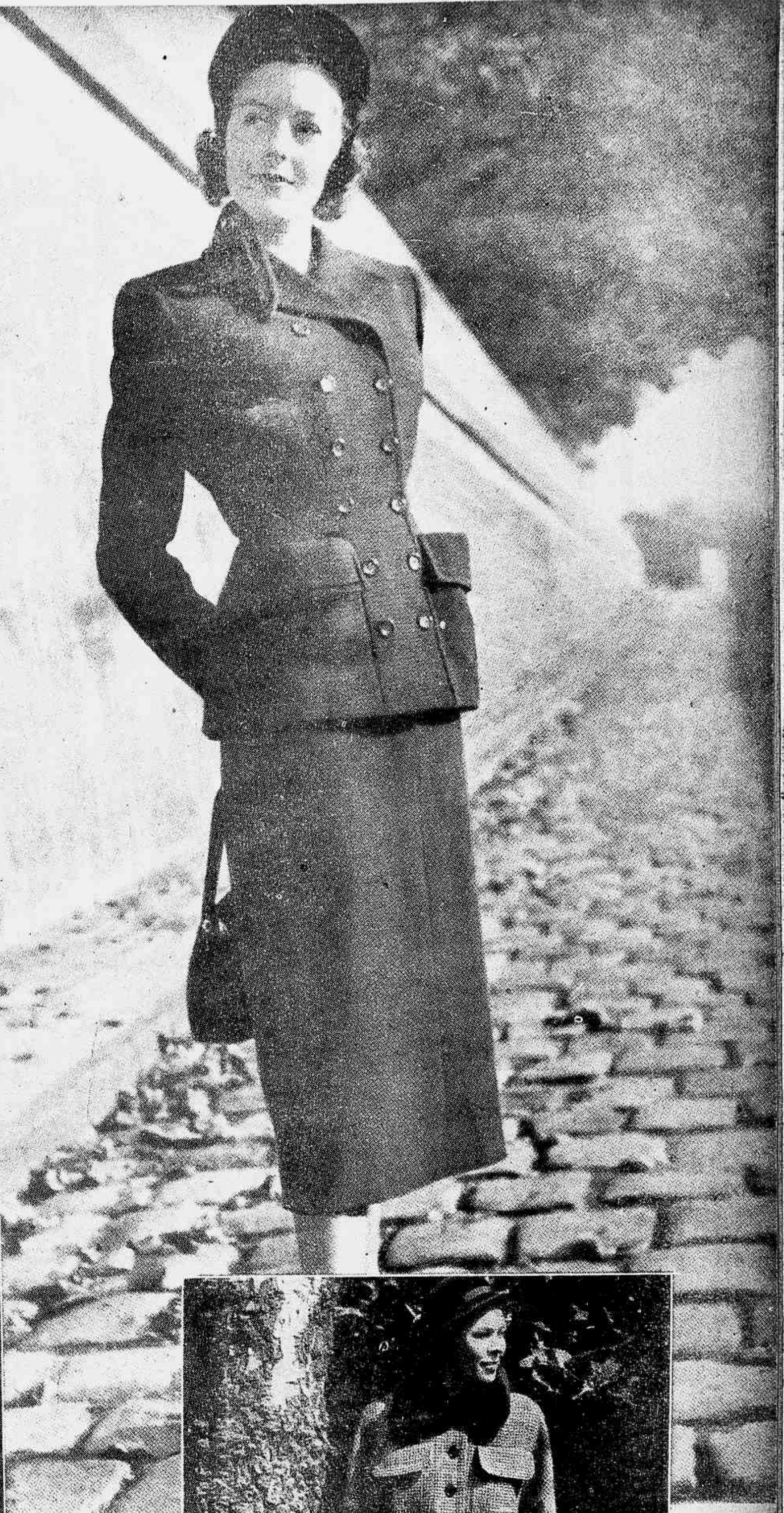
"Cocktail"



OS trajes para depois das cinco permitem maior arrojo e maior audácia. Nessas "toilettes" a imaginação dos costureiros invade o terreno da fantasia, produzindo verdadeiras obras de arte. Os tafetás, os veludos, os "failles", os cetins brocados, as lãs muito finas, são os tecidos usados de preferência na criação desses modelos.



O "tailleur" sempre veste bem. Além disso, pode ser simples ou suntuoso, de acôrde com a hora e com o local em que deve ser usado. Para de manhã, para o trabalho, para as compras, há o "tailleur" simples, de linhas sóbrias, aos quais podem ser acrescentados pequenos detalhes, como por exemplo uma "écharpe", um broche, um colar, etc. Os nossos modelos reúnem tôdas as qualidades, indispensáveis a êsse tipo de traje. São sóbrios, elegantes e distintos.



"TAILLEURS"
SPORTIVOS



NAS apresentações, ele, como fidalgo e descendente de fidalgos que desejava ser, flexionava levemente o corpo, estendia a mão bem cuidada e, com um sorriso cordial, dizia seu nome, muito claro, com perfeita dição, para que depois não houvesse dúvidas:

— César Marques da Silva e Tórres. Um seu criado.

O outro parecia chocado perante a responsabilidade de ter um conhecido com tanto nome. E sorria, sem jeito, um pouco envergonhado do nome simples e plebeu que carregava:

— Um "Pedro Silveira", ou um "Mário Martins", ou um "João de Deus".

De fato, desde o primeiro conhecimento, já os senhores mais simples ficavam como que hipnotizados pelo imponente Don César. As melhores roupas eram as suas; com etiqueta dos melhores costureiros, sentavam como luva naquele corpo ereto onde a cabeça parecia olhar de cima para todos os outros habitantes da Terra, mesmo para os que fossem mais altos em estatura. Um anel de sinete em uma das mãos completava a figura aristocrática. O anel e duas leves pinceladas de branco nos cabelos das têmporas. Os olhos esverdeados, o resto do cabelo muito negro, os pés muito pequenos para um homem comum, mas de ótima medida para um aristocrata (— Descendo de nobres franceses — dizia Don César. E a gente toda, esmagada por aquela descendência, não se atrevia a perguntar o nome de seus ancestrais.) e a lentidão majestosa de seus passos e de seus cumprimentos de rua (muito selecionados) faziam de Don César o homem mais importante da cidade, e o mais invejado.

Tratava de seus negócios (era comerciante e a classe dos comerciantes orgulhava-se muito disso) com displicência, como se dali viesse unicamente o dinheiro com que pagava seus vinte e tantos empregados de balcão e as dez empregadas de sua esposa. Em geral não falava na casa enorme de comércio e quando a isso se via obrigado, era como se falasse de um pequeno título que lhe dava renda unicamente para as esmolas. Nada mais. Fazia

sempre um movimento displicente de mão, como a dizer:

— Isso não dá nem para eu comprar meus sapatos de todo dia. O que mantém meu fausto vem do banco... do dinheirão que tenho lá... dos rendimentos gordos de minha fortuna...

Uma pessoa que fosse menos acostumada a ouvir tratar de dinheiro como se trata de cachorro sarnoso, insensivelmente iria arregalando os olhos. Então Don César lançava-lhe um olhar de compaixão, quase de desprezo (— Bem se vê que esse pobre não tem mais que cem contos no banco!...) e o pobre, envergonhado, tinha

xam transparecer o que são na realidade: simples burgueses bem paramentados.

A esposa, dona Antônia, movia levemente a cabeça penteada pela melhor cabeleireira e, ajeitando o "lorgnon" (ela não dizia de outra maneira!) nos olhos já cercados de rugas perigosas, ia comentando:

— Oh! De onde Serafina terá conseguido aquela bolsa tão "chic"! De certo é presente de algum parente rico e de bom gosto. Porque não creio que seu rendimento dê para tanto. Nem seu conhecimento de elegância verdadeira!

O filho convinha:

dos, com pequenos acenos para suas relações mais seletas.

Dai em diante o baile criava alma nova. Podia-se dançar à vontade, rir e conversar com gosto. Don César e família se retiraram! Não se precisava mais guardar as conveniências para que vissem o quanto todos eram bem educados. Até a orquestra parecia largar um longo suspiro de alívio. Todos estavam felizes! Sumira o peso que os olhos dos Marques da Silva e Tórres deixavam sobre as costas de homens e mulheres com menos de mil contos no banco (e, para falar a verdade, só quem tinha esses mil contos, eram os Marques da Silva e Tórres).

★

Quando Sibila, a filha mais velha, fez sua entrada na sociedade, grandes preparativos estremeceram a cidade.

— O vestido, finíssimo, viria de Paris. Diretamente!

— Viriam os parentes do Rio, gente muito elegante!

— E os doces também! Pelo avião! Não é uma coisa louca?

— O fotógrafo que iria conservar para sempre os dezoito anos de Sibila viria especialmente de Buenos Aires e a casa, o palacete imenso, seria decorado inteiramente por pessoas competentes, vindas de qualquer outra parte famosa do mundo.

Falou-se muito na festa e todos os grandes personagens da cidade foram convidados para "a festinha que vamos fazer em casa". Tudo foi de um esplendor que deu motivo a que Don César e família fossem tratados como deuses e senhores da cidade.

Sibila surgira à meia-noite, envolta em tules, para dançar o Danúbio Azul tocado por violinos, com seu pai, de casaca negríssima e brilhante no peito. Depois, muito disputada pelos outros senhores, fôra cedendo, a cada um, uma valsa. A festa terminou ao clarear o dia.

Augusto e Sibila, de presente de Natal, ganharam uma viagem à Europa. Clóé, a outra filha, chegara para passar as férias

(Continua na pág. 46)

OS IMPORTANTES

CONTO DE THEREZA DE ALMEIDA

de fazer os olhos voltarem ao tamanho normal.

Don César pouco frequentava clubes (não gostava de misturas) e quando o fazia era com toda sua dignidade, esposa e primogênito. Dava gosto vê-los, os três, com seus portes fidalgos, suas jóias, suas boas maneiras, sentarem na melhor mesa do salão de baile, e lá ficarem meia hora, afastados, como que numa ilhota perdida no meio do oceano, recebendo de quando em quando os mais grã-finos cumprimentos daqui e dali. Respondia-os com um certo ar de surpresa, como se não fosse possível a qualquer pessoa de classe média frequentar também aquele clube em que ele, Don César, era o mais valioso dos sócios.

— Silveira também frequenta "nosso" clube! Vejam só!

Ou então:

— Os Manfort possuem rendas para vestir passavelmente, mas mesmo assim dei-

— Certamente! Pois sua filha há mais de semana aparece sempre com os mesmos vestidos! E tão... tão descuidada!

Os três riram comedidamente como cabia aos mais importantes da cidade, mas saborearam aquilo como a mais deliciosa e encantadora das comédias.

— Observem! — exclamava com discrição dona Antônia. — Zulmira tingiu o vestido de baile do ano passado! Era branco (não recordam?) com "pois" pretos. Agora está inteiramente negro. Ocultada!... Deve ser terrível passar por um vexame igual!

Depois de meia hora de cumprimentos altivos e serenos, de comentários à meia voz e sorrisos leves, a família decidia recolher-se. Augusto erguia-se e afastava a cadeira para a mãe; e ela, apoiando-se no braço de Don César, muito graciosa em sua meia idade, parecia uma figurinha antiga fugida de algum quadro. Pelo menos era isso o que ela sentia.

E assim retiravam-se, solenes e delica-



A BELEZA DAS UNHAS

AS unhas, sem dúvida alguma, têm grande influência na beleza das mãos. Podem ser mãos finas, bem tratadas, macias, mas se não forem arrematadas por unhas bem cuidadas, tudo estará perdido.

No entanto, é frequente encontrarmos pessoas bem vestidas, de excelente aspecto, que negligenciam totalmente no que se refere às unhas. Ou estão mal pintadas, ou estão descascando — o que é horrível — ou não possuem brilho algum. Algumas são longas demais pare-

cendo garras. A impressão que estas últimas causam, nunca é de distinção ou finura. Quanto às unhas descascadas, revelam desleixo e negligência. A falta de tempo é, muitas vezes, responsabilizada por esse triste aspecto de algumas mãos femininas. No entanto, mesmo que não se tenha tempo para ir à manicure, poder-se-á arranjar um pouco de tempo em casa e fazer as próprias unhas. Algumas alegam não terem "jeito", outras a pouca prática, etc. Sem começar, nada poderá ser feito. A pele não precisará ser cortada, bastará que a empurrem para dentro com um pão de laranja na ponta do qual existe um algodão fino embebido em líquido próprio para remover a cutícula. Vem em seguida a "base" e depois o verniz, o qual deverá ser aplicado no centro, partindo então para os lados. A meia lua poderá ser feita depois com algodão embebido em acetona, com o qual limpa-se bem os cantos das unhas.

É possível que na primeira vez você não faça um trabalho perfeito, mas quando se tem força de vontade e quando se tem a intenção de não prejudicar a própria aparência, tudo pode ser conseguido.



Mulher,

LENDA E PERFUME



Diz a Mitologia que no princípio do mundo todas as rosas eram brancas, e que um dia Vênus, a deusa da formosura, cortando um galho de roseira para se enfeitar, feriu-se nos espinhos. O sangue vivo espalhou-se pelas alvas pétalas, e desde então aquela espécie de rosas se tornou vermelha. Mas, apesar de tão bela, esta flor não possuía perfume, até que Eros, o deus do Amor, considerando-a rainha de todas as outras, resolveu homenageá-la com um beijo. Como os lábios do deus eram muito perfumados, o seu odor se transmitiu imediatamente às pétalas da rosa e é este mesmo que até hoje elas conservam... Com a infusão das pétalas conseguiram as deusas do Olimpo a sua primeira água de rosas para o banho.

A história dos perfumes é toda assim, entrelaçada de fatos verdadeiros e lendas pitorescas.

E como a idéia de Deus sempre existiu, sob várias formas, na mente de todos os povos, logo que foi possível ao homem aprisionar o cheiro em recipientes, como pastas ou pós odoríferos, nasceu-lhe também a idéia de homenagear o Ente Supremo através de holocaustos onde se queimassem perfumes em vez de animais.

Parece que foram os árabes, povo místico e de imaginação ardente, os primeiros a usar esse gênero de sacrifícios. Acreditavam eles que as suas preces chegariam mais depressa aos ouvidos de Allah se subissem ao céu envoltas em ondas espessas de fumaça cheirosa.

Os perfumes entraram depois, como elemento indispensável, no rito de todas as religiões, sendo o seu uso proibido para criaturas humanas. Somente em homenagem a Deus era permitido o consumo de um produto assim, tão raro e precioso. Leis severas foram baixadas contra as mulheres que se deixassem arrastar pela tentação de andar cheirando...

A vaidade feminina, porém, possui razões que a razão masculina desconhece. Caiam por terra as ridículas e absurdas leis elaboradas pelos homens. O perfume, em suas diversas modalidades, como sejam cremes, loções, essências e leites de beleza, têm hoje consumo em todas as latitudes, em todos os recantos da terra, onde quer que exista pulsando um coração de mulher.

Ignez Mariz

Nas alegrias do dia em que se concretiza o maior e o mais belo sonho da vida de uma mulher, Leite de Rosas é a dádiva mais preciosa. Embelezando o presente e garantindo o futuro de sua epiderme, Leite de Rosas será um elo de perfume em sua vida conjugal, o eterno vigi-lante de sua felicidade. O segredo da beleza é a eterna vigilância.



SÃO LUIZ GONZAGA, 619
TELEFONE: 48-7660 ★ RIO

SEMPRE tive mais namorados do que as minhas amigas. Quando um dêles me levava a bailes, tudo o que podia conseguir de mim era voltar comigo na primeira e na última dança. E, durante os intervalos, não havia rapaz que conseguisse bailar comigo mais de dois minutos, sem que viesse outro cortar a parelha.

Nunca, porém, os levei a sério, nem tão pouco desejei que êles dessem importância a meus flirts. Gostava de verme cortejada, admirada, a dispôr sempre de um companheiro dedicado. Às vezes, se simpatizava muito com êle, permitia-lhe um beijo. Mas se as cousas iam tomando caminho mais sério, eu procurava fugir e acabava rindo daquela ilusão.

Assim procedia eu até encontrar-me com Gilberto Darien, um jovem que me parecia diferente de todos os rapazes a quem conhecera até então. Era filho de um dos homens mais ricos de Villafranche e, seguramente, o rapaz mais encantador daquela geração. Seu perfil parecia uma escultura grega, cabelos ondulados, corpo esbelto e de alta estatura, com uma elegância inconfundível.

Como se ainda nada disso fosse suficiente, era sempre o melhor nos exames da escola, e, se bem não lhe interessasse o atletismo, era magnífico o seu estilo em natação. Quando deixava a piscina as moças não cessavam de mirá-lo, justamente como faziam comigo os rapazes.

Êle, porém, nunca prestava atenção. E, se o fazia, não aparentava importância. Com seu físico e sua inteligência, poderia ser o homem mais importante da Universidade; mas não tinha amigos, mesmo entre seus companheiros.

Já fazia três anos que eu o conhecia, e nunca havia tratado de namorar-me. Por êsse motivo comecei a pensar que êle estava lançando um repto. Às vezes cuidava eu de atraí-lo, subjugá-lo. Êle, entretanto, sempre se fazia de desentendido, ignorando meus esforços. Eu, então, acabava por abandonar meus planos, fracassando.

Não obstante, várias vezes observei-o a contemplar-me com os seus olhos tristes, pensativos, dirigindo-me olhares que me inquietavam. Passavam, porém, êsses momentos e nada restava, pois nunca pude compreender Gilberto. Se o houvesse compreendido, teria ouvido quando me pediu uma entrevista, ao invés de sentir-me apenas vitoriosa... Foi, com certeza aquêlê sentimento de vitória por ver que eu conseguira o que nenhuma outra moça alcançara, que me fez supôr que estava mesmo enamorada dêle e me impeliu para seu lado, fato que me trouxe dissabores.

Formávamos maravilhosa parelha. Naturalmente quis levá-lo a festas e bailes, quando eu o exibia como se fosse um troféu. Mas Gilberto não gostava dessas cousas.

— Detesto festas e danças e não me agrada essa gente — disse-me irritado: — Só de ti eu gosto, Lia... Só a ti eu amo!

Dizia isto desde o primeiro dia em que nos vimos a sós e eu ria diante de suas declarações de amor. E' que todos os rapazes viviam a dizer que me adoravam, e eu sempre ria dêles, pois sabia que tudo aquilo não passava de frases feitas, vulgares. Entretanto Gilberto não pensou como eu.

— Não te rias assim, Lia! — Disse-me com voz estranhamente firme. — Nunca mais voltas a rir de mim, querida!

Pelo tom com que falou, vi que estava apaixonado, e tive pressentimentos inquietantes. Como, porém, sempre dominava outros namorados, pensei que com Gilberto se daria o mesmo. Mas, quando me beijou, comecei a duvidar de que me iria sair bem como das outras vezes.

Para um homem que nunca havia tido noiva, seu beijo era não somente de um técnico, como porque me havia feito experimentar um bem-estar indescritível, como jámais sentira. Eu estava maravilhada, emocionada, e passei a lembrar-me de Gilberto e de seus beijos, horas e horas. Depois desse preâmbulo, não foi difícil achar que já estivesse mesmo ena-

ALUCINAÇÃO

NOVELA DE JULIA LEFRANC

morada dêle... Continuaram nossas relações e eu comecei a ver que já não possuía aquela aura de popularidade entre meus velhos amigos. E' que Gilberto me trazia como que sequestrada. Um dia me disse: — Quisera tê-la encerrada num belo jardim onde somente eu te visse...

Eu protestei: — Que absurdo, Gilberto! Morreria de tédio numa prisão dessas!

— Não, não te aborrecerias, disse, com um beijo.

Já os seus carinhos não tinham para mim aquêlê sabor de novidade e sensação, e eu perguntava a mim mesma, que teria visto nele além de seu físico? Começava a enfadar-me ao seu lado.

Já me sentia em condições de ter outro namorado, quando na casa vizinha à nossa houve mudança. O novo inquilino era Luis Portas, que se fizera popular no ano anterior lá na Universidade, por sua atuação no "team" de futebol.

Chegara ao meu conhecimento que todas as moças lá da Universidade andavam atrás dêle. E eu prejudicada com aquêlê exigente Gilberto! Já fazia três semanas que eu desejava romper com êle, mas não achava a menor maneira de fazê-lo. Quando me recusava sair com Gilberto vinha êle à minha casa ver-me, com aquêlê ar de quem não tolerava meus pais.

— E' um moço de aspecto original, disse minha mãe. — Talvez porque sua genitora morreu quando era êle ainda muito pequeno. Entretanto me parece demasiado elegante, o que não me inspira confiança. Não sei exatamente o que pensa minha filha...

Alguns dias depois me encontrei com Luis Portas. Quando o vi e êle a mim, brindei-o com o melhor dos meus sorrisos.

Êle se deteve como que fascinado e comentou:

— Que maravilha! Onde se havia escondido?

Seguiu-se a isso uma conversa longa, terminando por pedir-me uma entrevista. Logo que lhe prometi, despedi-me, indo encontrar-me em seguida com Gilberto.

Estávamos em pleno verão e era cheia a lua naquele dia. Gilberto queria levar-me a "Las Hamacas", belo parque de recreio, um pouco retirado da cidade. Procurei um pretexto para recusar e lhe disse que não aceitava porque estava muito ocupada. Nada respondeu. Limitou-se a olhar-me, aquêles olhos que tantas inquietações me davam quando me fitavam assim. Naquêlê instante quis dizer-lhe que não mais voltasse à minha casa; porém algo em sua expressão fisiológica me atemorizou e permaneci silenciosa. Eu esperava um momento oportuno para livrar-me dêle e poder manter minhas relações com Luis Portas.

Naquela noite saí para um baile com Luis. Era a espécie de namoro que mais me agradava. Êle estava alegre, delicado, sem ciúmes. Passamos duas horas magníficas e regressamos a casa.

— O que mais te atrapalha, disse êle — é que és muito cortejada. Porque és assim tão formosa? Ficaria muito contente se pudesse voltar a sair contigo!

— E' bondade sua, Luis! — Respondi eu a rir.

Passou-se um instante. Não pudemos dizer mais nada. De uma sombra junto às trepadeiras que cobriam o portico da entrada de nossa casa, surgiu Gilberto, que ficara todo aquêlê tempo a esperar-me.

— Parece que você não voltará nunca mais a sair com Lia, — exclamou êle enfurecido.

— E quem é você para m'o impedir?... E se voltando para mim, Luis perguntou surpreso: — "Quem é êste mequetrefe?"

— Sou o mequetrefe a quem pertence Rosalia! — Disse Gilberto com voz calma e firme. — E concluiu: — praticamente já é minha mulher!

— Gilberto! Mentis! — Gritei. — Não digas tal infâmia!

— Ah! Não? Mas já falaste a nosso respeito a êste individuo? Já lhe disseste dos nossos compromissos?

— Gilberto! Nenhum compromisso tenho contigo, e não terei jámais! Bem sabes disso! — Exclamei indignada. Apenas fomos namorados e não te dei outro direito além de me cortejares. Sempre vi em ti uma pessoa indesejável.

— Se falas assim por causa dêste, é bom que te cales... Diz-lhe que se afaste daqui, pois preciso falar contigo!

— Porque não me dizes a mim? — Interveio Luis com voz colérica. Não me agrada a forma por que estás falando a Rosalia. E não espero por mais nada para dar-te uma lição, canalha!

Gilberto avançou para Luis, mas êste e deteve e lhe acertou um sóco. Atracaram-se e rolaram ao solo a lutar como duas feras. Diante daquele duelo eu me sentia aflita, só desejando fugir, esconder-me.

Logo que ouviram aquelas trocas de palavras fortes, o ruído dos bofetões e as quedas daqueles dois homens atléticos, meus pais que já estavam recolhidos, desceram para ver de que se tratava em frente à nossa casa.

A essa altura, Gilberto estava estendido ao chão e Luis muito cansado diante dêle, mas em pé.

— Agora, atrevido! — Gritou Luis para êle — Agora, fóra daqui! Voltarei a fazer o mesmo sempre que o surpreenda a molestar Rosalia!

Gilberto se ergue, sacudiu o sujo da roupa resmungando palavras que eu não entendi. Em seguida retirou-se pressurosamente, enquanto Luis se apressava em explicar o ocorrido a meus pais, procurando defender-me.

— Está bem, respondeu meu pai. — E agora é melhor que também se vá o senhor... — Meu pai estava indignado com o episódio. Tomou-me pelo braço e conduziu-me para dentro de casa.

Deves estar orgulhosa de ti, Rosalia! — Disse-me êle sarcasticamente quando entramos. Dois homens a lutar por ti, diante de tua própria casa!

— Eu não tive culpa nenhuma! Gilberto já se julga dono de mim, apenas porque sai com êle algumas vezes!

— E nunca fizeste nada para que êle tenha essa presunção?

— Nada fiz que me possa causar vergonha.

Subitamente meu pai se acalmou.

— Não quis ofender-te, Lia. E' que sempre foste uma coquete, e isto pode ser gracioso para tua mãe e para mim, mas já não agora quando dois homens lutam por ti. Tens dezoito anos e já és mulher. Não podes continuar a jogar tua sorte com os homens e a própria sorte dêles. Algum dia encontrarás um que te leve a sério, e então terás grandes dificuldades.

— Eu sei... — Respondi com humildade.

Mas, na verdade, não sabia eu o que dizia.

Estive, antes de dormir a pensar na minha situação e nas advertências de meu pai. Mas, ferrei no sono e ao acordar, já não me parecia tão importante o ocorrido.

Estávamos a servir-nos do café pela manhã, quando o telefone soou. Papai se ergueu e foi atender.

Depois de ter escutado um momento, fez uma cara de quem se assombra e perguntou:

— Como?... — E ficou a ouvir, cada vez mais inquieto e pálido.

(Continua na pág. 48)



TRADUÇÃO DE RENATO DE ALENCAR



Élio Lederman, aluno inteligente, numa cena interessante com Miriam Grilo, ambos do curso clássico

O Teatro

ATIVIDADE EXTRA-CURRICULAR



O teatro educativo do Instituto La-Fayette

te, cujas realizações foram suspensas devido ao falecimento do conhecido e estimado educador professor La-Fayette Côrtes, retomou, com brilho, as suas atividades em 1949, na semana comemorativa da fundação dessa casa de ensino.

Chuvras de Verão, de Luis Iglézias, foi a peça escolhida pela Orientação Educacional do tradicional educandário.

Karlos Couto foi muito feliz, ensaiando o novo grupo de estudantes, dois ou três, para cada papel, interessando, assim, um grupo grande de alunos, que, pela primeira vez quase todos, se exibiram em público com real sucesso.



Helaisse Lima e Ivo Nunes, ambos do curso científico, numa cena magnífica de arrufos, bem idealizada por Karlos Couto



Karlos Couto, ensaiador, entre os amadores. De pé, da esquerda para a direita: Eugênio Vasconcelos, Célio Falcão, Luís Carlos Saroldi, Ivo Nunes, Mauro Magalhães e Élio Lederman. Sentados: Lena Ferreira (contra-regra); Helaisse Lima, Maria Luiza Alves, Karlos Couto (ensaiador), Miriam Grilo, Miriam Sampalo e Guarani Irapuan

Chuvras de Verão foi levada seis vezes seguidas à cena, para gáudio dos alunos e respectivas famílias.

Viam-se na assistência numerosa, durante as seis réctas, não só pessoas gradas, como ainda críticos teatrais e artistas de renome como Luis Tito, Esther Leão, Augusto Araújo, Esther Gonçalves Maia e muitos outros, como Maria Fernanda Correia Dias, etc., etc., etc.

A semana comemorativa da fundação do Instituto La-Fayette teve o seu dia máximo em 5 de junho, aniversário também do saudoso professor La-Fayette Côrtes.

Grande repercussão alcançou a temporada artística do Teatro Educativo do Instituto La-Fayette este ano, deixando recordação durável a interessante atividade extra-curricular.

Estão de parabens, pois, Karlos Couto e os intérpretes de **Chuvras de Verão**.



A música perante a Justiça

CANTAR MAL É CRIME? ★ UM XARÁ DE SHAKESPEARE EM APUROS ★ A DESAFINAÇÃO E A LEI

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

"...O homem que não é sensível à música, nem à harmonia dos sons suaves é capaz de trair, intrigar..." — escreve William Shakespeare, no Mercador de Veneza. Pois, séculos depois, Mr. Linkhaw, cidadão americano, apresentou-se ao mundo como um desmentido ao poeta, cujo prenome, William, recebeu, aliás, na pia batismal, tornando-se xará de Shakespeare.

Austero e discreto, caráter reto, figura benquista, o sr. Linkhaw era estimado e respeitado pela sociedade com a qual convivia, na Carolina do Norte, Estados Unidos, em meados do século passado. Nem seus reconhecidos predicados, contudo, nem a boa fama o salvaram da desgraça e a sua folha corrida, antes sem mácula, foi conspurcada pelo triste registro de um processo e uma condenação, tudo por obra e graça da arte que Shakespeare apresentou, na passagem citada, como símbolo da concórdia e da harmonia.

No rol das numerosas qualidades que lhe valorizavam a personalidade não se incluíam dotes musicais. Essa lacuna, entretanto, normalmente não constituiria entrave à prosperidade e à felicidade. Nenhum apologista da música, por mais que lhe exalte os méritos, pensará em arrolá-la entre as condições indispensáveis para a paz de consciência e a tranquilidade do espírito. Detestou-a Zola, que não distinguia o som produzido por instrumento bem afinado de um copo espatifando-se, quando atirado ao chão. Por que, então, a Mr. Linkhaw faria falta a música?

MR. LINKHAW DESAFINA

O culto protestante, que frequentava, inclui cânticos que exprimem as efusões da alma dos fiéis em melodias cuja simplicidade as torna acessíveis aos seus limitados recursos de execução musical.

O sr. Linkhaw, assíduo ao templo, não poderia eximir-se do cumprimento de um dever: cantar.

Mas se sua formação moral era impecável, vocalmente ele era um desastre.

Em geral discreto e comedido, ao abrir a boca para cantar, emitia, na inconsciência de sua insensibilidade musical, estranhos ruídos, totalmente estranhos aos hinos pios.

Pobre coitado! Certo de que seguia os demais, ora se antecipava, ora deixava-se ficar atrasado, num angustioso desencontro, pôsto em destaque pela tremenda desafinação. E o fervor que lhe animava o espírito temente a Deus levava-o a comunicar uma ênfase especial ao canto, que se fazia ouvir num fortíssimo de arrebentar os tímpanos.

No seu ardor místico, sem perceber que incomodava os vizinhos, alçava a voz tonitrante e erguia aos céus lóas ao Senhor com exaltadíssima sinceridade.

O "CANTOR" É CONDENADO

Ee alguns esboçavam sorrisos, ao ouvi-lo, assim, perdendo a ofensa à música diante do comovente entusiasmo demonstrado, já outros, perturbados pelo companheiro trovejante, tentavam fazê-lo compreender, com olhares reprovadores, o desconforto provocado.

Mas ele, na sua santa euforia, não era capaz de discernir a censura.

Certamente não lhe diriam, como o Duque, em Twelfth Night, do xará Shakespeare, aos músicos da corte:

"That strain again; it had a dying fall —
oh, it came over my ear like the sweet south
that breathes upon a bank of violets..."

Mas, sem que lhe manifestassem, claramente, o mal estar causado pelo seu procedimento, ele nada compreenderia...

E só compreendeu tarde demais... quando um grupo indignado apresentou queixa contra ele, acusando-o de crime equivalente ao que prevê a nossa legislação penal sob a rubrica "ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo".

Apesar de, acusado, negar o dolo, a primeira instância o condenou, sem pôr em dúvida, contudo, a autenticidade de sua fé, genuína e pura.

Somente uma desesperada apelação, de que lançou mão, foi que a Corte Suprema do Estado lhe garantiu, judicialmente, o direito de cantar mal sem, por isso, cometer crime. Mas Mr. Linkhaw nunca mais pôde se entregar ao entusiasmo provocado pelo culto na sua alma religiosa. Contrafeito, sussurrava a melodia, timidamente, lançando olhares furtivos em torno, para ver se sua ingênua e patética desafinação estava incomodando os demais...

Imagino com que entusiasmo a crítica musical acolheria um juiz severo como o que quis mandar para o presídio o bom Linkhaw que não se dizia "cantor", nem se proclamava "artista"... E há tantos que, usando, indevidamente, esses títulos ofendem, impunemente, os ouvidos alheios... "Cantores" que executam (em todos os sentidos da palavra) a obra de compositores indefesos... Um desses, certa vez, aliás, querendo agradar Rossini, "interpretou" ária de uma ópera dele. Quando terminou, o velho mestre, com fingida cordialidade, perguntou: "De quem é esta ária, cavalheiro? Ele parece vagamente com uma obra minha..."



JOSE FOMM

AIMÉE inaugurou sua temporada no Teatrinho Intimo do Leine com o original de Claude Puget "Un petit ange rien du tout", que recebeu o título de "Mulher por um minuto" na tradução razoável de Daniel Rocha.

Claude André Puget, jornalista e advogado francês, surgiu em 1920 com três coletâneas de poesia; pouco mais tarde revelou-se no teatro como um analista delicado e sutil, ao mesmo tempo que um teatrólogo desembaraçado e sedutor. Seu teatro é muito semelhante ao de Paul Gèraldy, e segundo as palavras deste último, é "uma fantasia que resplandece de uma escrupulosa observação da vida, com peças elaboradas de uma verdade sensível, fresca e feliz. Suas produções têm sobriedade e segurança na conduta, limpidez de cristal, e profundezas sem pretensão". Realmente encontramos em Puget a graciosidade em todos os setores e o fim principal é de agradar e não convencer. Seu diálogo é propositadamente indiscreto, cheio de "sub entendidos" e até pachuchadas. Mesmo quando se torna satírico, lança em todos os sentidos, não dardos que ferem, mas um divertido jogo de palavras.

"Un petit ange rien du tout" consiste em um trio de amigos, (como todos os amigos) e um casal de amantes (como todos os amantes), e nesse pequeno mundo esquemático, modela um "blagueur", um sonhador, e uma mulher de carne e osso. Ao lado está a candura impledosa de "Miriele", o pequeno anjo caído do céu, que zomba de tudo: amor, família, trabalho, modas, moral, lei, justiça, sem, contudo, chocar; apenas insinuando, provocando o riso. O teatro de Puget é um verdadeiro jogo do espírito e do coração, com movimento estilo século XVIII e reações de todas as épocas. Quanto à interpretação, tivemos um homogêneo conjunto. Aimée, muito a vontade na "Miriele", Paulo Pôrto no indeciso "Patrício", Ambrósio Fregolente no "bouffon" Amadeo, e Laura Suarez, superando a todas as outras atuações, na "Francisca". Os outros elementos, fracos nas pequenas pontas.

Um dos passos mais acertados de Aimée foi convidar Ester Leão para dirigir seus espetáculos. Esta demonstrou seu punho forte como ensaiadora e conseguiu boas marcações no pequeno palco do teatrinho.

Finalizando, o tema de "Mulher por um minuto", conquanto seja arbitrário, segue o intuito de fazer rir.



Claude Dedieu e Allain-Dhurtal em uma cena de "Fils de Personne"

DO ESTRANGEIRO

"Fils de personne", a famosa peça de Henry de Montherlant, foi encenada pela 1.ª vez em 1943, tendo se revelado Michel François. Agora, está novamente com grande sucesso no teatro Hébertot tendo como intérprete principal o menino Claude Dedieu. Sobre esse assunto, Montherlant escreveu:

"Li em vários jornais de 1943 que 'Fils de personne' havia sido escrita para Michel François, que tinha nessa ocasião 14 anos, a idade de 'Gillou', meu personagem. A verdade, porém, não é bem essa. 'Fils de personne' foi escrita primeiramente em forma de romance, ou melhor, de diário: o diário de um pai relatando seus contactos com o filho. Já então, Michael François havia se revelado no papel do pequeno pagem 'Dino del Moro' em 'La Reine Morte' e tendo achado um tão bom comediante, resolvi transformar o diário em uma peça teatral. Assim, 'Fils de personne' não foi escrita para Michel François, mas sim por causa de Michel François. Para a 'reprise' da peça, foi necessário 17 ensaios, e somente um menino poderia sustentar o papel: era Claude Dedieu, um desconhecido no teatro, com quinze anos, aluno de grego e latim na Universidade de Condorcet. Um ator nato. Vê-lo representar é algo delicioso, pois interpreta com o olhar, com as batidas de pé, com as mãos, o tempo todo. Como eu temia certas reações do público, Claude Dedieu respondeu-me: 'Antes de mais nada, não se representa para o público. Que deveria entender por estas palavras? Talvez repetisse o que ouvisse de um outro ator qualquer. Mas não; Dedieu esclareceu: 'Trabalha-se para si próprio'. Achei curiosíssima essa reflexão de um menino, e contei a Claude Bertin (outro menino de 12 anos que interpreta atualmente Dino del Moro em 'La Reine Morte'), que retrucou: 'Trabalha-se para si próprio? Nunca! Eu acho que se representa para o público, e comediante é uma profissão como outra qualquer...' Essa concepção, tão diversa da de Dedieu, é expressa com segurança e com certa indignação. Meio embaraçado, repliquei: 'Você é mais toureiro que ator'. 'E' isso mesmo', respondeu Bertin com alegria. Mais tarde é que compreendi a razão da resposta. Bertin passou o último verão na Espanha e é entusiasmado por touradas; daí o seu exibicionismo e a boa interpretação que empresta ao papel de Dino del Moro, na Comédie Française".

OS IMPORTANTES

(Continuação da pág. 42)

em casa e, como não tivesse feito bons exames, resolvera não voltar ao internato luxuoso.

— Penso que ela tem razão, César. A menina realmente não precisa estudar. Possui inteligência. E graça. Não o digo só porque seja nossa filha! Para que obrigá-la a frequentar uma escola onde as alunas todas não pertencem à melhor sociedade e onde as próprias professoras não foram muito bem educadas? Isso é contra meus princípios! (Dona Antônio gostava muito dessa frase.) Até pode ser prejudicial! Compreendes?

Don César compreendeu. E Cloé, orgulhosa e quase sem instrução mais do que a do primeiro ano ginásial, tornou-se o pássaro de ouro perseguido pelos jovens mais ricos da cidade. Alexandre, completando os dezesseis anos, era o "al Jesus!" de todas as mães de filhas ricas e bonitas. Ou só ricas.

Parecia que a minúscula cidade girava em torno dos importantes. E girava, mesmo! Dos vestidos, quem ditava a moda era a senhorinha de Tórres, e Madame de Tórres não ficava atrás (— E' contra meus princípios!) com seus pesados vestidos de tafetá e seus toques de pluma em noites de grande gala.

Certamente! A cidade fôra feita e habitada para ser palco da vida faustosa dos importantes. E eles, certamente, haviam nascido para serem reverenciados.

Nessa época chegaram os Bento de Oliveira e Paz. Houve outra revolução, pois começou a correr o boato insistente de que só num banco eles possuíam dois mil contos.

— Só num? Imagina! E nos outros? Que gente de fortuna!

— Hiii! Só quero ver a cara dos 'importantes'!

— Ah! Eles têm muito mais!

— Eles, quem?

— Os importantes, ora!

— Assim eles tinham vontade de ter! Os Bento de Oliveira e Paz têm milhões mais! São podres de ricos!

— Não creio!

— Escuta! Não diz nada p'ra ninguém. Mas, eu sei de fonte segura!

Para os importantes, como deveria ser, a chegada dos outros importantes foi um cataclismo, porque pouco a pouco as revelências foram sumindo.

— Cesar! Estou extremamente desgostada! — exclamou dona Antônio, chegando das compras.

— Filha!

— Sim! Os Manfort, ingratos, só andam com os Bentos. Não mais frequentam nossas reuniões de sábado e agora eu compreendo o porque! Os Bento também recebem aos sábados! E' quase inacreditável! Então eles ignoram que é nosso dia de receber? Mas creio que se fôsse só esse fato, não me sentiria tão aniquilada; mas (podes crer?) Serafina absurdamente negou-me seu cumprimento hoje pela manhã. E' desesperante! Parece que estamos ficando pobres, Cesar! Não suporto essa situação! E'... é contra meus princípios!

— Ah! Miserável! — Don Cesar cerrou o punho, ameaçando a cidade ingrata, que aparecia por uma janela, muito alva e muito tranquila, ignorando a tempestade que desabara em casa dos Torres. — Mas, deixa, filha. Não te zangues assim porque eu te prometo: eles pagarão! Não nos abandonarão impunemente! O que pensam eles do Marquês da Silva e Tórres? Esses... esses snobes!

Sibila e Augusto voltaram da Europa e por algumas semanas tornaram a reinar os Tórres, mas voltaram a cair, pois os Bento haviam iniciado a construção de um palacete de meia quadra de comprimento.

— E vai ter piscina, Cesar. Isso me consome. Essa residência dos Bento ainda vai ser a causa de minha morte. Ouve bem!

— Filha. Não deves te preocupar assim, tu, que és tão enfermiza. E depois, filha, piscina, quem faz, é gente de baixa mentalidade. Imagina. Exibirem os corpos! Podes conceber algo mais terrível, mais... mais repugnante?

Mas Dona Antônio não se conformou. Principalmente porque Cloé, todos os dias, quando voltava do clube, onde estivera jogando, trazia novidades.

— Vai ser toda de mosaico italiano!

— Vai ter estátuas gregas no 'hall'.

(Continua na pág. 48)

A DANÇARINA DO "TAXI-GIRL"

(Continuação da pág. 31)

"Hoje, porém, sou a hora da decisão. Sinto que o moço, aos poucos, se desencanta de mim; que a sociedade o assaltou. Tenho certeza de que não voltará amanhã, nem voltará, jamais... Não posso consentir que me fuja essa derradeira oportunidade de mostrar a um homem insensível a desventura suprema de perder um filho..."

Interrompi a leitura da carta. Amarfanhei-a, nas mãos convulsas; recusava-me a aceitar a verossimilhança da história hedionda. Aquela mulher, delirando, comprazia-se em fantasias absurdas...

Quando, porém, acompanhando a polícia, entrei no apartamento de Mariazinha, a realidade se patenteou, a nossos olhos, na terrível visão de dois corpos, entrelaçados, no amplexo da morte. Cumprira-se o desígnio da mulher tresloucada. Recuei, espavorido, trêmulo de emoção, refugiando-me em meu apartamento. Que espantosa tragédia.

De repente, em meio às idéias confusas que me assaltavam, surgiu, desolada, a imagem da mãe do rapaz. Ela era, sem dúvida, a vítima inocente da inacreditável vingança. E que terrível surpresa lhe estava reservada! Fiz minhas as lágrimas que deveria chorar, quando não fosse mais possível ocultar-lhe a tremenda notícia.

Então deliberei esconder a carta assustadora. Só a apresentaria às autoridades, em último caso. Do contrário, ocorria-me o imperioso dever de sonég-la, poupando a dor cruelante que ela iria acrescentar, sem proveito, ao confrangido coração da mãe infeliz.

Que ela se refugiasse, consoante as hipóteses formuladas, no derradeiro e ilusório consolo que lhe restava: que seu filho escolhesse, voluntariamente, aquele destino, no pacto de morte que celebrara com a dançarina do "taxi-girl"...



D. M. (Rio) — "O outro caso da rua Perseguida" não pôde sair. O tema é muito conhecido e anedótico, perdendo a originalidade.

Ribamar Galiza (Barreiras, Bahia) — Mudamos o nome do seu conto para "Quero morrer contigo". Vai sair.

A. A. (Teresina) — Muito fraquinho o seu "Na fazenda Esperança".

L. M. G. (Rio) — "Seu Godofredo volta à casa" está muito curto.

Z. M. (Rio) — "Tôda uma vida" não pôde ser aproveitado. A conclusão é desagradável.

R. R. (Patos, Paraíba) — Muito curto o conto "Fascinação". Devia ter, no mínimo, quatro páginas datilografadas. Evite dar a personagens nomes completos e conhecidos na realidade. Isso pode dar aborrecimentos. Quanto ao outro conto "Caboré" aproveite a idéia e lhe dê melhor textura, evitando a cena do assassinio da forma por que foi descrita.

W. B. M. (Rio) — Muito curto o seu "Multa para uma ruiva". Não compreendemos o começo: "Estou afixando meu lápis nas costas do meu pescoço e pensando em oito meses atrás".

M. T. T. (Belo Horizonte) — Não está mau o seu "Uma pequena afetuosidade"; mas contém frases muito repetidas. Corrija esse defeito de estilo, aprimore a pontuação e volte, querendo.

O. Gomes de Castro (Rio) — Vai sair o seu "O violinista do outeiro da Glória".

O. O. P. B. (Rio) — Não foi aproveitado o seu "A pequena Eugênia". Procure melhorar o estilo. O gênero conto é muito difícil.

R. C. S. (São Paulo) — "Chico era lobishomem" está fraquinho.

Vicente C. de Carvalho (Rio) — Seu conto "A 4.ª Alexandrina" sairá brevemente. Quanto ao "Dúvida", vamos dar busca.

M. A. A. Miranda (Rio) — Não. Maria! Continue a escrever seus contos. Quem pára deixa de viver.

Y. C. R. L. (Belo Horizonte) — "A voz do outro" será publicado. Não se entristeça com o relativo insucesso dos contos não aproveitados. Prossiga e leia bons autores, procurando aperfeiçoar o estilo e o poder de narração. Ninguém nasce completo e perfeito.

Mary Belline (Caldas, Minas) — Remetemos sua carta à seção competente.

J. P. Rache (Poxoréu, M. Grosso) — O assunto foi entregue à gerência.

Anatole Ramos (Rio) — "O Cigarro" foi aprovado. Quanto aos outros, não nos recordamos de tê-los julgado.



ANGELUS RAVEL



"Praia de Iracema", de J. Carvalho, belíssima tela desse festejado intérprete das praias e céus do nordeste

J. CARVALHO, O MAGO DAS MARINHAS

MORA num recanto poético da Ilha do Governador, na praia da Olaria, numa casa modesta com uma "puxada" de lado, coberta de palha, um dos mais admirados e queridos poetas da tela brasileira: J. Carvalho.

Homem desfeito a associações de elogios mútuos, possuindo um espírito de artista dos mais apurados, Carvalho tem arrancado daquele ambiente da Guanabara os mais belos motivos para mostrar o Brasil aos brasileiros.

E' divertido ver como esse artista pinta seus quadros. Instalou seu atelier entre a sala de jantar e a cozinha, e, enquanto sua senhora cuida da "passoca" cearense ou do peixe de côco à nortista, ele vai transmitindo para a tela suas mais recentes descobertas: uma paisagem lá pelo Bananal; uma ponta de morro iluminada pelo sol da tarde; uma ilha silenciosa em meio daquelas águas mansas, uma cena entre pescadores, manchas de beira-mar com "flamboyants", marés e botes a enxugar.

J. Carvalho sabe impregnar seus quadros do grande sentimento de brasilidade que possui sua alma de pintor nacionalista. Especializou-se em marinhas. Quem pode rivalizar com ele numa tela que reproduz as praias do Ceará? E os céus de J. Carvalho, tão bonitos, tão suaves, com aquelas farrapos de nuvens alvissimas sobre o mar profundo e verde? Quando quer dar-nos a impressão de uma tarde ameaçando borrasca, ele nos mostra um céu escuro, as ondas revoltas, os pescadores preocupados, as jangadas aflitas a olhar o horizonte perigosamente carregado.

E' tão icpressionante o traço desse pintor ao reproduzir as cousas da natureza à beira mar, que temos a impressão de que ouvimos o vento a ciclar entre as palmas dos coqueiros e o estrondo das ondas a quebrar na praia.



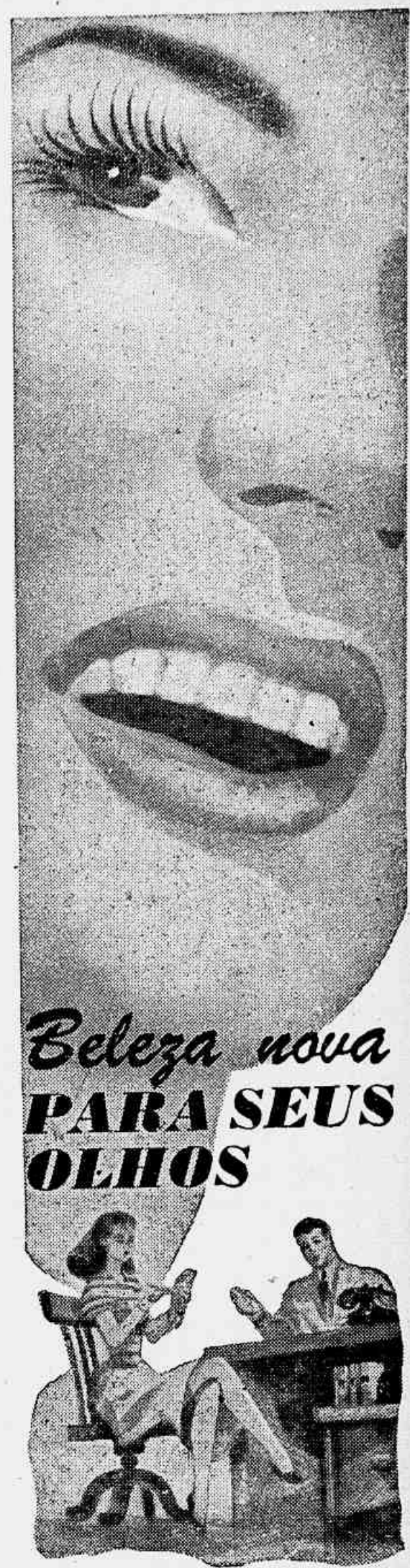
"O brinquedo predileto", inspirada concepção de Paulina Kaz

UMA DISCÍPULA DE PEDRO BRUNO

Nos salões do Museu Nacional de Belas Artes, expôs, durante quinze dias no mês passado, a artista Paulina Kaz, uma das discípulas do grande pintor Pedro Bruno.

Dois terços dos quadros de Paulina têm como motivo os sugestivos recantos, a exuberância da natureza da ilha de Paquetá onde recentemente faleceu o seu inesquecível mestre.

A artista assimilou grande parte do seu estilo, criando composição de real mérito. Dentre suas telas mais admiradas, se notam as seguintes: "Praia da Guarda", "Flamboyant", "Entardecer", "Começo de Floração", "Recanto de Paquetá", "O brinquedo predileto" e outras.



A beleza dos olhos define a vitória da mulher onde quer que ela esteja! Cilion embeleza os olhos escurecendo e recurvando os cílios e impedindo a formação de caspas e terçoís.

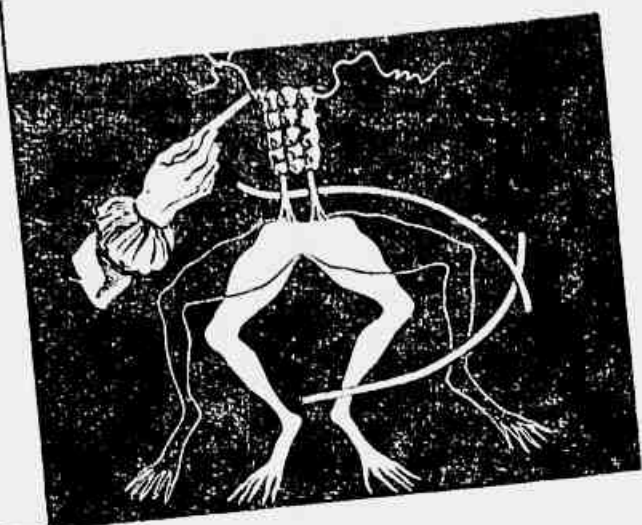
Prefira o TUBO GRANDE, rende mais e custa relativamente, muito menos.



CILION
embeleza e protege os olhos



Ideias brilhantes



1780 - Eletricidade nas pernas de uma rã — famosa experiência de Galvani, que permitiu a Volta idealizar a primeira pilha elétrica.



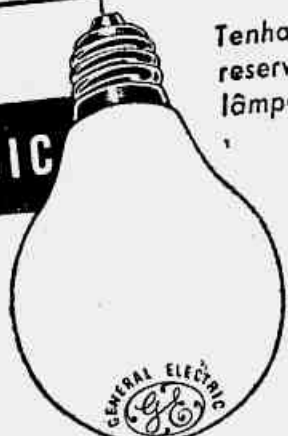
1879 - Edison inventa a primeira lâmpada incandescente de utilização prática... a ideia mais brilhante da História!

Hoje - Aperfeiçoada a ideia de Edison pela General Electric, as lâmpadas G.E. são feitas no Brasil com os melhores materiais e com o máximo cuidado, para proporcionar a melhor luz com o mínimo de energia... e sempre brilham mais!

V. pode confiar na

GENERAL ELECTRIC

8.367



Tenha sempre de reserva algumas lâmpadas G.E.

OUÇA Festivais G.E., às 4as. feiras às 20:30 horas, na Rádio Nacional, Rio, e Repio aos Enciclopédicos, às 3as. feiras às 20:30 horas na Rádio Cultura, São Paulo.

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhores — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgias. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1549

Cristais! Porcelanas!

ENCANTADORAS EXPOSIÇÕES de artigos de arte e de fina fantasia para presentes

Faqueiros de prata de lei e prata 90 ★ Serviços de jantar, chá e café, de fina porcelana, dos mais reputados fabricantes

LINDO SORTIMENTO DE LUSTRES DE CRISTAL

CASA CRISTALINO

URUGUAIANA, 35 E 37

OS IMPORTANTES

(Continuação da pág. 46)

— A piscina será toda de azulejos.
— O jardim vai ser "inglês", com repuxos maravilhosos, iluminados à noite por focos coloridos.

Cloé, sem saber, inconscientemente, ia matando a mãe. Alexandre, esse vivia numa zanga constante. Sua baratinha último modelo já não chamava a atenção das meninas bonitas e ricas.

— Há um Bento de vinte anos e outro de dezoito que são uns amores! — diziam as velhotas. E assim caiu por terra a importância de Alexandre.

De Augusto nem vale à pena falar — degenerou. Era o único a não dar importância a essas coisas. Viera modificado da Europa e agora vivia sua vida muito à parte, com seus livros e seus apetrechos de fotógrafo-amador. Sibilla, pelo contrário, passava todos os domingos à última moda francesa na praça principal onde se reunia a fina flor da sociedade para o tradicional passeio da tarde. Mas também ela, pouco a pouco, foi vendo que os tempos haviam mudado e que já não era a princesinha da cidade. Quando compreendeu isso ficou um mês sem sair de casa; depois resolveu aceitar o pedido de casamento que um dos Manfort havia feito antes de sua ida à Europa e que recusara porque "o coitado só tinha trezentos contos no banco!"

Algum tempo mais tarde Augusto deu o golpe de misericórdia na família quando anunciou que ia casar com uma professora.

— Professora! Que pecado terei cometido? Dessa vez eu morro! Cesar! Deves impedir esse casamento! Que diria meu avô? Que diria teu pai, que foi amigo da Rainha?

— Meu pai... Ora, filha, isso não vale à pena. Hoje em dia, penso eu, uma professora não é "professorinha", não é qualquer coisa repudiada. Não... É professora. E tem seu valor dentro da sociedade... Bem, filha, eu vou me deitar. Espero que passes bem a noite.

Dona Antônia arregalou os olhos. Como Cesar estava mudado!

Pouco tempo depois Don Cesar Marques da Silva e Tórres morreu. Ninguém desconfiou que fosse de desgosto.

ALUCINAÇÃO

(Continuação da pág. 44)

Depois voltou à mesa. Parecia estar trêmulo de emoção. Fitou-me por alguns instantes antes de pronunciar uma palavra e em seguida falou:

— Gilberto Darlen matou a tiros, esta noite, a Luís Portas...

Ao ouvir aquela notícia fiquei traspassada, atoleimada, como que aturdida, perplexa.

Não sei por quanto tempo assim estive sem falar, sem saber o que dizer, sem ter compreendido as palavras de meu pai. Ao recuperar minha presença de espírito depois do choque dessa notícia aflitiva, ainda não queria compreender o que dizia a notícia telefonica. Não! Não era possível!

Repugnava-me o crêr que tinha sido eu a causa daquele impulso de Gilberto para cometer um tão pavoroso crime! Somente agora verificava que minhas suspeitas de que o clume de Gilberto seria capaz de todas as loucuras, eram

verdadeiras e justas. Ele estava louco e não era responsável pelos seus atos. Eu, somente eu tinha culpa... Tratei de convencer-me de que ele havia matado Luís Portas porque estava louco de clumes e pelo fato de ter sido surrado pelo outro diante de mim. Mas minha consciência dizia outra coisa. Se cometera o crime de homicídio, fôra porque estava no auge do clume e este fôra eu quem provocara...

Veio o processo e eu fui arrolada como testemunha. O juri para julgar Gilberto arrastou multidões e eu me vi o centro de todas as censuras, uma jovem acusada de ter sido a causa desse monstruoso delito.

O advogado da defesa me torturou como pôde e me apontou como a única culpada.

Começou por insinuar que as relações entre Gilberto e eu haviam sido muito mais íntimas do que eu estava a admitir. Manchou-me a reputação, classificou-me como uma mulher sem escrúpulos e a verdadeira criminosa. Naturalmente tudo isso ia sendo aproveitado pelos jornais. Era caso sensacional e especialmente por ser Gilberto filho de um dos homens mais ricos da localidade.

O juri concluiu que Gilberto era um demente e foi enviado para um manicômio, enquanto eu fiquei detestada por todo mundo. Inutilmente procurei reagir, mas nada consegui. Até da escola me afastei. Professores me humilhavam, e cheguei até a receber propostas repelentes de alguns colegas. Senti-me esmagada, deixei os estudos. Mas o pior era o meu sentimento de culpa pela morte de Luís, desse jovem a quem eu verdadeiramente amara! Eu ouvia as palavras do advogado de Gilberto, constantemente. — "Moça sem coração! Mulher frívola que se sente feliz em causar a desgraça de seus namorados! Rosália, a única culpada!"

Levava eu sempre essas palavras em meus ouvidos, até que um dia fugi de minha cidade natal, esmagada pelo escândalo. E passei a ter medo, medo de minha beleza! Eram as palavras do advogado: — "Ela faz de sua beleza a perdição dos homens!". Tinha medo que outros crimes viessem a ser cometidos por causa de minha beleza! Por esse motivo mudei meu nome e tratei de ocultar minha beleza. Abandonei a maquiagem, usei óculos escuros de que não precisava para ocultar o brilho de meus olhos, trajava sem gosto para esconder minhas formas esculturais. Quatro anos se passaram e eu me julgava segura e estável em minha nova vida e no meu trabalho. Conheci ali na Companhia publicitária onde trabalhava, um fotógrafo comercial que, apesar de meus disfarces e de minha resistência, começou a cortejar-me assiduamente. Era tão distinto e amigo que não pude ser-lhe indiferente. Mas, antes de tudo, narrei-lhe toda a minha história.

Ele sorriu e me consolou. Contou-me que sabia do episódio, pois lera nos jornais, da época; mas estava longe de imaginar que tivesse sido eu a jovem da tragédia. Mostrou que todo o meu pensamento de culpa era errado, pois nenhuma participação me cabia. E começaram para mim outros dias mais felizes ao lado de Pedro Armandi. Todo

o esplendor dos meus dias antigos, a fascinação de minha beleza e juventude, voltaram, afinal. E, por fim, contraindo matrimônio. E o passado foi esquecido. Eramos felizes e essa felicidade aumentou ainda mais, quando soube que ia dar-lhe um filho; nosso contentamento chegou ao supremo encantamento.

Mas, um dia, soube que Gilberto Darian havia deixado o asilo onde estivera internado. Quando vi sua fotografia nos jornais percebi que aquele olhar era o de uma ameaça à minha felicidade. Logo depois se esclareceu que ele não fôra libertado e sim fugira, e que estava louco perigoso. Eu comecei a ter visões, a ver-me no juri acusada pelo advogado de Gilberto. Atônita, aproveitei a ausência de Fedro, que estava ocupado com uma nova modelo, e tomei um trem, indo à minha cidade natal. Ali fui recebida naquela mesma casa por minha mãe que me recebeu entre lágrimas.

— Rosália! Minha pobre filha! Que vieste fazer aqui?

— Vim esperar Gilberto. Sei que a polícia não o prenderá e ele virá até aqui para cometer outro assassinio. Não quero que mate a ninguém mais por minha culpa. Que me mate, a mim! Tenho que pagar a vida que se perdeu por minha culpa!

Meus pais instaram para que eu me fôsse. Estávamos nessa luta quando chega meu esposo, aflito, e se reúne aos meus pais, solicitando que eu o acompanhe. Porém, resisti e fiquei à espera de Gilberto.

Depois disso nada mais ouvi. Sei que se seguiu uma longa noite, e ao acordar, estava eu num quarto de hospital. Um homem falava com voz pausada e grave. Vi Fedro. Cerrei os olhos como que para descansar. E ouvi uma história inesperada. Alguém contava o passado de Gilberto. Sua mãe se havia suicidado quando ele tinha cinco anos. Seu pai com o poder do dinheiro, havia ocultado o caso. Gilberto era um nevrópata igual a ela. Era orgulhoso e mau. Abri os olhos.

— Que houve com Gilberto, Fedro?

— Nada mais deves temer, Lia. Gilberto resistiu a um policial e tiveram de vencê-lo a tiro.

A custo me tranquilizaram. Eu ia ser mãe e devia esquecer tudo, voltando-me agora exclusivamente para meu esposo e meu filho. E só assim, pude entregar a Deus o perdão de minha trágica dívida.

DEDOS QUEIMADOS

(Continuação da pág. 13)

— Mas... a senhora sabe... — quis Jennifer explicar. — Eu... eu vou casar-me amanhã, às onze horas com um médico, um capitão médico do Exército... Desta forma, não me é possível aceitar seu amável convite. Estou certa de que iria ser muito feliz com a senhora e Nancy... iria gostar muito de tudo...

— Vai casar amanhã?!... — bradou com escândalo Mrs. Giddings, olhos arregalados de espanto.

— Não fosse isso e eu teria muito prazer de aceitar o seu amável e distinto convite — continuou Jennifer

com um sorriso. — Deveria ser muito agradável, e caso a senhora não gostasse de mim era só dizer-me, pois não ficaria magoada. Caso não pudesse mais voltar a este trabalho, procuraria outro enquanto Jim... enquanto o capitão Lippincott estivesse usente — disse ela ingenuamente.

— Não me conformo. Por que então iria eu desgostar de você? — A voz daquela senhora parecia um reflexo de seu mau humor. E prosseguiu: — Ouça-me, Jennifer. Se você em que procurar outro emprego, por que motivo não aceita o que lhe ofereço?

— A senhora compreende... Estarei casada amanhã e não posso resolver nada sem consultar Jim...

— Não aceito suas desculpas — disse a velhota irritada. — O que sei que preciso de você!

— Não sei como agradecer-lhe a entileza, Mrs. Giddings — respondeu moça a sorrir. — Sei também que senhora sempre consegue obter tudo aquilo que planeia. Desta forma, vou fazer-lhe o que farei. Conversarei a este respeito com o capitão Lippincott e em seguida direi à senhora o que ele pensa a tal respeito. De outra maneira seria uma imprudência, pois não estamos em condições de enfrentar despesas extraordinárias, com viagens, etc.

— Posso asseverar que podem — resmungou a velha irredutível.

Houve ligeiro momento de silêncio. Depois Mrs. Giddings tornou:

— Promete-me voltar ao assunto?

— Sim, prometo... — respondeu Jennifer em voz alta.

(Continua)

O ÚLTIMO...

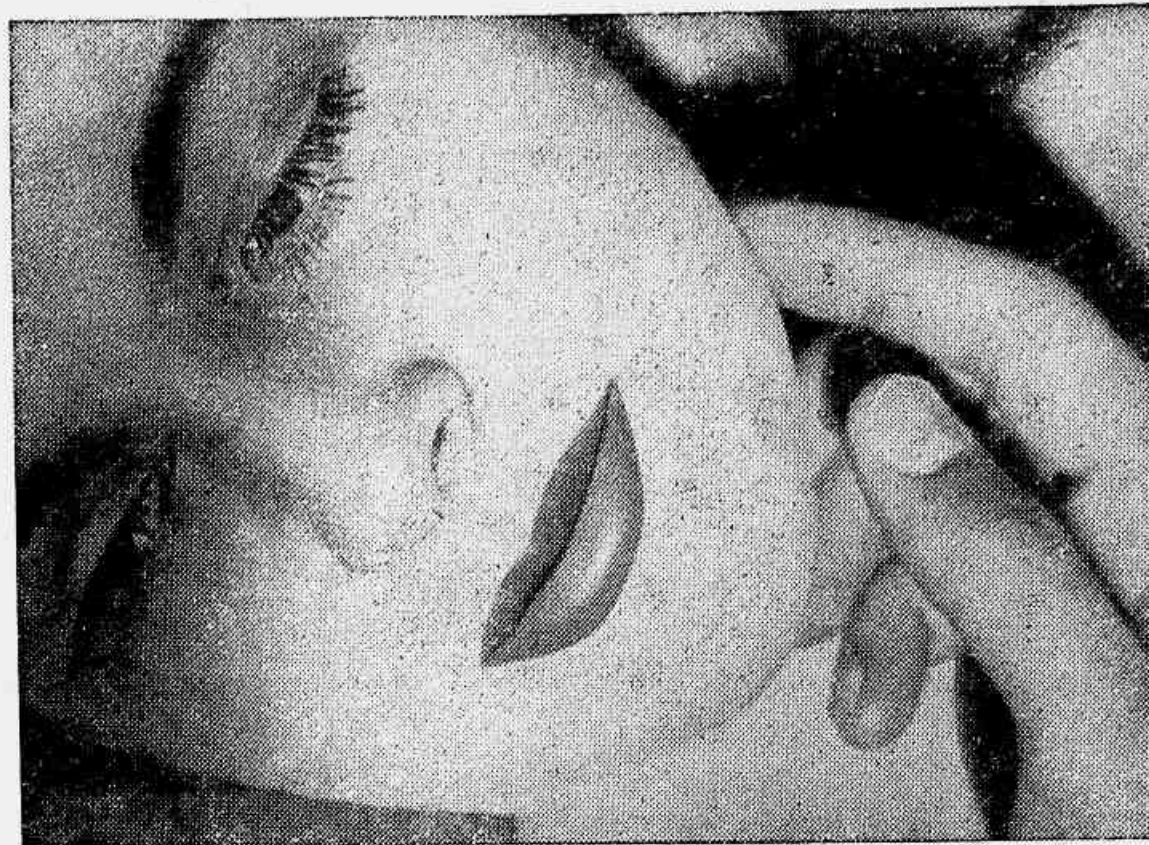
(Continuação da pág. 6)

E O TEMPO PASSA...

Sobre eles muito há que contar. Aquela que surge à direita de quem penetra no pátio interno, e que ali está como possante animal pousado sobre suas patas, é um célebre canhão. Chama-se "El Cristiano". É um troféu de guerra. Foi fundido no Paraguai com os sinos das igrejas, durante rude conflito em que nos envolvemos com aquele país irmão. O seu nome vem daí, do fato de ter sido fabricado com o metal dos sinos das igrejas. Traz a data de 1867, gravada em seu corpo. É um troféu que aqui veio ter depois de retirado do fundo das águas, onde os nossos então adversários o haviam atirado. E aquela peça leve, aparentemente menos perigosa, é também troféu, mais recente. Trouxeram-na da Itália nossos pracinhas, que ali combateram por um mundo melhor. Traz uma data: 1942. Certamente tem a sua história, que não é curta, mas cruenta. Com ela, brasileiros abriram brechas nas fileiras inimigas e conquistaram as vitórias nas duras lutas de Monte Castelo, Montese e tantas outras.

Idêntica história vos contaria aquela velha peça, hoje evidentemente superada, e que serviu na guerra de 14. A ferrugem ataca suas partes externas e sobre ela passa o tempo.

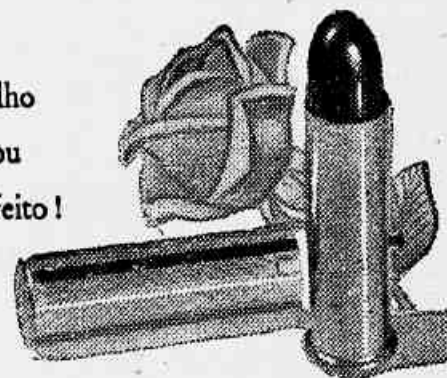
Há entre essas bocas de fogo, uma que foi tomada pelos brasileiros durante a invasão francesa. Uma data — 1710 — e o



Lábios sedutores e provocantes...

com o novo Van Ess — o baton criado especialmente para a mulher brasileira...

VAN ESS em seu novo estojo de gala, é o baton que dá aos lábios um brilho suave e fascinante... Van Ess "Rose" — ou em outras tonalidades — é um baton perfeito! Accentue a beleza de seus lábios com o novo baton Van Ess.



Adquira hoje o seu VAN ESS em novo estojo de gala!

A belera ao seu alcance

LEITE Belvitan

É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PONTOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A COTIS SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA.

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

— Rua Souza Dantas, 23 - RIO. —

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME Nº
RUA ESTADO
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35 00

Publicidade para a REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar

— Sala 217 — Fone: 6-6718

PELAS estradas do CÉU

ANDRÉ MAX

A história da aviação desde muito passou da fase da contemplação simplesmente patriótica e narcisista, para a da velocidade.

Hoje todas as fábricas e todos os governos em cujos ombros pesam as responsabilidades da defesa e do ataque, se empenham num sentido: rapidez e segurança dos aparelhos utilizados.

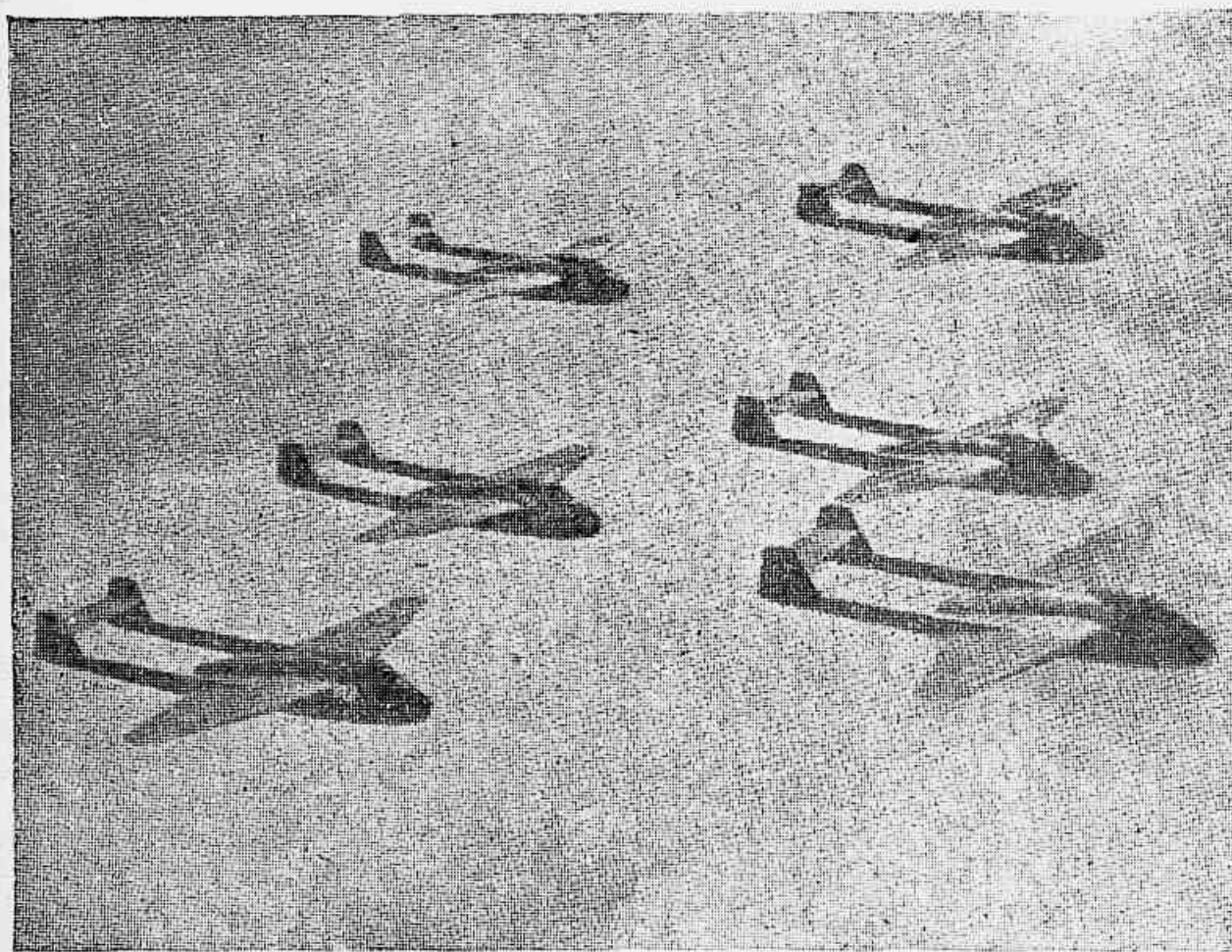
Um dos feitos mais sensacionais destes últimos tempos em matéria de aviação foi conquistado pelo bombardeiro B-50, da Força Aérea dos Estados Unidos, que voltou à sua base de Carswell, em Fort Worth, Texas, após a primeira viagem de circunavegação sem escalas, coisa já realizada.

A viagem que cobriu o percurso de 39 468 quilômetros foi realizada em 34 horas e um minuto, ou seja com a diferença para menos de dois minutos antes do prazo previamente calculado para a chegada do aparelho.

Esse avião que recebeu o nome de "Lucky Lady II", levava uma tripulação de catorze homens e foi reabastecido em pleno voo por uma fortaleza voadora B-29 convertida em depósito de combustível.

O processo de abastecimento se operou em 4 bases no alem-mar: nos Açores, em Dharan, na Saudi Arabia, Filipinas e no Havai. Essa proeza sensacional abre novos e imensos horizontes para o futuro da aviação.

Alem da rapidez e segurança em voo, outro problema para o qual todas as companhias lançam suas vistas é o da manutenção ininterrupta. Os aviões não poderão cumprir seus horários se houver falhas nos pontos de manutenção. Uma das mais sérias ameaças à continuidade da manutenção é o fogo.



Formação de caças "Vampire" da R.A.F. e que foram os primeiros aparelhos a jato a atravessar o Atlântico

Torna-se, pois, essencial o mais adequado sistema de proteção contra as chamas nos aeroportos, para que se evitem os trágicos acidentes produzidos pelo fogo. Um exemplo notável de proteção contra incêndios é o sistema automático de extintores carregados com bloxido de carbono e que é empregado nos depósitos de tintas e líquidos inflamáveis do Departamento de Manutenção da American Lines, no Aeroporto Municipal de Tulsa, Oklahoma. O sistema de extintores automáticos ali instalado é destinado a proteger o material dos armazens sem danificar os equipamentos.

O bloxido de carbono líquido, que é irrigado automaticamente, quando se dá algum aumento sensível de temperatura, transforma-se em gás, ao entrar em contacto com o ar e se espalha na atmosfera ambiente, extinguindo prontamente o fogo pela absorção do oxigênio necessário à combustão.

Os recentes progressos feitos nas hélices dos motores de explosão aumentou consideravelmente o valor destes, em vista da impraticabilidade do uso de motores a jato em certos tipos de avião. A fabricação de um novo tipo de pá de hélice mais delgada e mais larga permite operações mais eficientes a grandes velocidades do ar, sem que se verifiquem as perdas que acompanham a compressibilidade. Assim sendo, os novos tipos de hélices operam eficientemente a 800 kms por hora e, ao que se espera, novos aperfeiçoamentos permitirão aumentar a eficiência mesmo a 900 kms por hora.

Apesar de ter sido esta uma grande realização, não foi contudo apreciada como tal.

título de um rei estão gravadas em seu dorso.

Há um belo canhão de bronze, tomado aos holandeses durante a invasão de Pernambuco. E existem os que ostentam belos braços. Cada um tem sua origem, tem sua história e ali tem o seu fim. Entre eles, um foi fabricado no Brasil, em 1875, no Arsenal de Guerra do Império do Brasil.

E assim são eles. Cada um tem sua história a contar, traz uma inscrição, um braço, uma data, o local de sua fabricação, a marca da cidade, de um Império ou de um rei.

ONDE QUER QUE SE TENHA ESCRITO UMA PAGINA DA HISTÓRIA

Estão não apenas no Museu Histórico, mas em fortalezas, em fortes, em velhos e destruídos fortins, espalhados por Pernambuco, Bahia, Maranhão, Piauí, Alagoas, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, no norte e no sul, no litoral e nos sertões, em toda parte onde uma página de História foi escrita, há uma boca de fogo, atestando o episódio.

O que há ali na praça Marechal Ancora é apenas uma amostra, uma pequena amostra de quantas toneladas de aço ainda emprega o homem na indústria de instrumentos bélicos. Faz pensar no trabalho de milhões e milhões de homens que, em todas as partes do mundo, extraem o minério da terra, dos outros milhões que conduzem esse minério, dos que o transformam em lâminas, em lingotes, em pesados blocos e, depois, em milhares e milhares de peças, de toneladas e calibres variáveis, para que, com essas mesmas peças, outros homens atirem em outros homens, que depois ainda são enterrados por outros e que depois são por outros lamentados. Não. Não é um quadro exagerado, se bem que tétrico, mas é o que diz a imaginação do homem parado em frente àqueles troféus, imaginação que se desmanda ante a realidade ali presente: aqueles minérios, aqueles lingotes de ferro fundido, aquelas barras, aqueles blocos, o suor, o sangue e as lágrimas transformadas, afinal, em ferro velho, sob o sol, sob a chuva, à espera que sobre ele o tempo passe. É verdade que têm uma história, história de heroísmo e de glórias, de abnegação e amor à pátria, mas também de egoísmo,

de lucros e de miséria de seus fabricantes, dos homens que ganham com as guerras.

Não. Talvez seja melhor não interrogar aquelas bocas de fogo. Deixai-as dormir em paz.

VIDA LITERÁRIA

(Continuação da pág. 14)

OS ESCRITORES BRASILEIROS E O TEATRO

No auditório do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o sr. professor Thiers Martins Moreira, catedrático de Literatura Portuguesa da Universidade do Brasil e Diretor do Serviço Nacional de Teatro, pronunciou uma conferência subordinada ao tema "Posição dos escritores brasileiros em face do Teatro".

Houve debates sobre o assunto que, sem dúvida, constitui motivo para interessantes discussões, principalmente se levamos em conta que, até hoje, não conseguimos ir muito além dos amplos caminhos abertos, há um século e pouco, por Martins Pena, pois, de todos os gêneros literários e de todos os ramos da Arte, o Teatro pouco tem merecido dos nossos escritores, com raríssimas exceções.

DE TODA PARTE

Ainda este ano, deverão estar circulando as obras completas de Joaquim Nabuco, em edição comemorativa do centenário do autor de "Minha Formação". Completando esse trabalho, haverá uma biografia do nosso ex-Embaixador nos Estados Unidos, escrita pelo sr. Celso Vieira e que servirá de introdução à matéria.

Figurinos e Revistas

Preços especiais para revendedores. Vendas pelo Reembolso Postal. Peçam listas de preços a ORLANDO PEDROSA

Caixa Postal, 6397

SÃO PAULO

BILHETES DO MEIO DO MUNDO

(Continuação da pág. 51)

café e este parece ser ainda um dos bons negócios, pois há muitos novos e alguns mesmo em reforma, com belas máquinas feitas em Milão, com linhas modernas e agradáveis. Comecei a conversar com o dono do estabelecimento, o qual, pela minha pronúncia, logo viu que não era do país.

Contei-lhe o preço da xícara no Brasil e o custo atual do pó de café. Disse-me que o negócio ia bem e que a sorveteria ao lado também dava excelentes resultados. Contei-lhe que no Brasil também tomamos muito sorvete, mas que não há abundância de cassatas, spumoni, panas e essa variedade de sorvetes alimentícios como há por aqui. No Brasil dedicam-se mais aos sucos de frutas e creme com chocolate, ao passo que na Itália a variedade é bem maior e o negócio é levado mesmo tão a sério como uma confeitaria, o que não se dá entre nós.

Convidou-me para provar uma das suas deliciosas especialidades, quando já havia ingressado na nossa palestra um viajante simpático e vivo, representante de uma casa de Roma.

Ali ficamos até a hora de fechar o estabelecimento. Conversamos sobre negócios, Nápoles, guerra, invasões, propriedades e até sobre política.

O partido comunista — disse — já é carta fora do baralho na Itália. No princípio, quando havia muitas dificuldades e o povo sofria muito, puderam aliciar votos e fizeram algum sucesso; mas logo que a oposição acordou e o catolicismo enfrentou o comunismo de cara a cara a situação mudou. Imagine que numa cidade aqui perto o prefeito era comunista e o sub-prefeito também (e disse-me, até, o nome da cidade). Nas últimas eleições só houve um voto comunista em toda a cidade. Quer dizer que apenas o prefeito, ou o sub-prefeito, votou na chapa vermelha.

Eu era do partido fascista — disse-me — como muitos, por pura conveniência. Quando tinha negócios a fazer com o governo, perguntavam-me se estava inscrito. Se dissesse que não, o pedido ia para outro e eu ganharia uma negativa. Muitos comunistas italianos julgavam que o partido iria melhorar a vida, mas quando viram que não, tomaram outro caminho. Alguns negociantes residindo em cidades grandes, mas com famílias em cidades pequenas, se inscreveram na sua cidadezinha no partido fascista só para proteger os seus das opressões dos comunistas e entraram para o partido como medida de prevenção.

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"
está para todos os cantos do Brasil, pelo
REEMBOLSO POSTAL. CALÇADOS GA-
RANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGAN-
TES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR
PREÇOS INFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA
A prova de grande durabili-
dade. Solado chispa de fogo,
borracha
leve malea-
bilíssima.
Vaqueta
marron e
havana
De ns. 33 a
38 - Preço:
Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiriço,
fivela niquelada. Elegante Anabela de bor-
racha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta.
Vaquilhona, havana
e marron, solado de
borracha. De ns. 36
a 44. Preço de aba-
far: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável
vira fran-
cesa. Todo
feito à
mão, extra
leve, fôrma
anatômica,
salto de
borracha.

Preto e marron. De
ns. 36 a 44. Preço:
Cr\$ 165,00



Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegan-
tes. Inteiriço de sola de
borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44.
Preço: Cr\$ 120,00

Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as
horas. Um calçado que to-
dos que-
rem. In-
teiriço e
fortissi-
mo. De ns. 36 a
44. Preço:
Cr\$ 100,00



E VAREJO
ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na
ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"
ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte

OS ITALIANOS ENSINAM...

(Continuação da pág. 17)

A técnica de "Paisá" não é estritamente original. Julian Davivier empregou coisa semelhante em "Carnet de Baille". Mas Roberto Rossellini tornou-a efetiva em "Paisá". Enquanto "Carnet de Baille", para muitos, pareceu ligeiramente confuso pela falta de continuidade das sequências apresentadas, os episódios de "Paisá" têm sequência e integridade de sentido que, num crescendo, conduzem ao "climax". A "camera" — em última análise, é a heroína do filme. Da mesma maneira que revela o olho arguto do observador imparcial que tudo viu, desde as praias da Sicília até os pântanos do rio Pô, focaliza, através dos duros anos de horror, a confusão, a tragédia e também a camaradagem entre os homens enaltecendo a sua nobilitante coragem.

Mas não se iludam quanto à responsabilidade criadora de Roberto Rossellini nesse trabalho. Os quadros verdadeiros da guerra que colocou em seu filme foram apenas o fundo pictórico, subsidiário para o drama pessoal. Este, sim, é que dá ao trabalho de Rossellini toda emoção e sentido. O filme nos conta, no primeiro capítulo, a história de um GI. em patrulha, comunicando-se por meio dos códigos de sinalização e mímica com uma jovem siciliana. Terminam por se amarem, antes de serem mortos por soldados nazistas. O sargento da patrulha prende a moça por haver causado a morte do GI. No segundo episódio relata-nos a história de um negro M.P. e um garoto napolitano. Esplêndidas sequências de marcante comicidade se desenrolam, quando o negro descobre que o garoto que roubou seus sapatos é um órfão de guerra, que mora nas ruínas de uma casa arrasada pelas bombas.

O que Rossellini faz triunfalmente em "Paisá" é deixar que a guerra fale por si mesma. Nunca procurou traçar os episódios ou as situações sentimentais com diálogos eufóricos. Mesmo na sequência do soldado americano e a linda jovem napolitana que se tornou perdida em Roma, há uma severa clareza de expressão e de exposição também. A cena, principal, o "climax" de todo o drama é o relato do trucidamento de agentes da polícia inglesa, oficiais da OSS americanos e camponeses italianos, feito pelos nazistas nos vales do rio Pô.

Os poucos artistas verdadeiros incluídos em "Paisá" são realmente bons, particularmente Dots M. Johnson, no papel de negro M. P., Ronert Van Loon, representando o soldado Joe, de New Jersey, e Dale Edmonds, o soldado O.S.S.

O que realmente merece ser destacado em "Paisá" é o trabalho magnífico dos artistas não profissionais que Rossellini atraiu para uma produção tão fora do comum.

Em "Paisá" muitos dos diálogos foram feitos por verdadeiros soldados americanos, com abundância de acentuação regional, o que não deixa de causar certa impressão. Até o italiano se torna inteligível, mesmo para os que não conhecem bem a língua.

"Paisá" é um filme particularmente comunicativo e de certo modo selvagem. Roberto Rossellini produziu um semi-documentário cheio de magnificência e esplendor.

Bilhetes

DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

E STAVAMOS comendo um talharim ao suco num restauantezinho simples, muito limpo. Na mesa uma meia "botelha" de Vesúvio Branco, perfumado e capitoso. Comentávamos a pouca frequência dos restaurantes. Em todas as cidades que visitamos, durante qualquer refeição em restaurantes de várias categorias, nunca encontramos um sequer que estivesse meio ocupado. Dá pena à gente entrar numa casa bem instalada, bem iluminada, com bons empregados, boa comida e encontrá-la com pouca freguesia. Ficamos bastante tristes, pois na realidade seria preferível encontrar as mesas tomadas e mesmo termos que aguardar um pouco para encontrar uma vaga. Isso somente nos aconteceu na Inglaterra e na Irlanda e duas vezes em Paris. Nos outros países da Europa encontra-se lugar à vontade e pode-se escolher perto da janela, longe, no centro ou perto da porta para sair logo... A porta abriu-se e, como por encanto, entram dois velhinhos bem idosos, cabelos brancos, com os ombros bem curvados pelos 75 ou 80 anos de vida árdua. Parece que eram conhecidos da casa. Sem cerimônia, tiraram das caixas antigas e bastante usadas uma guitarra e um bandolim. Velhos instrumentos que, sem dúvida, viram bem melhores dias.

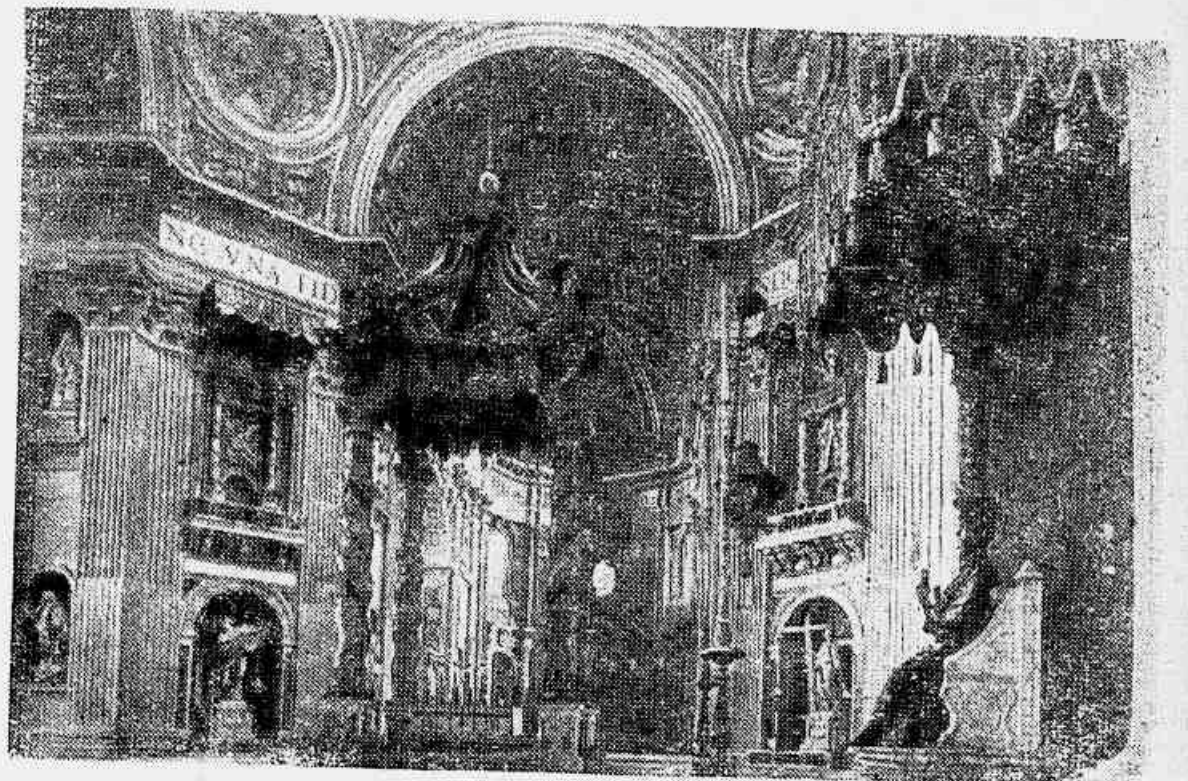
Roupa bem usada, bastante modestas, olharam para os poucos comensais da sala, mas não desanimaram. O mais velho dos dois velhinhos sentou-se, tirou um lenço amarelado com a poeira da cidade, passou pelo instrumento, dedilhou umas cordas, passou a guitarra ao outro que permanecia de pé.

"Calculamos" que o acompanhante já era meio surdo e não podia mais afinar o instrumento.

O ancião do bandolim acertou as cordas, afinou um bocado aqui e ali, devolvendo depois a guitarra ao seu companheiro.

Procederam com o mesmo cuidado de orquestras no Scala ou no São Carlos talvez. Tiraram umas notas iniciais e eis que os dois instrumentos emitem os acordes de "Maria". E foram música a dentro com aquela melodia agradável, carinhosa, bem apropriada ao lugar. Seguiram com o "Solé mio", "Chi-ri Biri Bi"... Tiravam daqueles dois instrumentos uma música agradável, boa para a alma, para o espírito destes pedaços de barro vagueando por estas plagas. O velhinho do bandolim já havia me comunicado o espírito da sua música. Olhou-me com os olhinhos vivos, lá de dentro da cabeça com cabelos brancos pelos anos que já se foram... Já nos estávamos compreendendo. E quase não foi necessário chamá-lo para pedir que tocasse a Serenata de Toselli! E a música maviosa saiu dos instrumentos e vagueou por ali — por Nápoles — pela Itália das canções e músicas ligeiras.

Ficamos meia hora embevecidos com a dupla de pobres músicos, com suas vestes



A Basílica de S. Pedro em Roma

maltrapilhas, o sobretudo modesto, mescla de algodão e de lã. Aquelas duas boas almas a nos dar por tão pouco tudo o que tinham.

Ainda ali ficaram quando nos fomos, um deles com toda a rapidez que os anos lhe permitiam ainda nos foi abrir a porta, fazer-nos uma reverência profunda. Cá por dentro quem mais reverenciava éramos nós.

Estávamos esperando o trem elétrico na estação de Villa Pompei Del Misteri. Tínhamos ainda meia hora e estávamos conversando com um velho guia de Pompéia que também na estação aguardava um grupo de turistas para mostrar-lhe as maravilhas.

Um menino de uns 14 anos, bem limpinho, roupas remendadas, sapatos furados, meias brancas muito serzidas, estava em pé ao nosso lado olhando-nos e escutando a nossa conversa, procurando compreender o português e o inglês que estávamos empregando. O guia perguntou-lhe o nome, de onde era e ficaram os dois falando por algum tempo.

Depois veio nos contar que o menino não tinha nem pai nem mãe.

Há dois dias que não comia; que costumava dormir ora numa casa abandonada, ora sob umas ruínas na vizinhança.

A gente às vezes fica descrente da humanidade. Podia ser que aquilo fosse uma encenação para tocar o bolso e a alma do viajante, mas, como pouco nos custaria a experiência, demos-lhe quinze liras para comprar um pão com manteiga. E poucos minutos depois voltava com uma boa parte do pão já devorada e, ali, à nossa frente, comeu o pão todo com uma alegria que de modo algum poderia deixar de ser sincera, pois até as cores lhe vieram ao rosto. Sentia-se que pelo menos a vontade de comer era verdadeira. Acanhado, nos agradeceu, e quando veio o trem passamos às suas mãos algumas notazinhas para mais alguns dias de pão.

Preferíamos deixar esta historiazinha assim, mas, como o leitor deve ter observado, nestes bilhetes às vezes costumamos entrar em detalhes. O menino nos beijou as mãos, e ali ficou olhando o trem que caminhava para Nápoles, levando dois passageiros indecisos a olhar um para o outro, sem dizer palavra, com um nó na garganta.

A noite fui tomar café bem no centro da cidade. Na Itália há boas casas de

(Continua na pág. 51)

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

TRATE CIENTIFICAMENTE OS
SEUS CABELOS!

Por que V. S.
deve usar o
OLEO
MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMÁCIAS,
DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal
Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros
Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à
Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

PERFUMES EXÓTICA



Para qualquer parte do Brasil ser-lhe-á remetido, pelo Correio, este lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes

PELO REEMBOLSO POSTAL
Não remetemos por via aérea

Cr\$ 55,00

Sem qualquer outra despesa
Faça seu pedido à

Perfumaria Exótica

RUA CAMPOS DA PAZ, 165 — RIO
Enviamos catálogos a quem solicitar

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr\$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

CARLOS LACERDA...

(Continuação da pág. 38)

tumultuadamente, eu procurava fixar — a de alguém que só serve a um amo — a Verdade. O erro, o pecado, continuavam no meu ser — mas havia agora, sempre, a possibilidade de expulsá-lo, de lutar contra ele bravamente, uma luta áspera cotidiana, na qual frequentemente a gente sai vencido, mas que não comporta desânimos nem desergões. Essa — compreendi então — era a luta pela qual valia a pena dar a vida. Quando fui agredido à porta da Mayrink Veiga, por cinco sujeitos mandados por alguém que o general Mendes de Moraes diz que não foi ele, proclamei no rádio que "a vida é apenas um detalhe".

E era. E é. O importante é que, vivo ou morto, o homem seja sempre uma semente de exemplos, de ideais. E plotando ou renunciando, vencendo e também perdendo, ele seja sempre ao menos, uma pálida imagem de Cristo, que não existiu apenas para ser adorado, mas sobretudo para ser tomado como exemplo.

Fica aí uma página de Carlos Lacerda. Uma página diferente das que ele tem escrito até aqui.

Mas como ele mesmo declara, deu-se a conversão e ele caiu na armadilha de Deus.

VOLTANDO AO COMEÇO

E aqui voltamos ao começo. Voltamos ao caso do jornal em perspectiva, cuja fundação se deve, por assim dizer, ao caso do petróleo. Foi esse caso que afastou Carlos Lacerda do "Correio da Manhã", em cujas colunas vinha focalizando a questão das refinarias, caso levantado na Câmara pelo deputado Hermes Lima e que teve ampla repercussão na imprensa e na opinião pública de todo o país. Não vamos entrar em detalhes. Basta saber que aquele jornalista não teve liberdade para prosseguir. Pelo contrário, do caso resultou o seu afastamento.

Também resultou o movimento no sentido do lançamento de um novo órgão na imprensa carioca. — "O jornal — diz Carlos Lacerda — só terá um amigo: o bem comum. Não terá "manchettes", mas terá notícias verdadeiras. Não venderá, nem alugará, nem sublocará as suas opiniões. Para mim, um bom jornal não é o que aparenta mais virtude, mas o que realmente a possui; não é o que tem mais tradição, mas o que defende o que há de melhor na tradição comum a todos; não é o mais antigo nem o mais novo, o mais conservador nem o mais radical: um bom jornal é aquele que diz a verdade a conservadores e radicais, e serve a ambos ainda quando os combatem. Não será um jornal de escândalo, a não ser desse escândalo que é a verdade... Temos para ele muito boa gente. O seu redator será Prudente de Moraes Neto. Terá um Conselho Consultivo para bem marcar o seu caráter de instituição pública. Estão conosco homens de vários partidos e de todas as procedências. Temos acionistas que são operários, generais do exército, industriais, industriários, e até... jornalistas. Não aceitaremos matéria paga senão com a indicação de que se trata de anúncio, para não confundir o leitor. E, assim, uma série de princípios serão firmados, para dar ao nosso jornal o caráter de que desejamos imprimir à vida pública brasileira: a paixão pela verdade, o amor à terra e à gente do Brasil, o horror à mistificação e ao personalismo."

Trata-se, como se vê, de uma profissão de fé, ao mesmo tempo jornalística e política. Seu autor tem dupla responsabilidade, como profissional e como político.

Cumpirá ele a promessa? Isso já é outra história. Além disso, não somos pitonisa.

UMA ESCOLA DE ELEGÂNCIA

(Continuação da pág. 58)

O curso é severíssimo e exige redobrado trabalho intelectual e de observação, capacidade inventiva, talento artístico e vocação.

Cada vestuário é o resultado de meses e até de anos de acurado estudo de modas através da História da Indumentária, seus métodos de produção, isto é, a forma de cortar, de experimentar e, por fim, de vestir. Uma das provas nos exames é a de apresentação de desenhos originais do educando. Isso tem a grande vantagem de desenvolver a capacidade inventiva, provar, na realidade, seu talento artístico, sua vocação para a arte de bem vestir.

Como não podia deixar de ser, há também jornais da Escola, nos quais os estudantes escrevem sobre modas, chapéus, etc. Ai todos eles se exercitam na arte e ciência de escrever, de criticar, de discutir assuntos de arte através da literatura.

Uma das mais interessantes particularidades do curso dessa Academia de Modas para a mulher é o curso prático que os estudantes fazem, visitando os museus uma vez por semana. Vão eles, de sete em sete dias, ao "Victoria and Albert Museum", pesquisando atentamente, tomando notas em seus livros, desenhando os modelos de séculos passados, como fontes de inspiração e cultura para seus mistérios estudantis e da vida prática nos dias futuros. Quando chega, todas as semanas, esse dia de visitas aos museus toda a estudantada se enche de alegria, porque sempre esperam colher daqueles antigos modelos um traço de "new look", com a ajuda dos velhos trajes de nossos bisavós...

Eis a razão por que, de quando em quando, vemos ressurgir nos modernos tempos do atomismo, do radar, da televisão, modas femininas que recordam as épocas dos bondinhos a burro, os tilburis, os bigodes dos homens e os bendengós das mulheres...

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

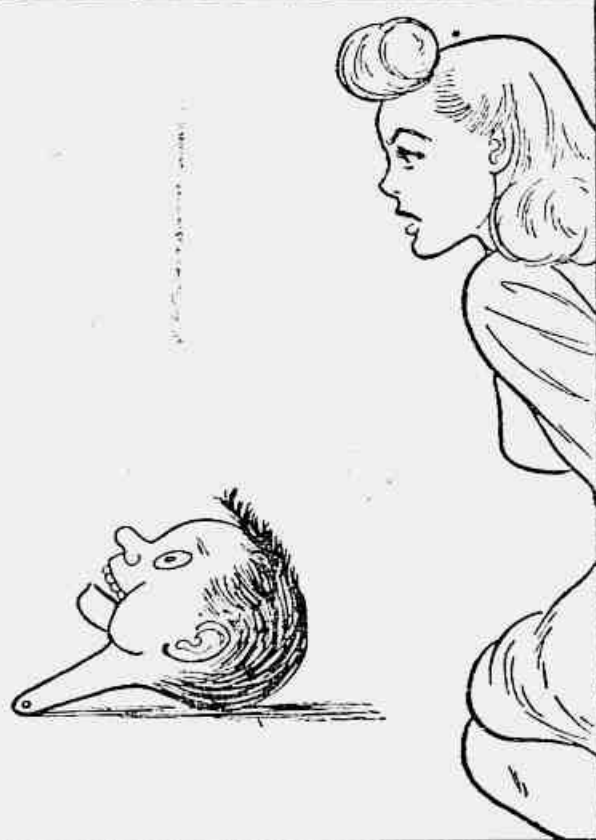
Tônico poderoso

Nº 11

A MULHER SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM



SCARLET NÃO TINHA NENHUMA DÚVIDA DE QUE ELE ESTAVA PRONTO A CONFESSAR.



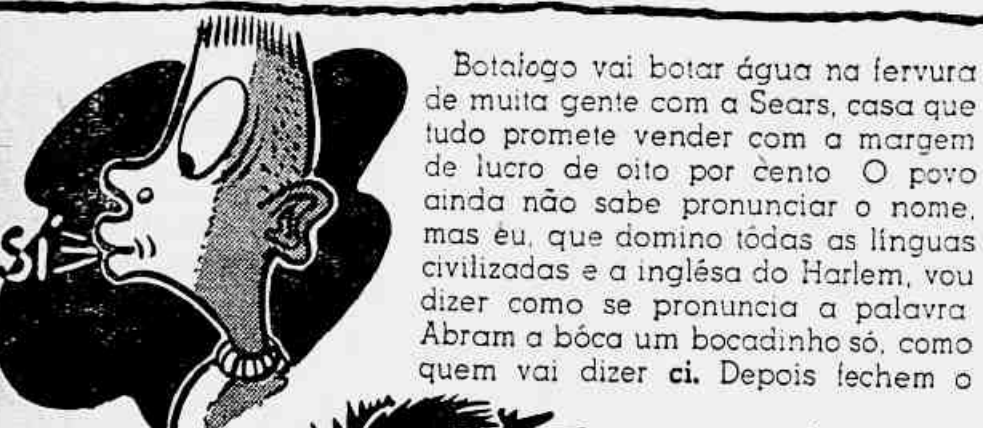
MUNDO MANGA E MULA MURCHA



PRÉVIA DE AGITA-
ÇÕES ATONITAS.
ARTE, MANHA,
DIVERSÕES.
★
BONECOS DE
RAFAEL
DIREÇÃO DO CON-
DE DE SALAMA-
LEQUES.

ARTIGO SEMANA: SER OU NÃO SEARS

C. SALAMALEQUES



lado esquerdo, dizendo deem-lhe um para cima e quem dança. Essa palavra, parte do fecho de uma espingarda, cauterizar, tostar. Mas como a Sears de Botafogo vem acompanhada de outra chamada Roebuck, que significa cabrito selvagem, veado, e em latim de Linneu capreolus capreolus, a coisa se complica bastante e é preciso ter-se cuidado com a situação.

Eu fui convidado pela Direto-
ria para fazer parte da mesma; porém, ressaltando as tradições da rigorosa família dos Salamaleques, pedi vistas de todo o processo da instalação e estudei todos os papéis até ficar safofo de tanto trabalho.

Depois de meditar oito dias e sete noites, porque a última era de luar, eu devolvi os papéis com esta sentença digna de Salomão, o sábio — Indefinido.

Vendo que ninguém ligava muita importância às minhas palavras de repercussão supersônica, fui até lá e discursi solenemente diante dos diretores da casa. Meu ponto de vista foi



multo aplaudido. Mostrei-lhes que não me interessava uma sociedade para ganhar apenas oito por cento. Esse ramo aqui tem que dar uns trezentos por cento, isso no barato. Oito por cento é lucro ordinário, e aqui só serve o extraordinário dos comerciantes de bom coração, dos pobres de espírito que desejam o reino dos céus. Comigo é no duro, ou oitocentos ou oito mil. É verdade que estou precisando de ganhar uns cobres, e fiz uma contra-proposta: entro com os meus capitais que vou ver se arranjo a prestação, mas teremos que organizar uma escrita por fora, um arranjo hábil, um golpe que fique exclusivamente entre nós...

Conde de Salamaleques

ESPAÇO DEIXADO EXCLUSIVAMENTE PARA UMA GRANDE IDEIA

MODAS PARA SENHORAS FINAS

Segundo os nossos «tailleurs» vindos diretamente de Paris e arredores, os modelos que mais assentam em senhoras finas são os que levam pouca fazenda. Assim, aconselhamos saias de meio metro, casacos de 80 centímetros, blusas de 30. Se esses retalhos de fazenda não derem, é porque as senhoras não são finas, absolutamente, e não nos responsabilizamos pelo que der e vier.



NOVO SISTEMA DE VENDAS

Salamaleques, Buteco & Cia. comunicam à praça e ao distinto público que, particularmente falando como quem diz um segredo, acabam de organizar uma sociedade em comandita complicada, tendo por princípio a venda em prestações sem fiador, sem garantia, sem letras, sem qualquer exigência.

Até agora foram lançados à praça pública vários sistemas reconhecidamente insuficientes: «Creditários», «Facilitários», «Reembolsários», «Sorvelários», «Otários», etc. O nosso sistema é o mais moderno. O cliente nos dá uma pequena importância em dinheiro ou em mercadoria: galinha, ovos, farinha de trigo



Joãozinho (Niterói) — O amigo não deve tomar assim ao pé da letra os problemas de nossa língua. Nem sempre o elemento ex significa o prefixo também escrito assim: ex. Quer ver? Olhe lá de Niterói estes exemplos: «Exposição» não quer dizer que

CONSULTÓRIO DE GRACA PARA POBRES DE ESPÍRITO

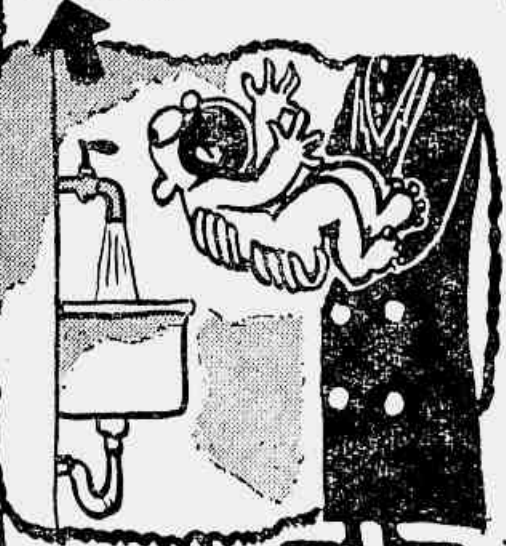
DIREÇÃO DO Bº DO BUTECO

uma pessoa perdeu sua posição anterior: «Extinto» não significa que um cidadão que estava sujo de tinta lavou a cara e ficou limpo; «Expedição» jamais foi uma pedição malograda; «Extensão» não é um estado de tensão que ficou em paz; «Extorção» nunca significou um tórno quebrado; e, para finalizar, «extática» jamais quis dizer que a tática tivesse fracassado.

Maria — A frase «nem só de pão vive o homem» é bíblica, e significa que também vive de esperanças.



Batizado — Pelos seus pais João Silveiro Lamas e dona Robinsona Pará, foi levada à pia batismal a pequenina Diva. Parabéns ao distinto casal Pará-Lamas.



Concurso — Nosso prezado contrade Joaquim Salmao, dono da Peixaria «Boi Gordo», acaba de ganhar um concurso de finalidade comercial, pela maioria de 500 mil votos. Ganhou a parada, mas perdeu o negócio, pois empregou todo o seu dinheiro na compra de cupões, quebrando desastrosamente

roupa usada, tudo o que represente um valor, mesmo que seja de dez centavos. Em troca lhe entregamos uma ficha para o nosso sistema CALOTARIO, onde há de tudo para todos. Vai ser um chafariz.



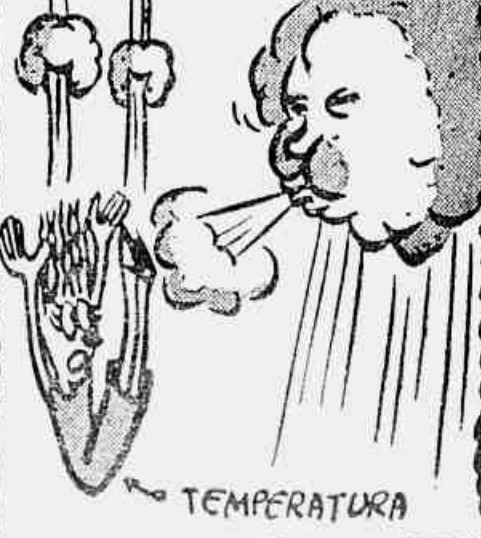
Queda — Diante dos ventos do sul com chuvas finas e insuportáveis, caiu muito a temperatura.



Noivos — Tendo adquirido um emprego que lhe dá para suportar a vida de casado pelo menos durante uns três meses, pediu a mão da senhorita Zulmira Avá o distinto amigo Zeferino Calhado. Parabéns ao futuro par Avá-Calhado.



Concurso — Nosso prezado contrade Joaquim Salmao, dono da Peixaria «Boi Gordo», acaba de ganhar um concurso de finalidade comercial, pela maioria de 500 mil votos. Ganhou a parada, mas perdeu o negócio, pois empregou todo o seu dinheiro na compra de cupões, quebrando desastrosamente



Queda — Diante dos ventos do sul com chuvas finas e insuportáveis, caiu muito a temperatura.



Não pensem que Peter Norris está declarando amor à colega Joan Dare, no seu belíssimo vestido de tafetá e veludo

FATH, Lelong, Dior... são nomes conhecidos através do mundo inteiro, como os ditadores da moda que sabem e podem decidir o que as mulheres devem usar nas diversas estações do ano.

São eles os monopolizadores da elegância, da beleza, da espiritualidade dos modelos que o mundo feminino tem de exibir em salões de recepções, em tardes esportivas, dentro de casa ou fora dela. Eles dominam a moda nos dias de hoje.

Mas todos os homens são mortais. Além disso, uma enfermidade, uma mudança circunstancial de profissão,

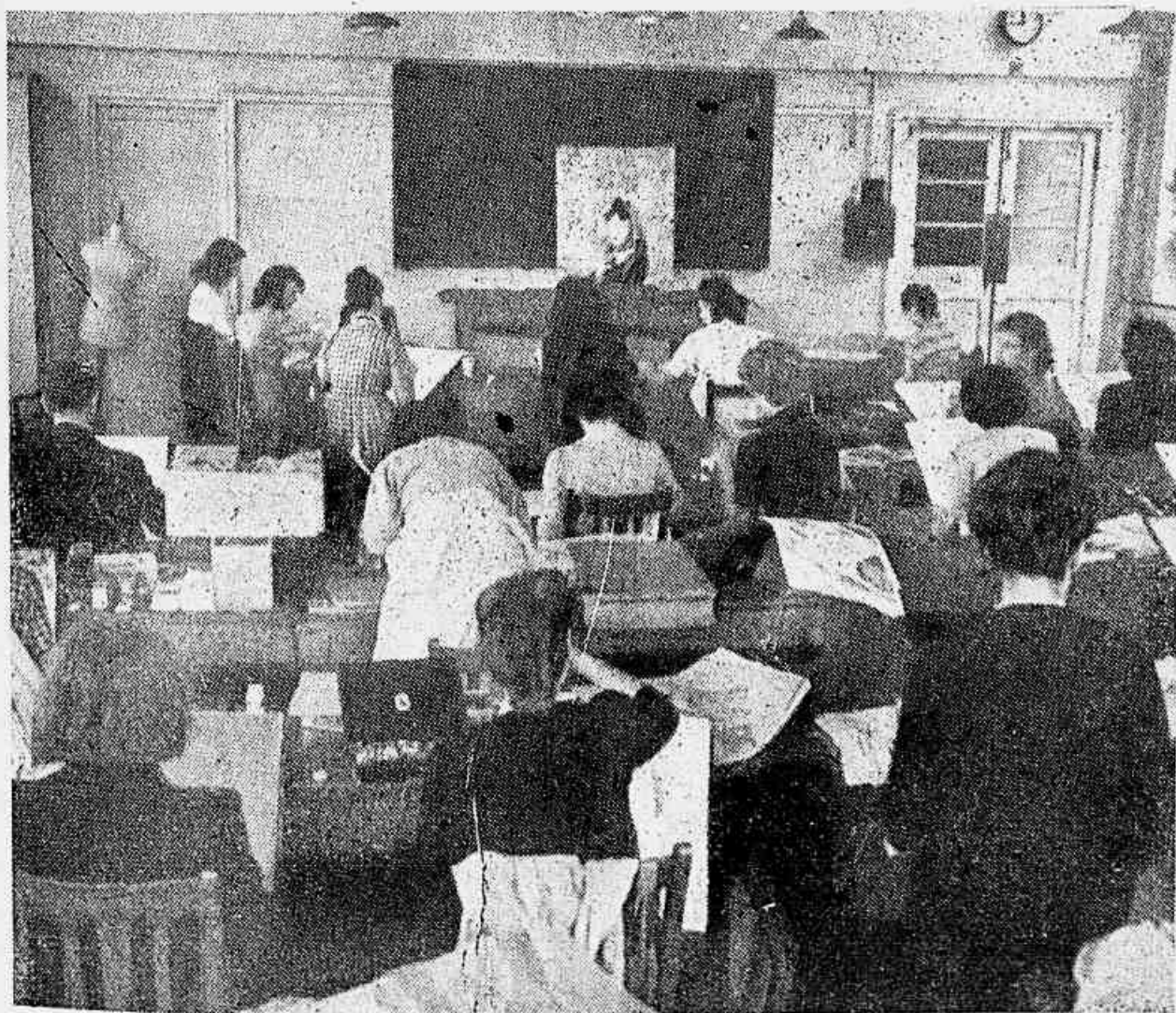
UMA ESCOLA DE ELEGÂNCIA FEMININA

De HAROLD GREEN ★ Fotos KEYSTONE

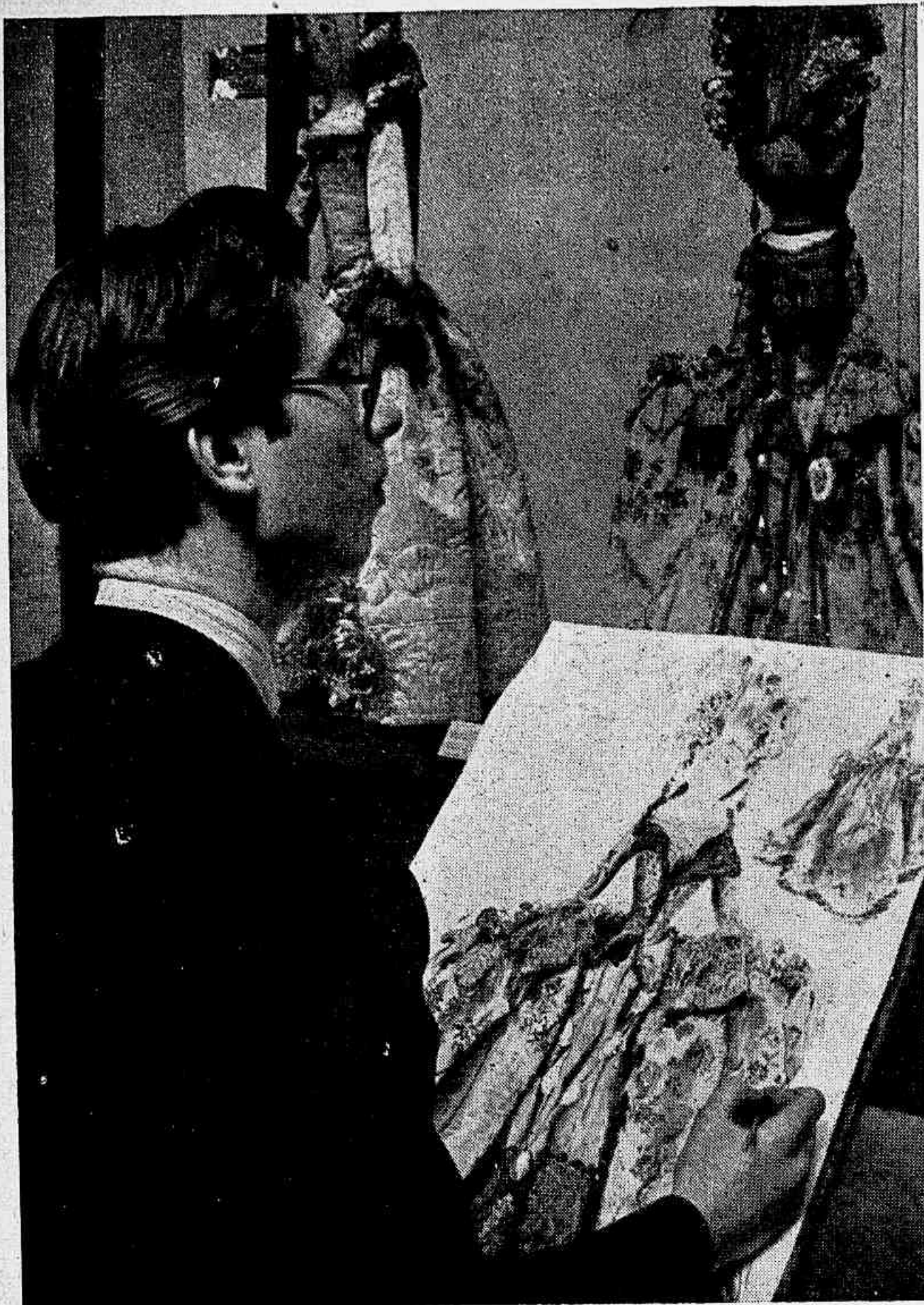
poderiam ocasionar o afastamento de qualquer desses grandes e famosos desenhistas de vestidos femininos, causando nos meios elegantes uma crise tão séria como causa na Bolsa uma queda de preços em ações de primeira ordem.

Para prevenir os riscos, os imprevistos do "amanhã", foi que criaram a "Escola de Arte São Martinho", situada em Charing Cross Road, em Londres.

E' nesse grande estabelecimento de desenhistas para modas femininas que os jovens estudantes fazem um curso severo para que, de futuro, possam substituir os Fath, os Lelong, os Dior...



A esquerda: Vista da classe em aula, quando se inspiravam no modelo de chapéu imitado pelo colega Maurice Slater. A direita: Alunos chegando ao Museu "Victoria", em Kensington, onde fazem estudos, passando o dia inteiro nos seus salões



Com 19 anos, Bernard Shearer, estuda, nos Museus de Arte, a moda antiga e já teve modelos aceitos para 1949



Este é Maurice Slater, um dos estudantes masculinos de "St. Martins School" e que dirigiu tanques na guerra



Miss Renate Ruhemann, à esquerda, Bernard Shearer e Margaret Smith, desenharam no Museu "Victoria and Albert"



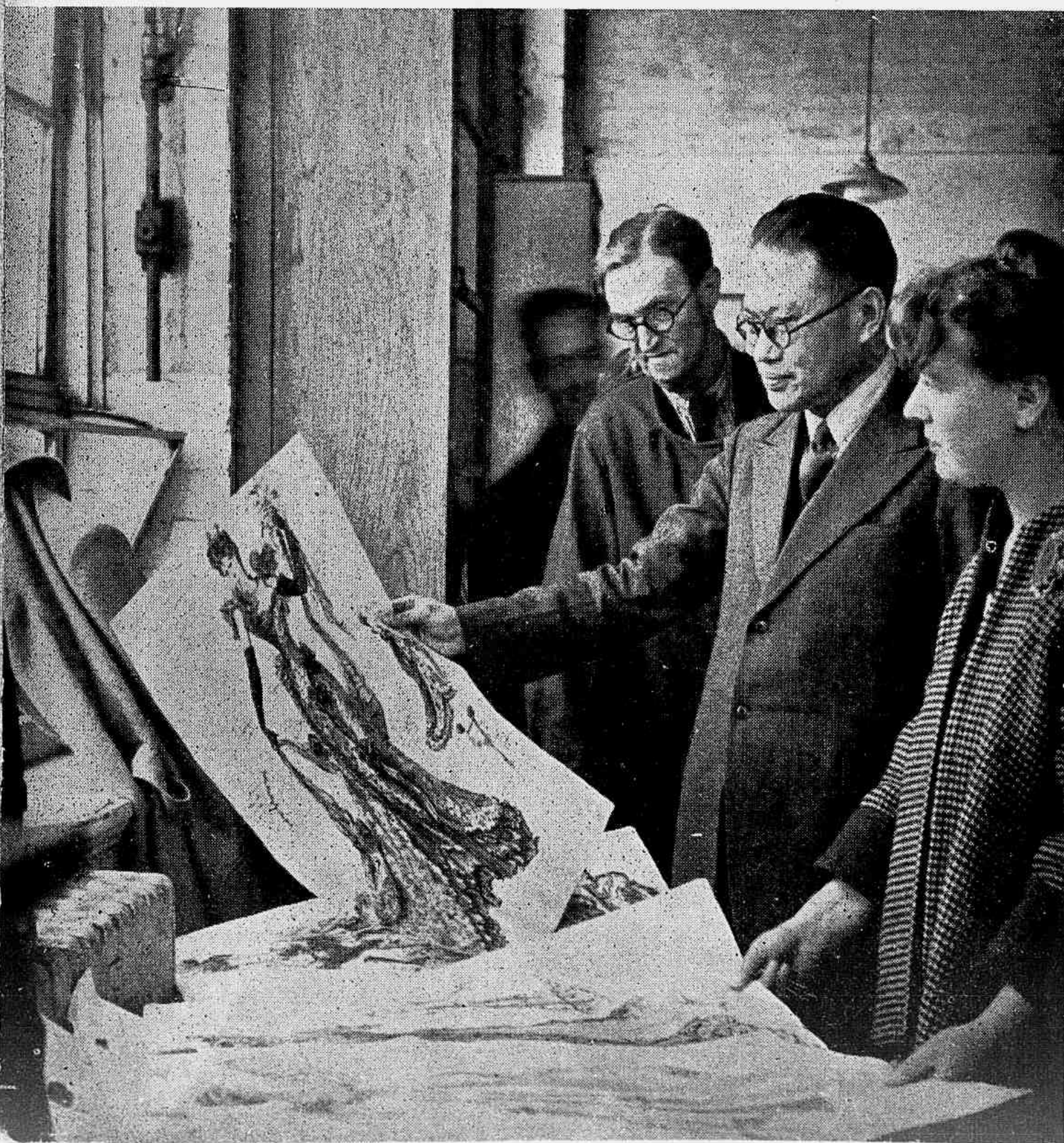
Não pense que a da esquerda é Betty Davies disfarçada. É Miss Odile Speed, que mostra suas criações à mestra



Bernard Shearer, um aluno que já é um astro na Escola, experimentando sua criação na colega Joan Dare



Ao alto: Aula de corte, desenho e modelos, uma das mais vivas entre os estudantes, no meio da maior camaradagem. Em baixo: o dr. Stephan Wang, de Tangchan, China, visita a Escola e examina um modelo criado por Miss Pemperton



Estudantes fazendo vestidos com seus próprios desenhos, com Peter P. Norris, na máquina, um dos melhores da classe

A média das idades entre os matriculados de ambos os sexos é de dezenove anos, e muitos deles, rapazes e moças, vêm dos mais longínquos distritos da Grã-Bretanha: uns de famílias ricas, outros de gente pobre, modesta, humilde. Todos, porém, demonstram talento para as artes, belo espírito de coleguismo e — o que é o mais importante — decidida dedicação à vida da Escola, suas regras, seu regime, sua disciplina.

Desde que ali chegam e empunham seus instrumentos para desenhar, enchem-se os alunos deste natural desejo de quem procura progredir; sonham com a glória de ver, um dia, seus modelos aprovados e usados pelo mundo elegante...

Criar uma moda! Lançar um modelo para as mulheres e vê-lo pelas ruas, pelos clubes, pelos casamentos, nos teatros, nas "soirées", no "garden-party", no mundo "chic" dos salões, nas cerimônias...

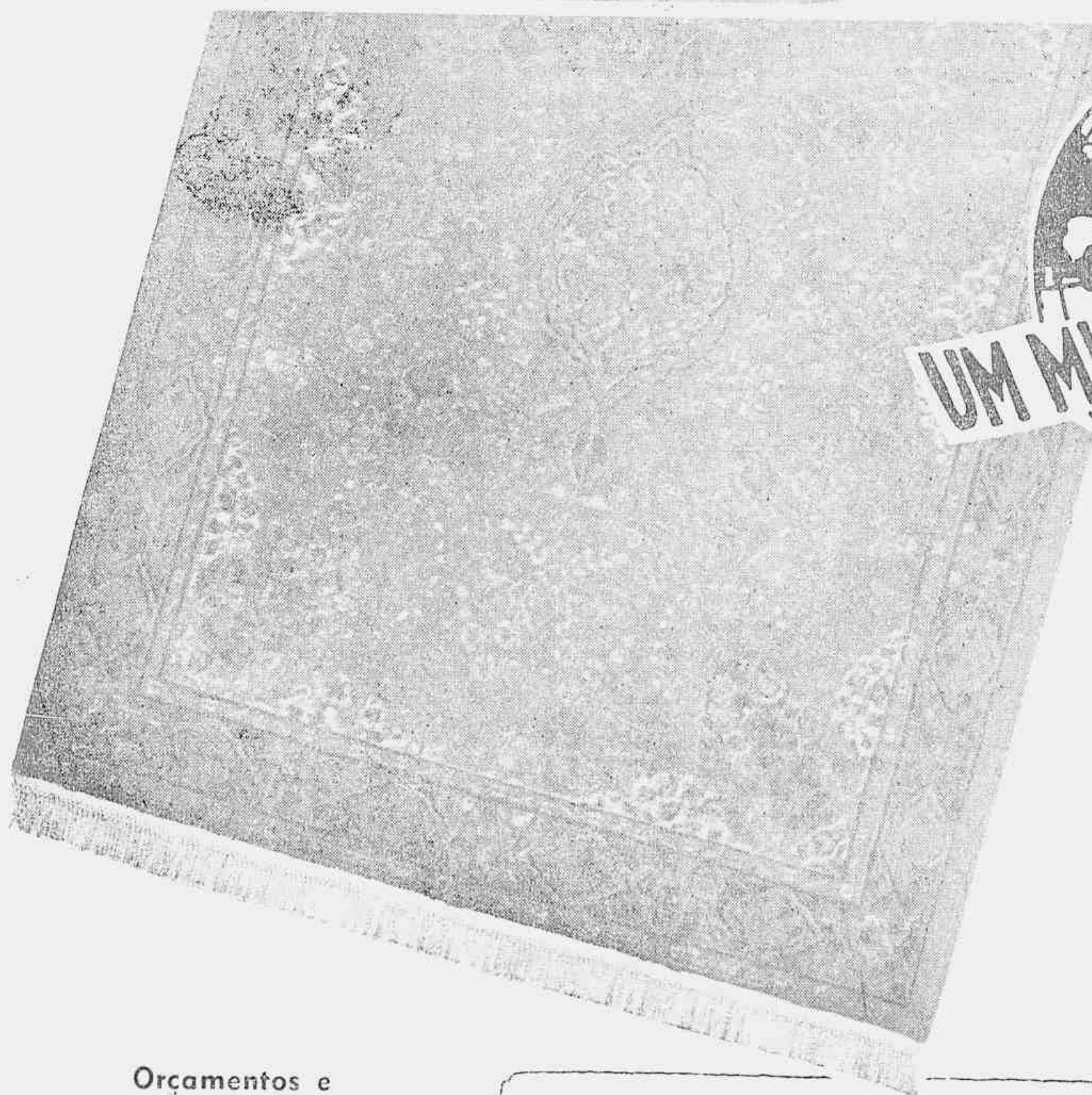
ser um criador de modas! Para que maior glória, mais sensacional ambição do que isto no espírito de um jovem estudante da "St. Martins School of Art" de Charing Cross Road?

Os professores deixam aos alunos o direito, a liberdade de conceber e desenhar seus próprios modelos, escolher o material de que necessitem e exibi-los. Têm, especialmente, em mira obter o diploma de desenhistas, conferido pelo Ministério da Educação da Inglaterra, com o que são considerados, de fato e de direito, profissionais do desenho e perfeitamente qualificados para exercer o magistério da Arte no país. Com esse diploma, estão aptos ainda a exercer o cargo de peritos, avaliadores e desenhistas em qualquer casa do gênero, "atelier" de modas, etc.

(Continua na pág. 52)

A modelo profissional Elisabeth Condry, posa para alunas que modelam a criação do colega Dick Bentley





VENDA ESPECIAL

de
Tapetes e Passadeiras
francêses
inglês
tchecos
orientais
portuguêses e
nacionais
recebidos diretamente das
fábricas

Orçamentos e
sugestões, executados
por
técnicos-decoradores

★ TAPETES ★
★ PASSADEIRAS ★

★ MOVEIS E DECORAÇÕES ★

★ TECIDOS ★
★ NOVIDADES ★

ASA UNES

65 • RUA • S. RIO • DA • CARIOCA • 67

A moda varia...



...mas
a preferência pelos
cigarros **Continental**
permanece

Há mais de 15 anos Continental
é o cigarro de qualidade mais
vendido em todo o Brasil

Sim — o colarinho duro e muitas outras coisas já saíram de moda... mas a popularidade absoluta dos cigarros Continental permanece inalterada. Os cigarros Continental sempre se mantiveram **uniformes**

em qualidade e paladar. Hoje, melhores do que nunca, os cigarros Continental crescem na preferência do público — e, hoje como ontem, Continental é o cigarro de qualidade, mais vendido no Brasil.

Cigarros

Continental

- uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**



Lisos ou com ponteira